



KHALIL GIBRAN

L&PM POCKET

Jesus, o Filho do Homem



KHALIL GIBRAN

L&PM POCKET

Jesus, o Filho do Homem

KHALIL GIBRAN

Jesus, o Filho do Homem

Tradução de BRUNO ALEXANDER

L&PM

Jesus o Filho do Homem

Suas palavras e ações de acordo com o relato e registro de quem o
conheceu

Tiago, o filho de Zabedeu

Sobre os reinos do mundo

Era um dia de primavera, e Jesus estava no mercado de Jerusalém, falando sobre o reino dos céus à multidão que ali se encontrava.

Ele acusava os escribas e os fariseus de colocar armadilhas e obstáculos no caminho daqueles que anseiam pelo reino dos céus. E os denunciava.

Eis que no meio da multidão havia um grupo de homens que defendia os fariseus e os escribas, e esses homens tentaram agarrá-lo, e a nós também, mas ele conseguiu se esquivar, dirigindo-se ao portão norte da cidade.

Então nos disse:

– Minha hora ainda não chegou. Muitas são as coisas que ainda tenho a vos dizer e muito ainda hei de fazer antes de me entregar ao mundo.

E foi com alegria e jovialidade na voz que falou:

– Vamos para o norte, ao encontro da primavera. Acompanhai-me às colinas, pois já findou o inverno, e a neve do Líbano está descendo aos vales para ir cantar junto aos riachos. Os campos e os vinhedos venceram o sono e, despertados, saúdam o sol com figos verdes e tenras uvas.

Jesus seguiu adiante, e nós fomos atrás, naquele dia e no outro.

Na tarde do terceiro dia, chegamos ao cume do monte Hermon, onde ele ficou a contemplar as cidades das planícies lá embaixo. Seu rosto brilhava como ouro derretido. Esticando os braços, disse:

– Observai a terra com seu traje verde e reparai como os rios adornaram de prata as bordas dessa veste! De fato, a terra é bela e tudo o que há sobre

ela é belo. Mas existe um reino além de tudo o que conseguis ver, e ali eu hei de reinar. Se assim o decidirdes, se for esse vosso desejo, podereis reinar comigo. Meu rosto e vossos rostos não terão máscaras. Nossas mãos não empunharão espadas, nem cetros, e nosso povo nos amará em paz, sem medo de nós.

Assim falou Jesus, e eu fiquei cego para todos os reinos da terra, para todas as cidades de muros e torres, e resolvi, no íntimo, seguir o Mestre a seu reino.

Nesse momento, Judas Iscariotes se manifestou. Aproximou-se de Jesus e disse:

– Devemos lembrar que os reinos do mundo são vastos e que as cidades de Davi e Salomão devem prevalecer contra os romanos. Se quiseres ser o rei dos judeus, ficaremos do teu lado, carregando espada e escudo, para vencer o forasteiro.

Ao ouvir essas palavras, Jesus se voltou para Judas, e havia ira em seu rosto.

– Afasta-te de mim, Satanás! – trovejou. – Achas que vim aqui para reinar sobre um formigueiro por um dia? Meu trono está muito além do que consegues enxergar. Deverá aquele cujas asas circundam a terra procurar abrigo num ninho abandonado e esquecido? Deverão os vivos ser honrados e exaltados por aqueles envoltos em mortalhas? Meu reino não é deste mundo, e meu trono não foi construído sobre os crânios de vossos ancestrais. Se buscais algo que não seja o reino espiritual, é melhor me deixar aqui e descer ao túmulo de vossos mortos, onde as cabeças coroadas de outrora são cortejadas por seus bajuladores, e onde talvez ainda prestem homenagem aos ossos de vossos antepassados. Como ousas me tentar com uma coroa feita de escória, quando minha fronte anseia pelas Plêiades ou

até por vossos espinhos? Não fosse pelo sonho de uma raça esquecida, eu não sofreria com vosso sol, que nasce sobre minha paciência, nem com vossa lua, que lança minha sombra em vossa senda. Não fosse pelo desejo de uma mãe, eu teria me desfeito dos cueiros e voltado para o infinito. Não fosse pelo sofrimento de todos vós, e eu não teria ficado aqui, para chorar. Quem és e o que és tu, Judas Iscariotes? Por que desejas me seduzir? Acaso me pesaste numa balança e concluíste que devo liderar legiões de pigmeus e dirigir carruagens de criaturas disformes contra um inimigo que se assenta somente sobre vosso ódio e não marcha a não ser sobre vosso medo? Muitos são os vermes que rastejam sob meus pés, mas não os combaterei. Estou cansado de pilhérias e de sentir pena desses seres baixos que me consideram covarde por não transitar entre suas muralhas e torres. É uma pena que eu tenha de sentir pena até o fim. Quem me dera desviar meus passos a um mundo maior, onde habitam homens maiores. Mas como? Vossos sacerdotes e vossos imperadores querem meu sangue. E eles ficarão satisfeitos quando eu for embora daqui. Não mudarei o rumo da lei. E não governarei a insensatez. Que a ignorância se reproduza até se fartar de sua própria descendência. Que os cegos conduzam os cegos ao buraco. E que os mortos enterrem os mortos até sufocar a terra com seu próprio fruto, cheio de amargor! Meu reino não é deste mundo. Meu reino estará onde dois ou três de vós se reunirem em comunhão de amor, maravilhados diante da beleza da vida, alegres, em minha memória.

De repente, virou-se para Judas e exclamou:

– Afasta-te de mim, homem. Teus reinos jamais farão parte de meu reino.

Escurecia.

– Vamos descer – disse ele, dirigindo-se a nós. – A noite já se avizinha.

Caminhemos na luz, enquanto ainda temos luz.

Desceu as colinas, e nós o seguimos. Judas veio atrás, afastado de nós.

Quando chegamos à planície, já era noite.

Tomé, o filho de Diófanés, disse:

– Mestre, está escuro, e não conseguimos mais enxergar o caminho à nossa frente. Se for de tua vontade, leva-nos na direção das luzes daquele povoado, onde talvez possamos comer e nos hospedar.

Jesus respondeu a Tomé:

– Conduzi-vos às alturas quando sentíeis fome e vos trouxe de volta à planície com mais fome ainda, mas não posso ficar convosco esta noite. Preciso ficar sozinho.

Simão Pedro deu um passo à frente e pediu:

– Mestre, não nos desampares, deixando-nos seguir sozinhos na escuridão. Permite que fiquemos contigo mesmo aqui, neste atalho. A noite e suas sombras não durarão, e a manhã logo chegará, se ficares conosco.

Jesus respondeu:

– Esta noite, as raposas terão suas tocas, os pássaros, seus ninhos, e o Filho do Homem não tem lugar na terra onde recostar a cabeça. E preciso ficar só. Se precisardes de mim, podereis encontrar-me de novo no lago em que vos encontrei.

Nesse momento, despedimo-nos dele com o coração apertado: não queríamos deixá-lo.

Muitas vezes, paramos e viramos o rosto em sua direção, e o vimos em sua solitária majestade, rumo ao oeste. O único de nós que não se virou para observá-lo em sua solidão foi Judas Iscariotes.

A partir daquele dia, Judas ficou carrancudo e distante. E me parecia que havia perigo na órbita de seus olhos.

Ana, a mãe de Maria

Sobre o nascimento de Jesus

Jesus, o filho de minha filha, nasceu aqui em Nazaré, no mês de janeiro. Na noite em que Jesus nasceu, fomos visitados por homens do Oriente. Eram persas que vinham a Esdrelão com as caravanas dos midianitas a caminho do Egito. Como não encontraram quartos na hospedaria, vieram procurar hospedagem em nossa casa.

Dei-lhes as boas-vindas e disse:

– Minha filha deu à luz um filho esta noite. Perdoai-me se não vos recebo como uma anfitriã deveria receber.

Eles agradeceram pela hospedagem, e, depois do jantar, disseram:

– Gostaríamos de ver o recém-nascido.

O Filho de Maria era muito bonito, e ela também era bela.

Quando os persas viram Maria e seu filho, tiraram ouro e prata de suas bolsas, além de mirra e incenso, e colocaram tudo aos pés do bebê. Depois, caíram de joelhos e oraram num idioma estranho, que não entendemos.

Ao levá-los ao quarto preparado para eles, observei que caminhavam em estado de reverência e admiração pelo que tinham acabado de ver.

Eles partiram ao raiar do dia, seguindo com a caravana rumo ao Egito. Antes, porém, disseram-me:

– O bebê só tem um dia de vida, mas vimos a luz de nosso Deus em seus olhos e o sorriso de nosso Deus em seus lábios. Pedimos que o protejas, e ele protegerá a todos vós.

Em seguida, montaram em seus camelos, e não os vimos mais.

Maria parecia mais maravilhada e surpresa com seu primogênito do que alegre. Ficava um bom tempo olhando para o filho, e então virava o rosto para a janela e fitava o céu, à distância, como se estivesse tendo visões.

E se estendiam vales entre seu coração e o meu.

O menino cresceu em corpo e espírito, e era diferente das outras crianças. Arredio e teimoso, eu não conseguia controlá-lo.

Mesmo assim, ele era amado por todo mundo em Nazaré, e, no fundo, eu sabia por quê. Muitas vezes, ele pegava da nossa comida para dar aos transeuntes, ou entregava a outras crianças os doces que eu lhe dera, antes mesmo de prová-los.

Subia nas árvores do pomar para colher os frutos, mas nunca com a intenção de comê-los ele mesmo. Quando apostava corrida com os outros meninos, por ser mais veloz, demorava-se para deixar que eles chegassem antes. E às vezes, quando eu o levava para a cama, falava:

– Diz para a minha mãe e para os outros que só o meu corpo dormirá. Meu espírito estará com eles, até que o espírito deles venha a mim de manhã.

E ele disse muitas outras coisas maravilhosas na infância, mas estou velha demais para lembrar.

Dizem-me que não o verei mais. Mas como posso acreditar no que eles dizem?

Ainda ouço sua risada e o som de seus passos, correndo pela casa. E sempre que beijo minha filha no rosto, sua fragrância regressa a meu coração, e é como se seu corpo preenchesse meus braços.

Não é estranho, contudo, que minha filha não fale de seu primogênito comigo? Às vezes, parece que anseio por ele mais do que ela. Ela consegue

permanecer firme ao longo do dia, feito uma escultura de metal, enquanto meu coração se funde e escorre, formando rios.

Talvez ela saiba algo que eu não sei. Quem dera ela me pudesse me contar.

Assaf, o orador de Tiro

Sobre as palavras de Jesus

O que posso dizer de sua maneira de falar? Talvez algo em sua personalidade desse poder a suas palavras e arrebatasse aqueles que o ouviam. Pois ele era belíssimo: tinha o resplendor do dia no semblante.

Homens e mulheres ficavam a contemplá-lo, e o que ele dizia importava menos. Mas às vezes ele falava com uma força de espírito que prendia todos os presentes.

Cheguei a ouvir, na juventude, os oradores de Roma, Atenas e Alexandria, mas o jovem Nazareno era diferente de todos eles. Os outros sabiam reunir palavras de modo a cativar o ouvido. Quando o escutamos, porém, nosso coração nos abandona o peito, indo visitar, encantado, outras regiões ainda inexploradas.

Ele contava histórias e parábolas jamais ouvidas na Síria. Parecia tecê-las com base nas estações, como o tempo, que tece os anos e o passar das gerações. Assim começava: “O lavrador saiu ao campo para plantar suas sementes”, ou: “Era uma vez um homem rico que tinha muitos vinhedos”, ou ainda: “Um pastor contava suas ovelhas à noite quando deu pela falta de uma”. E essas palavras conduziam os ouvintes à sua essência mais simples, a um passado longínquo. Por dentro, somos todos lavradores, todos amamos vinhedos. Nos campos férteis da memória, há sempre um pastor, um rebanho, uma ovelha perdida; e há também um arado, um lagar de vinho, uma eira. Ele conhecia a fonte de nosso antigo ser e o fio resistente que

costura a trama do que somos.

Os oradores gregos e romanos discursavam sobre a existência de forma racional. O Nazareno falava de um anseio mais profundo, instalado no coração. Os outros viam a vida com um pouco mais de clareza do que nós. Ele via tudo à luz de Deus.

Costumo dizer que ele falava à multidão como uma montanha falaria com as planícies que a circundam. E em sua fala havia uma força que os oradores de Atenas ou de Roma não dominavam.

Maria Madalena

Sobre o primeiro encontro com Jesus

Vi-o pela primeira vez em junho. Ele caminhava pelas plantações de trigo, quando passei por perto com minhas criadas. Ele estava só.

O ritmo de seus passos não se comparava com o de outros homens, e jamais vi um corpo mover-se como o seu. Homens não pisam a terra daquela maneira. Até agora não sei se ele ia rápido ou devagar.

Minhas criadas apontaram para ele, cochichando timidamente umas com as outras. Eu parei por um momento e levantei o braço para saudá-lo, mas ele não virou o rosto, nem sequer me olhou. Como o odiei nesse momento! Retraí-me, fria como se tivesse atravessado uma nevasca. Eu tremia.

Naquela noite, sonhei com ele. Contaram-me depois que cheguei a gritar enquanto dormia e que meu sono havia sido agitado.

Foi em agosto que voltei a vê-lo, pela janela. Ele estava sentado à sombra de um cipreste, do outro lado de meu jardim, imóvel, como se tivesse sido esculpido em pedra, feito as estátuas de Antióquia e outras cidades do norte.

Minha escrava egípcia veio até mim e disse:

– Aquele homem está aqui de novo. Está sentado em teu jardim.

Olhei para ele e minha alma estremeceu, porque ele era muito bonito. Seu corpo era singular, cada parte parecia amar as outras partes. Então, vesti meu traje de Damasco, saí de casa e fui em sua direção.

Era minha solidão ou sua fragrância o que me atraía nele? Eram meus olhos sedentos que ansiavam por beleza ou sua beleza que buscava a luz de

meus olhos? Até agora não sei.

Aproximei-me dele com minhas roupas perfumadas e minhas sandálias douradas, as sandálias que o capitão romano tinha me dado. Essas sandálias mesmo. Já à sua frente, disse-lhe:

– Bom dia.

– Bom dia, Maria – respondeu ele. E me olhou, com aqueles olhos noturnos, de um modo que nenhum homem jamais tinha me olhado. De repente, senti-me nua e envergonhada. Mas ele só havia dito isso: “Bom dia”.

– Não queres vir à minha casa? – perguntei.

E ele respondeu:

– Não estou já em tua casa?

No momento, não entendi o que ele queria dizer com aquilo, mas agora entendo.

– Não queres partilhar o pão e o vinho comigo? – perguntei.

– Sim, Maria, mas não agora.

Não agora, não agora, disse ele. E era a voz do mar que se fazia ouvir nessas duas palavras, a voz do vento e a voz das árvores. E quando ele pronunciou essas duas palavras, a vida falou com a morte. Pois saiba, meu amigo, eu estava morta. Eu era uma mulher divorciada de sua alma. Vivia afastada desse ser que vês agora. Pertencia a todos os homens e a nenhum. Chamavam-me de prostituta, uma mulher possuída por sete demônios. Fui amaldiçoada e era invejada.

Mas quando seus olhos alvorecentes olharam nos meus, todas as estrelas de minha noite se apagaram, e eu me tornei Maria, somente Maria, uma mulher perdida para o mundo que tinha conhecido, encontrando-se em novos lugares.

– Vem à minha casa partilhar o pão e o vinho comigo – repeti o convite.
– Por que me pedes que seja teu convidado? – ele quis saber.
– Imploro-te que venhas à minha casa – respondi. E tudo o que era relva em mim e tudo o que em mim era céu clamava por ele.

Então, ele me olhou, com os olhos de meio-dia, e disse:

– Tu tens muitos amantes, mas apenas eu te amo de verdade. Os outros homens amam a si mesmos quando estão perto de ti. Eu te amo por ti mesma. Os outros homens veem em ti uma beleza que desaparecerá antes deles. Mas eu vejo em ti uma beleza permanente, e, no outono de teus dias, essa beleza não precisará ter medo de se olhar no espelho, e ela não será abalada. Só eu amo o que não se pode ver em ti.

Nesse momento, ele disse, com a voz baixa:

– Vai agora. Se este cipreste é teu e não queres que me sente à sua sombra, seguirei meu caminho.

– Mestre, vem à minha casa – insisti. – Tenho incenso para queimar para ti e uma bacia de prata para lavar teus pés. És um estrangeiro, mas não um estranho. Suplico-te: vem à minha casa.

Ele se levantou, olhou para mim como as estações olham para os campos e sorriu.

– Todos os homens te amam pelo que eles são – disse mais uma vez. – Eu te amo pelo que tu és.

E foi embora.

Nenhum outro homem jamais andou como ele andava. Foi uma brisa formada ali no meu jardim que se encaminhou para o oeste? Ou terá sido um vendaval que abala todos os alicerces?

Eu não sabia, mas naquele mesmo dia o ocaso de seus olhos matou o dragão em mim e me tornei mulher, me tornei Maria: Maria Madalena.

Filemon, o farmacêutico grego

Sobre Jesus, o Mestre da medicina

O Nazareno foi o maior médico de seu povo. Nenhum outro homem sabia tanto de nosso corpo, seus elementos e suas propriedades quanto ele.

Ele conseguiu curar pessoas de doenças que gregos e egípcios desconheciam. Dizem até que ele ressuscitou os mortos. Verdade ou não, isso mostra seu poder, pois somente àquele que realizou grandes façanhas atribuem-se façanhas maiores ainda.

Dizem também que Jesus visitou a Índia e o país entre os dois rios, e que ali os sacerdotes lhe revelaram a ciência de tudo o que está oculto nas reentrâncias de nossa carne. Mesmo assim, esse conhecimento pode ter sido revelado a ele diretamente pelos deuses, não pelos sacerdotes. Pois aquilo que se manteve oculto da humanidade por eras pode ser revelado a um único homem num instante. E Apolo pode colocar a mão no coração do ignorante e torná-lo sábio.

Muitas portas estavam abertas para os habitantes de Tiro e Tebas, e para esse homem também certas portas fechadas se abriram. Ele entrou no templo da alma, que é o corpo, e olhou de frente tanto para os maus espíritos, que conspiram contra nossos nervos, quanto para os espíritos bons, que tecem seus fios.

A meu ver, ele curava os doentes com o poder da oposição e da resistência, mas de um modo desconhecido por nossos filósofos. Espantava a febre com seu toque gelado de neve, e a febre cedia; surpreendia com sua

calma os membros enrijecidos, que descontraíam em sua presença, curando-se.

Ele conhecia a seiva que escorre no tronco sulcado, mas como chegava a ela com os dedos, não sei. Conseguia entrever o aço intacto por debaixo da ferrugem, mas como desoxidava a espada e a fazia brilhar, ninguém é capaz de dizer.

Às vezes, tenho a impressão de que ele ouvia a dor murmurante de todas as coisas que crescem sob o sol e, então, as erguia e sustentava, não só com seu conhecimento, mas expondo-as à própria força que elas têm, de amadurecimento e cura.

No entanto, ele não se dedicou tanto à medicina. Preocupava-se mais com a religião e a política dessa terra. E isso eu lamento, pois, de tudo o que é necessário, não há nada mais importante do que a saúde. Mas esses sírios, quando ficam doentes, preferem uma discussão a um remédio. E é uma pena que o maior de todos os seus médicos tenha decidido ser somente alguém que faz sermões em praça pública.

Simão, que foi chamado de Pedro

Quando ele e o irmão foram chamados

Eu estava à beira do mar da Galileia quando vi Jesus, meu Senhor e meu Mestre, pela primeira vez.

Meu irmão André estava comigo. Jogávamos nossa rede nas águas. Como as ondas estavam altas e fortes, pegávamos poucos peixes, e isso nos entristecia.

De repente, Jesus apareceu do nosso lado, como se tivesse se materializado naquele mesmo instante, pois não o vimos se aproximar. Chamou-nos por nossos nomes e disse:

– Se me seguirdes, vos conduzirei a uma enseada cheia de peixes.

Ao olhar para seu rosto, a rede caiu de minhas mãos, pois uma chama se acendeu dentro de mim e o reconheci.

– Conhecemos todas as enseadas desta costa – disse meu irmão André – e sabemos que num dia de vento como este os peixes buscam uma profundidade que está além do alcance de nossas redes.

– Segui-me até a orla de um mar maior. Farei de vós pescadores de homens. E vossa rede jamais ficará vazia.

Abandonamos nosso barco e nossa rede e o seguimos.

Eu, pessoalmente, fui atraído por uma força invisível que o acompanhava. Caminhei a seu lado, com uma emoção de tirar o fôlego, completamente embevecido, e meu irmão André vinha atrás, perplexo, impressionado. Enquanto andávamos na areia, tomei coragem e disse a ele:

– Senhor, eu e meu irmão seguiremos teus passos aonde quer que vás. Se for de teu agrado vir à nossa casa hoje à noite, ficaremos honrados com tua visita. Nossa casa não é grande, nosso teto não é alto, e comerás uma refeição frugal. Mas se vieres a nosso casebre, ele será para nós como um palácio. E se partires o pão em nossa mesa, nós, em tua presença, seremos invejados pelos príncipes da terra.

– Sim. Serei vosso hóspede hoje à noite – respondeu ele.

Meu coração se encheu de alegria.

Caminhamos atrás dele, em silêncio, até chegarmos à nossa casa. Antes de entrar, Jesus disse:

– Paz para esta casa e para aqueles que moram aqui.

Ele entrou, e nós o seguimos.

Minha esposa, minha sogra e minha filha se apresentaram perante ele e o reverenciaram. Ajoelharam-se à sua frente e beijaram a barra de sua túnica. Estavam abismadas que ele, o escolhido e bem-amado, era nosso convidado. Pois elas já o tinham visto no rio Jordão, quando João Batista o batizou diante do povo.

De imediato, minha esposa e minha sogra começaram a preparar o jantar.

Meu irmão André era um homem tímido, mas sua fé em Jesus era mais profunda do que a minha.

E minha filha, que tinha apenas doze anos na época, postou-se a seu lado e segurou em sua roupa, como se temesse que ele fosse embora e desaparecesse noite afora. Agarrava-se nele como uma ovelha desgarrada que, por fim, encontrava seu pastor.

Sentamo-nos à mesa, ele partiu o pão e serviu o vinho. Dirigindo-se a nós, disse:

– Meus amigos, agradei-me partilhando dessa refeição comigo, assim

como o Pai nos agraciou ao concedê-la a nós.

Ele falou essas palavras antes de tocar no pão, seguindo um antigo costume, de que o convidado de honra se torna o anfitrião. Sentados ali, em volta daquela mesa com ele, sentíamos-nos como se estivéssemos no banquete de um grande rei.

Minha filha Petronila, que era pequena e não tinha ainda discernimento, olhava para ele, acompanhando o movimento de suas mãos, com os olhos rasos d'água.

Quando ele saiu da mesa, nós o seguimos até a pérgula do jardim e nos sentamos em volta dele. Ele falava, nós ouvíamos, com o coração agitado dentro do peito, como um pássaro adejante. Ele falou do segundo nascimento do homem, da abertura dos portões celestiais, de anjos que desciam e traziam paz e alegria a todos os homens e de outros anjos que subiam ao trono de Deus levando consigo os anseios dos homens.

Então, ele olhou firme em meus olhos, chegando ao fundo de meu coração, e disse:

– Escolhi a ti e a teu irmão, e deveis vir comigo. Trabalhastes muito e vos sobrecarregastes. Agora vos darei descanso. Tomai sobre vós meu jugo e aprendei de mim, pois em meu coração há paz, e vossas almas encontrarão abundância e acolhimento.

Quando ele falou isso, eu e meu irmão nos levantamos, e eu lhe disse:

– Mestre, nós te seguiremos até os confins da terra. Mesmo que nosso fardo seja pesado como uma montanha, nós o carregaremos com alegria a teu lado. E se cairmos na berma da estrada, saberemos que caímos a caminho do céu, e ficaremos satisfeitos.

E meu irmão disse:

– Mestre, seremos fios entre tuas mãos e teu tear. Tece-nos como queiras,

para que possamos fazer parte do manto do Altíssimo.

Minha esposa ergueu o rosto, com lágrimas de alegria escorrendo dos olhos, e exclamou:

– Bendito sejas tu, que vieste em nome do Senhor! Bendito seja o ventre que te carregou e o peito que te amamentou!

Minha filha, que tinha somente doze anos, estava sentada a seus pés, aninhada junto a ele. Minha sogra, sentada na soleira da porta, não disse nada. Chorava em silêncio, encharcando o xale com lágrimas.

Jesus aproximou-se dela, levantou seu rosto e disse:

– És a mãe de todos aqui. Choras de alegria, e eu guardarei tuas lágrimas em minha memória.

Nesse momento, a lua despontou no horizonte. Jesus a contemplou por um momento e se virou para nós.

– Já está tarde. Ide para a cama, e que Deus abençoe vosso repouso. Ficarei aqui até a aurora. Lancei minha rede e pesquei dois homens. Estou feliz. Desejo que tenhais uma boa noite.

Minha sogra ainda disse:

– Preparamos tua cama aqui em casa. Peço-te que entres e descanses.

Ele respondeu:

– De fato, preciso de descanso, mas não debaixo de um teto. Deixai-me dormir esta noite sob o dossel das videiras e as estrelas.

Minha sogra correu para levar o colchão, os travesseiros e as cobertas para fora. Ele sorriu para ela e disse:

– Eis que me deitarei numa cama preparada duas vezes.

Então o deixamos e entramos. Minha filha foi a última a entrar. Ficou olhando fixo para ele até eu fechar a porta.

Foi assim que conheci meu Senhor e meu Mestre. E embora isso tenha

acontecido há muito anos, lembro-me como se tivesse sido hoje.

Caifás

O sumo-sacerdote

Para falar desse homem, Jesus, e de sua morte, devemos chamar a atenção para dois fatos importantes: precisamos proteger a Torá, e este reino precisa ser protegido por Roma.

Esse homem, porém, representava uma ameaça para nós e para Roma. Envenenou a mente de pessoas simples, pondo-as, como num passe de mágica, contra nós e contra o César.

Meus próprios escravos, tanto homens quanto mulheres, depois de ouvi-lo falar em praça pública, tornaram-se arredios e rebeldes. Alguns abandonaram minha casa e fugiram para o deserto, de onde vieram.

Não devemos nos esquecer de que a Torá é nossa fundação e nossa fortaleza. Ninguém será capaz de nos derrotar enquanto tivermos essa força para deter suas mãos, ninguém poderá destruir Jerusalém enquanto suas muralhas estiverem erguidas sobre as antigas pedras dispostas por Davi.

Para a semente de Abraão sobreviver e prosperar, este solo deve permanecer puro. E esse homem, Jesus, era um conspurcador e um corruptor. Nós o matamos de propósito, com a consciência limpa. E mataremos todo aquele que violar as leis de Moisés ou tentar difamar nossa herança sagrada.

Nós e Pôncio Pilatos sabíamos do perigo que havia nesse homem e julgamos prudente acabar com ele. Cuidarei para que seus seguidores tenham o mesmo fim, e que o eco de suas palavras termine no mesmo

silêncio.

Se a Judeia quiser continuar viva, todos os homens que se opõem a ela devem ser destruídos. E antes que a Judeia morra, cobrirei minha cabeça grisalha com cinzas, como fez o profeta Samuel, rasgarei estas vestes de Aarão e me enrolarei em sacos de aniagem até o fim de meus dias.

Joana, a esposa do mordomo de Herodes

Sobre crianças

Jesus nunca se casou, mas era amigo das mulheres e as compreendia como elas merecem ser compreendidas: com doce companheirismo.

Amava as crianças como elas merecem ser amadas: com confiança e empatia. Na luz de seus olhos havia um pai, um irmão e um filho. Ao colocar uma criança no colo, dizia:

– Delas vêm a vossa força e a vossa liberdade. Delas é o reino espiritual.

Dizem que Jesus não observava a lei de Moisés e que ele era indulgente demais com as prostitutas de Jerusalém e dos arredores. Eu mesma fui considerada uma prostituta naquela época, pois amei um homem que não era meu marido. Era um saduceu. E um dia os saduceus vieram atrás de mim em minha casa, e meu amante estava comigo. Prenderam-me e levaram-me. Meu amante conseguiu escapar, deixando-me só.

Conduziram-me à praça pública, onde Jesus ensinava. Queriam me usar para testá-lo e fazê-lo cair numa armadilha. Mas Jesus não me julgou. Ao contrário, envergonhou aqueles que me envergonhavam e os censurou. Em seguida, liberou-me.

Depois de tudo isso, todo fruto insípido da vida se tornou doce em minha boca, e as flores que nunca tiveram cheiro perfumaram minhas narinas. Passei a ser uma mulher de memória imaculada. Eu era livre. E jamais voltei a baixar a cabeça.

Rebeca

A noiva de Caná

Isso aconteceu antes que ele se tornasse conhecido ao povo.

Eu estava no jardim da casa de minha mãe cuidando do roseiral quando ele parou em nosso portão.

– Estou com sede – disse ele. – Poderia me dar um pouco de água de teu poço?

Corri para dentro e voltei com uma taça de prata, que enchi de água e coloquei ainda algumas gotas de jasmim. Ele tomou tudo e ficou satisfeito. Então, olhou-me nos olhos e disse:

– Bendita sejas!

Quando ele falou isso, senti uma rajada de vento percorrer-me o corpo inteiro. Perdi o acanhamento e resolvi consultá-lo:

– Senhor, estou noiva de um homem de Caná, na Galileia, e nos casaremos no quarto dia da semana que vem. Não poderias vir às bodas e agraciar meu casamento com tua presença?

– Estarei presente, minha filha – respondeu ele.

“Minha filha”, ele disse, embora fosse muito novo e eu já estivesse com quase vinte anos. Depois, seguiu seu caminho pela estrada. Fiquei ali, no portão de nosso jardim, até minha mãe me chamar de dentro de casa.

No quarto dia da semana seguinte, fui levada à casa de meu noivo e entregue a ele em casamento.

Jesus foi, e, com ele, sua mãe e seu irmão Tiago. Sentaram-se em torno

da mesa junto aos nossos convidados, enquanto minhas donzelas de honra entoavam as canções nupciais do rei Salomão. Jesus comeu de nossa comida, bebeu de nosso vinho, sorrindo para mim e para todos. E ouvia as canções que falavam do amante que leva a amada para sua tenda, do jovem vinheiro apaixonado pela filha do dono da vinha, que ele leva para a casa de sua mãe, e do príncipe que conhece uma jovem mendiga e a leva para seu reino, consagrando-a com a coroa de seus antepassados. Parecia que ele ouvia ainda outras canções além dessas, mas não consegui ouvi-las.

Ao cair da tarde, o pai de meu noivo aproximou-se da mãe de Jesus e informou-lhe:

– Não temos mais vinho para nossos convidados – sussurrou. – E o dia ainda não terminou.

Jesus ouviu o cochicho e disse:

– O escanção sabe que ainda há mais vinho.

E assim foi. Enquanto havia convidados, não faltou vinho da melhor qualidade para todos beberem. Logo, Jesus começou a falar conosco. Falou das maravilhas da terra e dos céus, das flores celestiais que desabrocham quando a noite cobre o mundo e das flores terrestres que se abrem quando o dia esconde as estrelas. Contou histórias e parábolas, e ficamos tão extasiados ao som de sua voz que olhávamos para ele como se estivéssemos tendo uma visão, esquecidos do copo e do prato.

Eu o escutava como se estivesse numa terra distante e desconhecida.

Depois de um tempo, um dos convidados disse ao pai de meu noivo:

– Reservaste o melhor vinho para o final da festa. Outros anfitriões não fazem isso.

Todos acreditaram que Jesus tinha feito um milagre, para que se tomasse, no final da festa, um vinho melhor do que no início. Eu também acreditei

no milagre do vinho, mas não me surpreendi, porque já havia escutado milagres em sua voz. Depois disso, de fato, sua voz permaneceu em meu coração até o nascimento de meu primogênito.

Até hoje, em nosso povoado e nos povoados vizinhos, as palavras de nosso convidado ainda são lembradas. E as pessoas dizem:

– O espírito de Jesus de Nazaré é o melhor e o mais antigo de todos os vinhos.

Um filósofo persa em Damasco

Sobre deuses antigos e novos

Não tenho como prever o destino desse homem, nem posso dizer o que acontecerá com seus discípulos.

A semente escondida no interior da maçã é um pomar invisível, mas se essa semente cair numa rocha, nada produzirá.

Uma coisa é certa: O antigo Deus de Israel é rígido e implacável. Israel deveria ter outro Deus, bondoso e clemente, que olhe para as pessoas com piedade, que desça com os raios de sol e conheça o caminho de suas limitações, em vez de ficar sentado no trono do julgamento para sempre, avaliando suas falhas e medindo seus erros.

Israel deveria ter um Deus cujo coração não seja ciumento e cuja memória das deficiências humanas seja efêmera, um Deus que não se vingue do indivíduo até a terceira e a quarta gerações.

O homem aqui da Síria é como o de todos os lugares. Olha-se no espelho de sua própria compreensão e ali encontra sua divindade. Cria os deuses à sua semelhança e cultua aquele que reflete a sua própria imagem. Na verdade, o homem ora para seus anseios mais profundos, para que eles ganhem força e cumpram a soma de seus desejos.

Não há nada mais profundo do que a alma humana, e essa alma é a profundidade que busca a si mesma, pois não há outra voz a falar e não há outro ouvido a ouvir. Até mesmo nós, na Pérsia, vemos nosso rosto no disco do sol e nossos corpos dançando no fogo que acendemos sobre os altares.

O Deus de Jesus, que ele chamava de Pai, não era um estranho para o povo de Jesus e satisfazia seus desejos.

Os deuses do Egito largaram seu fardo de pedras e fugiram para o deserto da Núbia, buscando a liberdade de viver entre aqueles que ainda estão livres do conhecimento.

Os deuses da Grécia e de Roma estão desaparecendo em seu próprio ocaso. Eles eram muito semelhantes aos homens para viver no êxtase da humanidade. Os bosques em que surgiu sua magia foram desmatados pelos machados atenienses e alexandrinos. E aqui também, nesta terra, os altos cargos são aplanados pelos legisladores de Beirute e pelos jovens eremitas de Antióquia. Somente as mulheres idosas e os homens fracos procuram os templos de seus antepassados; somente os exauridos procuram no final da jornada seu início.

Mas esse homem, Jesus, o Nazareno, falou de um Deus grande demais para ser estranho à alma humana, compreensivo demais para castigar, amoroso demais para recordar os pecados de suas criaturas. E esse Deus, do Nazareno, atravessará o umbral de todos os filhos deste mundo e se sentará em seu lar, e será uma bênção dentro de suas casas, e uma luz em seu caminho.

Meu Deus, porém, é o Deus de Zoroastro, o Deus que é o sol no céu, o fogo na terra, a luz no peito do homem. E estou satisfeito. Não preciso de nenhum outro Deus.

Davi, um de seus seguidores

Jesus, o prático

Não compreendi o significado de seus sermões ou de suas parábolas até ele já não estar entre nós. Não entendi nada até suas palavras assumirem vida bem na minha frente, materializando-se em corpos que caminham na procissão de meus dias.

Deixa-me contar algo: certa noite, eu estava em casa, refletindo e lembrando-me de suas palavras e ações para escrevê-las num livro, quando três ladrões entraram. Embora soubesse que eles tinham vindo me roubar, eu estava envolvido demais no que fazia para surpreendê-los com uma espada ou até para perguntar “o que fazeis aqui?”. Continuei escrevendo as memórias de meu Mestre.

Somente quando os ladrões foram embora me lembrei de suas palavras: “Se alguém vier pegar uma roupa tua, deixa que ele pegue a outra também”. E entendi o que ele quis dizer.

Ali sentado, recordando suas palavras, ninguém teria sido capaz de me interromper, mesmo que levassem todos os meus pertences. Pois, embora eu preze tudo o que tenho e minha integridade pessoal, sei onde se encontra o tesouro maior.

Lucas

Sobre os hipócritas

Jesus desprezava e criticava os hipócritas. Sua ira fustigava-os como tempestade e sua voz retumbava em seus ouvidos como trovão, e ele os apavorava.

Por conta desse pavor, planejaram matá-lo. Feito toupeiras na terra escura, tentaram cavar o chão sob seus pés, mas ele não caiu em suas armadilhas. Riu-se deles, pois sabia que o espírito não pode ser escarnecido nem conduzido ao buraco.

Segurava um espelho nas mãos e, ali, via o preguiçoso, o coxo e aquele que cambaleava e caía na berma da estrada, a caminho do topo. E apiedava-se de todos eles. Teria erguido essa gente, se pudesse, carregando seus fardos. E não só isso: ofereceria que apoiassem suas fraquezas sobre sua força.

Não condenava totalmente o mentiroso, o ladrão ou o assassino, mas não tolerava o hipócrita, mascarado, cujos gestos são dissimulados.

Refleti muito a respeito do coração que recebe aquele que vem do deserto para seu santuário, mas está fechado a sete chaves para o hipócrita.

Certa vez, enquanto descansávamos com ele no jardim das romãs, eu comentei:

– Mestre, tu perdoas e consolas o pecador e todos os fracos e enfermos, exceto os hipócritas.

E ele respondeu:

– Escolheste bem tuas palavras quando chamaste os pecadores de fracos e enfermos. De fato, perdoo-lhes as fraquezas do corpo e as enfermidades do espírito. Pois seus defeitos foram herdados de seus antepassados ou da cobiça de seus vizinhos. Mas não tolero o hipócrita, porque ele mesmo coloca o jugo sobre a cerviz dos ingênuos e submissos. Os fracos, que chamas de pecadores, são como filhotes de pássaro, ainda sem penas, que caem do ninho. O hipócrita é o abutre, à espreita na rocha, esperando a morte de sua presa. Os fracos são homens perdidos no deserto. O hipócrita, porém, não está perdido. Ele sabe o caminho, mas ri entre a areia e o vento. Por isso não o recebo.

Assim falou nosso Mestre, e não entendi no momento. Mas agora entendo.

Então, os hipócritas da terra o prenderam e o julgaram, justificando suas ações com base na lei de Moisés no Sinédrio, que servia de testemunho e prova contra ele.

E aqueles que transgridem a lei a cada amanhecer e a transgridem de novo ao cair da tarde foram os mesmos que causaram sua morte.

Mateus

O sermão da montanha

Num dia de colheita, Jesus chamou a nós e a outros amigos seus às colinas. A terra estava perfumada e, qual a filha de um rei em sua festa de bodas, vestia todas as suas joias. O céu era seu noivo.

Quando chegamos ao pico, Jesus se deteve num bosque de loureiros e disse:

– Descansai aqui. Aquietai vossa mente e afinai vossos corações, pois tenho muito a vos dizer.

Deitamos na grama, cercados pelas flores de verão. Jesus se sentou no meio. E disse:

– Abençoados são os serenos de espírito. Abençoados são os que não se prendem a bens materiais, pois eles serão livres. Abençoados são os que se lembram de sua dor e em sua dor esperam sua alegria. Abençoados são os que têm fome e sede de verdade e beleza, pois sua fome os conduzirá ao pão e sua sede, à água fresca. Abençoados são os bondosos, pois eles serão consolados por sua própria bondade. Abençoados são os que têm um coração puro, pois eles serão um com Deus. Abençoados são os piedosos, pois a piedade os agraciará. Abençoados são os pacificadores, pois seu espírito pairará acima das batalhas, e eles transformarão as valas comuns num jardim. Abençoados são os perseguidos, pois eles terão agilidade nos pés e se tornarão alados. Alegrai-vos e rejubilai-vos, pois encontrastes o reino dos céus dentro de vós. Os cantores de outrora foram perseguidos

quando cantaram sobre esse reino. Vós também sereis perseguidos, e aí reside vossa honra e vossa recompensa. Vós sois o sal da terra, e se o sal se tornar insípido, com o que se há de salgar o alimento do coração do homem? Vós sois a luz do mundo. Não coloqueis essa luz debaixo de um alqueire. Deixai-a iluminar do alto aqueles que buscam a cidade de Deus. Não penseis que vim para destruir as leis dos escribas e dos fariseus, pois meus dias entre vós são contados, e minhas palavras, limitadas. Tenho poucas horas para estabelecer outra lei e revelar uma nova aliança. Vós aprendestes que não deveis matar. Pois eu vos digo que não deveis sentir raiva sem motivo. Fostes instruídos pelos anciãos a levar vosso bezerro, vosso carneiro e vossa pomba ao templo e sacrificá-los sobre o altar, para agradar a Deus, que sentirá o odor de seu sebo e perdoará vossos pecados. Pois eu vos digo: podeis dar a Deus aquilo que já lhe pertencia? E tendes como apaziguar aquele cujo trono se eleva acima das silenciosas profundezas e cujos braços envolvem o universo? Em vez disso, ide atrás de vosso irmão e fazei as pazes com ele antes de ir ao templo, e procurai ser doadores amorosos em relação ao próximo. Pois na alma deles Deus construiu um templo que jamais será destruído e no coração ergueu um altar que jamais será derrubado. Ensinaaram a vós: olho por olho, dente por dente. Pois eu vos digo: não resistais ao mal, porque a resistência alimenta a maldade e a fortalece. Somente os fracos se vingam. Os de espírito forte perdoam, e perdoar honra o prejudicado. Apenas as árvores frutíferas são sacudidas ou apedrejadas por seus frutos. Não vos inquieteis pelo dia de amanhã, mas concentraí-vos no dia de hoje, pois a cada dia basta seu milagre. Não penseis demais em vós mesmos na hora de compartilhar; pensai, sim, na necessidade do outro. Pois todo aquele que dá de si mesmo receberá do Pai em quantidade muito maior. Dai a cada um de acordo com

sua necessidade, pois o Pai não dá sal ao sedento, nem pedra ao faminto, nem leite a quem já não mama. Não deis o que é sagrado aos cães, nem jogueis vossas pérolas aos porcos, pois com esses presentes zombais deles, e eles também zombarão de vossos presentes, e, em sua cólera, tramarão vossa destruição. Não ajunteis para vós tesouros que se consomem ou que podem ser roubados por ladrões. Ajuntai, ao contrário, tesouros que não se deterioram nem podem ser carregados, cuja beleza aumenta quando muitos olhos os contemplam. Porque onde estiver vosso tesouro, aí estará também vosso coração. Ensinarão-vos que o assassino deve morrer pela espada, o ladrão deve ser crucificado e a prostituta deve ser apedrejada. Pois eu vos digo que não estais isentos dos pecados do assassino, do ladrão e da prostituta, e quando eles são castigados no corpo, vosso espírito se obscurece. Na verdade, nenhum crime é cometido por um só homem ou mulher. Todos os crimes são cometidos por todos. Aquele que recebe a punição pode estar quebrando um elo dos grilhões que vos prendem, e talvez ele esteja pagando com seu sofrimento o preço de vossa alegria passageira.

Assim falou Jesus, e tive o desejo de me ajoelhar diante dele e reverenciá-lo, mas, em meu acanhamento, não consegui me mexer nem articular palavra.

Só depois de um tempo consegui dizer:

– Gostaria de orar agora, mas minha língua está pesada. Ensina-me a orar!

E Jesus disse:

– Quando fordes orar, deixai que vossos anseios se manifestem em palavras. Neste momento, tenho o desejo de orar assim: Pai nosso que está na terra e no céu, santificado seja o teu nome. Que tua vontade recaia sobre

nós, como no infinito. Dá-nos teu pão e que ele seja suficiente para hoje. Em tua compaixão, perdoa-nos e engrandece-nos para perdoarmos uns aos outros. Guia-nos a ti e estende-nos tua mão no escuro. Pois teu é o reino, e em ti estão nossa força e nossa plenitude.

Já era noite. Jesus começou a descer as colinas, e nós o seguimos. Eu ia repetindo sua oração e me lembrando de tudo o que ele dissera. Pois sabia que as palavras que haviam caído como flocos de neve naquele dia precisavam se firmar e consolidar como cristais, e que as asas que adejaram sobre nossa cabeça haveriam de percutir a terra como cascos de ferro.

João, o filho de Zebedeu

Sobre os vários nomes de Jesus

Observastes que alguns de nós o chamam de Jesus Cristo, alguns, de a Palavra, outros, de Nazareno, e outros ainda, de o Filho do Homem. Tentarei esclarecer esses nomes, à luz do que pude compreender.

O Cristo, que existe desde o início dos tempos, é a chama de Deus que habita o espírito do homem. É o sopro de vida que nos visita e se manifesta num corpo como o nosso. É a vontade de Deus. É a primeira Palavra, que fala em nossa voz e está em nossos ouvidos para que ouçamos e compreendamos. E a Palavra de Deus construiu uma casa de carne e osso, que se tornou homem, como vós e eu. Pois não poderíamos ouvir a música do vento incorpóreo, nem ver nosso eu superior caminhando na névoa.

Cristo veio ao mundo muitas vezes e percorreu muitas terras. Sempre foi considerado um estranho e um louco. No entanto, o som de sua voz jamais ressoou em vão, pois a memória do homem preserva aquilo que a mente não julga importante guardar.

Esse é o Cristo, o ser mais profundo e elevado, que caminha com o homem rumo à eternidade. Não ouvistes falar dele nas encruzilhadas da Índia, na terra dos Magos e nas areias do Egito? E aqui no norte, vossos cantadores de outrora entoam canções sobre Prometeu, o portador do fogo, que realizou o desejo do homem, libertando a esperança aprisionada, e sobre Orfeu, que, com seu canto e sua lira, amansava o espírito das bestas e do homem. Não ouvistes falar do rei Mitra e de Zoroastro, o profeta dos

persas, que despertaram do sono ancestral do homem para deter-se sobre a cama de nossos sonhos?

Nós mesmos passamos a ser homens ungidos quando nos encontramos no templo Invisível uma vez a cada mil anos. Até que surge alguém encarnado, e, à sua chegada, nosso silêncio se transforma em melodia. Nossos ouvidos, porém, nem sempre estão atentos para ouvir, assim como nossos olhos, que não enxergam.

Jesus, o Nazareno, nasceu e foi criado como nós. Seu pai e sua mãe foram como nossos pais. Ele era um ser humano. Mas Cristo, a Palavra que existe desde o início, o Espírito que deseja para nós uma vida plena, entrou em Jesus e se tornou um com ele. O Espírito era a mão lírica de Deus, e Jesus, a harpa. O Espírito era o salmo, e Jesus, o cântico.

Jesus, o Homem de Nazaré, era o anfitrião e porta-voz de Cristo, que caminhava conosco sob o sol e nos chamava de amigos. Naqueles dias, as montanhas e vales da Galileia não ouviram nada além de sua voz. Eu era jovem na época. Segui seu caminho, obedecendo suas pegadas. Segui seu caminho e obedeci suas pegadas para ouvir as palavras de Cristo dos lábios de Jesus da Galileia.

Agora entendereis por que alguns o chamam de Filho do Homem. Ele mesmo desejava que o chamassem assim, pois conhecia a fome e a sede do homem e via as pessoas buscando seu eu superior.

O Filho do Homem foi Cristo, o Piedoso, que sempre estava ao nosso lado. Ele foi Jesus, o Nazareno, que conduzia todos os seus irmãos ao Ungido, à Palavra, inclusive, que no início estava com Deus.

Jesus da Galileia mora no meu coração, o Homem acima de todos os homens, o Poeta que faz de todos nós poetas, o Espírito que bate à nossa porta para que despertemos, levantemos e saíamos para encontrar a verdade

nua e pura.

Um jovem sacerdote de Cafarnaum

Sobre Jesus, o mágico

Ele era um mágico, cheio de tramas, um bruxo, um homem que enfeitiçava as pessoas simples com seus sortilégios, que manipulava as palavras de nossos profetas e as santidades de nossos antepassados.

Chegava a pedir aos mortos que fossem suas testemunhas e aos túmulos silenciosos, seus precursores e sua autoridade. Ia atrás das mulheres de Jerusalém e dos arredores com a astúcia da aranha para agarrar insetos. E elas caíam em sua rede, pois as mulheres são fracas e frívolas: seguem qualquer um que alimente suas paixões insatisfeitas com palavras doces e sedutoras. Não fosse por essas mulheres, débeis e possuídas por seu espírito maligno, seu nome já teria sido apagado da memória da humanidade.

E quem eram os homens que o seguiam?

Eles eram da horda dos submissos e oprimidos. Em sua ignorância e medo, jamais teriam se rebelado contra seus senhores legítimos. Mas quando ele lhes prometeu altos cargos em seu reino ilusório, eles se entregaram à sua fantasia como o barro se entrega às mãos do oleiro. Não reparastes que o escravo, em seu sonho, sempre é o senhor, e o fraco, um leão?

O galileu era um farsante e um enganador, um homem que perdoava os pecados de todos os pecadores para ouvir de suas bocas impuras hosanas e outras saudações. E animava o coração cansado dos desesperados e miseráveis para ter quem o escutasse e obedecesse às suas ordens.

Desrespeitava o sábado com aqueles que o profanavam para ter o apoio de quem vivia à margem da lei. E falava mal de nossos sacerdotes para chamar atenção no Sinédrio e, por oposição, aumentar a sua fama.

Já disse muitas vezes que odiava esse homem. Odiava-o mais do que odeio os romanos que governam nosso país. Até sua procedência, Nazaré, o condena, uma cidade amaldiçoada por nossos profetas, antro dos gentios, de onde não pode sair nada de bom.

Um levita rico dos arredores de Nazaré

Jesus, o bom carpinteiro

Ele era um bom carpinteiro. As portas que fabricou jamais foram destrancadas por ladrões, e suas janelas abriam-se ao vento leste ou oeste. Ele confeccionou baús de cedro, polidos e resistentes, além de arados e forcados, fortes e de bom manejo.

Talhou púlpitos para nossas sinagogas, de madeira de amoreira, e nas duas laterais do suporte, onde são colocados os livros sagrados, ele esculpia asas abertas, com cabeças de touros, pombas e gazelas de olhos arregalados sob o apoio. Fazia tudo isso à moda dos caldeus e dos gregos, mas havia algo em seu estilo que não vinha nem dos caldeus nem dos gregos.

Esta minha casa foi construída por muitas mãos, há trinta anos. Busquei pedreiros e carpinteiros em todas as cidades da Galileia. Todos eles tinham talento e dominavam seu ofício, e fiquei satisfeito com tudo o que eles fizeram. Mas olha estas duas portas e esta janela de Jesus de Nazaré! São tão perfeitas que envergonham o resto da casa.

Não vês que estas duas portas são diferentes de todas as outras? E esta janela que abre para o leste, não é diferente das outras janelas? Todas as minhas portas e janelas estão sentindo o passar do tempo, exceto as que ele fez. Essas resistem, firmes, às intempéries. Observa essas vigas, como ele as dispôs. E os pregos, como passam pela tábua de um lado e são presos do outro lado de maneira tão sólida.

O curioso é que esse trabalhador, que merecia o salário de dois homens,

aceitou somente um. E agora esse mesmo trabalhador é considerado um profeta em Israel.

Se eu soubesse naquela ocasião que aquele jovem com serra e plaina era um profeta, teria lhe implorado que falasse em vez de trabalhar, e teria pagado bastante por suas palavras.

Ainda tenho muitos homens trabalhando na minha casa e nos meus campos. Como diferenciarei o homem que segura com as próprias mãos suas ferramentas daquele cujas mãos são ferramentas de Deus?

Sim, como reconhecerei as mãos de Deus?

Um pastor do sul do Líbano

Uma parábola

O verão já estava no fim quando ele e três outros homens apareceram caminhando por aquela estrada ali. Era noite, e ele parou no final daquela pastagem. Eu estava tocando flauta enquanto pastoreava o rebanho ao meu redor. Quando ele parou, levantei-me e fui até ele.

– Onde fica o túmulo de Elias? – perguntou-me. – Não fica aqui perto?

– Fica ali, senhor – respondi –, debaixo daquele monte de pedras. Até hoje, todo mundo que passa por aqui traz uma pedra e coloca ali.

Ele me agradeceu e se afastou. Seus amigos o seguiram.

Três dias depois, Gamaliel, que também era pastor, contou-me que o homem que havia passado por ali era um profeta da Judeia, mas não acreditei nele. Mesmo assim, fiquei muito tempo pensando nele.

Quando chegou a primavera, Jesus passou de novo por aqui, mas dessa vez estava sozinho. Eu não estava tocando flauta nesse dia, pois tinha perdido uma ovelha e estava triste, com o coração apertado.

Fui até ele e parei à sua frente. Queria que ele me consolasse. Ele me olhou e disse:

– Não estás tocando flauta hoje. De onde vem essa tristeza nos teus olhos?

Respondi:

– É que perdi uma das minhas ovelhas. Já a procurei em toda parte, mas não a encontrei. Não sei o que fazer.

Ele ficou em silêncio por um momento, depois sorriu para mim e disse:

– Espera aqui um pouco, que eu encontrarei tua ovelha.

Dito isso, afastou-se e desapareceu nas colinas.

Uma hora depois, ele voltou, e eis que minha ovelha vinha logo atrás dele! Já à minha frente, reparei que minha ovelha fitava seu rosto, assim como eu, que a abracei, feliz da vida.

Ele colocou a mão no meu ombro e disse:

– A partir de hoje, amarás esta ovelha mais do que qualquer outra ovelha do teu rebanho, pois estava perdida e foi encontrada.

Voltei a abraçar minha ovelha, cheio de felicidade, ela se aproximou de mim, e eu não disse mais nada.

Quando ergui a cabeça para agradecer a Jesus, ele já estava longe. E não tive coragem de segui-lo.

João Batista

Fala na prisão com um discípulo

Não ficarei em silêncio neste calabouço imundo, enquanto a voz de Jesus é ouvida no campo de batalha. Não ficarei preso nem confinado enquanto ele está livre.

Dizem-me que as víboras estão enroladas em seus quadris, mas eu respondo: as víboras despertarão sua força, e ele as esmagará com o calcanhar.

Eu sou apenas o trovão de seu relâmpago. Embora eu tenha falado primeiro, ele era a palavra e o propósito.

Eles me pegaram desprevenido. Talvez também ponham as mãos nele. Mas não antes que ele tenha pronunciado sua palavra na íntegra. E ele os vencerá.

Sua carruagem passará por cima deles, os cascos de seus cavalos os pisotearão, e ele triunfará. Sairão com lança e espada, mas ele os enfrentará com o poder do Espírito. Seu sangue correrá sobre a terra, mas eles sentirão as feridas e a dor que impingiram, e serão batizados em suas lágrimas até serem purificados de seus pecados.

As legiões deles marcharão em direção a suas cidades com aríetes de ferro, mas no caminho se afogarão no rio Jordão.

E suas muralhas e suas torres se elevarão mais alto, e os escudos de seus guerreiros brilharão mais intensamente ao sol.

Dizem que formamos uma aliança e que nosso objetivo é incitar o povo a

se levantar contra o reino da Judeia.

Eu respondo, e quem dera minhas palavras fossem chama: se eles consideram este poço de iniquidade um reino, que ele seja destruído e deixe de existir, que siga o destino de Sodoma e Gomorra. Que esta raça seja esquecida por Deus e esta terra se transforme em cinzas.

Sim, por trás destes muros da prisão, sou de fato um aliado de Jesus de Nazaré, e ele guiará meus exércitos, a cavalo e a pé. E eu, embora capitão, não sou digno de desamarrar as tiras de suas sandálias.

Vai até ele e repita minhas palavras. Em meu nome, implore-lhe por conforto e bênção. Não ficarei aqui por muito tempo. À noite, entre despertares, sinto pés lentos com passos medidos pisando sobre este corpo. E quando presto atenção, ouço a chuva caindo sobre meu túmulo.

Vai até Jesus e diz que João de Cédron, cuja alma cheia de sombras logo se esvaziou, ora por ele, enquanto o coveiro ronda a área, e o carrasco estende a mão para receber seu salário.

José de Arimateia

Sobre os principais objetivos de Jesus

Quereis saber o objetivo primordial de Jesus, e vos direi com prazer. Mas ninguém pode tocar com os dedos a vida do vinho abençoado, nem ver a seiva que alimenta os ramos. E embora eu tenha comido das uvas e provado a nova safra do lagar, não posso vos contar tudo. Posso apenas relatar o que sei sobre ele.

Nosso Mestre, amado, viveu somente três estações dos profetas: a primavera de sua canção, o verão de seu arrebatamento e o outono de sua paixão; e cada estação durou mil anos.

A primavera de sua canção se passou na Galileia. Foi lá que ele reuniu a seu redor aqueles que o amavam, e foi às margens do lago azul que ele falou pela primeira vez do Pai, de nossa libertação e de nossa liberdade. No lago da Galileia, perdemo-nos para encontrar o caminho ao Pai. E que perda tão insignificante comparada a tudo o que ganhamos!

Foi lá que os anjos cantaram a nossos ouvidos e nos pediram para abandonar a terra árida rumo ao jardim do desejo do coração.

Ele falou de campos e verdes pastagens, das encostas do Líbano, onde os lírios brancos ignoram as caravanas que passam na poeira dos vales. Falou da roseira-brava que sorri ao sol e empresta seu perfume à brisa passageira. E disse:

– Os lírios e as rosas vivem apenas um dia, mas esse dia é a eternidade vivida em liberdade.

Certa noite, sentados à beira de um riacho, ele disse:

– Contemplai o riacho e ouvi sua música. Para sempre buscará o mar e, embora esteja sempre buscando, canta seu mistério de um dia ao outro. Quem dera buscásseis ao Pai como o ribeiro busca o mar!

Então veio o verão de seu arrebatamento, e seu amor junino recaiu sobre nós. Na ocasião, Jesus falou somente do outro, do próximo, do companheiro de estrada, do estrangeiro e de nossos amigos de brincadeiras da infância. Falou do viajante rumando do leste para o Egito, do lavrador voltando para casa com seus bois ao anoitecer, do convidado casual conduzido pelo crepúsculo até nossa porta. E ele disse:

– O próximo é vosso eu desconhecido que se tornou visível. Seu rosto se refletirá em vossas águas tranquilas, e, olhando bem, vereis vosso próprio semblante ali refletido. Se, à noite, prestardes atenção, o ouvireis falar, e suas palavras serão o pulsar de vosso coração. Que sejais para ele o que gostaríeis que ele fosse para vós. Esta é minha lei, e eu a direi a vós, e a vossos filhos, e eles dirão a seus filhos, até que passe o tempo e não haja mais gerações.

No outro dia, ele disse:

– Não ficareis sozinhos. Estais nos atos dos outros, assim como os outros, embora não o saibam, estão diariamente convosco. Eles não cometerão nenhum crime sem que vossa mão também esteja com a mão deles; não cairão sem que vós também caiais; e não se levantarão sem que vós também vos levanteis. Seu caminho para o santuário é o vosso caminho e, quando eles procuram o deserto, vós também procurais. Vós e o próximo são duas sementes semeadas no mesmo campo. Juntos crescereis e juntos haveis de balançar ao vento. Nenhum de vós reivindicará o campo. Pois uma semente a caminho do crescimento não reivindica nem mesmo o

próprio arrebatamento. Hoje estou convosco. Amanhã irei para o oeste. Mas antes de ir vos digo que o próximo é vosso eu desconhecido que se tornou visível. Procurai-o no amor para que possais conhecer a vós mesmos, pois somente nesse conhecimento vos tornareis meus irmãos.

Então veio o outono de sua paixão. E ele nos falou da liberdade, como falara na Galileia, durante a primavera de sua canção. Agora, porém, suas palavras pediam nossa compreensão mais profunda.

Ele falou de folhas que cantam somente quando balançadas pelo vento, e do homem, que é como um cálice preenchido pelo anjo ministrante do dia para saciar a sede de outro anjo. Mas, vazio ou cheio, permanecerá cristalino sobre a mesa do Altíssimo. Ele disse:

– Sois o cálice e sois o vinho. Bebei de vós até o final, ou lembrai-vos de mim, e vossa sede será saciada.

A caminho do sul, disse:

– Jerusalém, que se ergue orgulhosa nas alturas, descera às profundezas do Guehinom, o vale escuro, e em meio à sua desolação, estarei de pé, sozinho. O templo se reduzirá a pó, e do átrio ouvireis o pranto das viúvas e dos órfãos. Os homens, no afã da fuga, não reconhecerão o rosto de seus irmãos, pois o medo se abaterá sobre todos eles. Mas mesmo ali, quando dois de vós se encontrarem, pronunciarem meu nome e olharem pra o oeste, podereis ver-me, e estas minhas palavras novamente visitarão vossos ouvidos.

Quando chegamos à colina de Betânia, ele disse:

– Vamos para Jerusalém. A cidade nos aguarda. Cruzarei o portão montado num potro e falarei à multidão. Muitos ali querem me prender, e muitos desejam extinguir minha chama. Mas em minha morte encontrareis a vida e sereis livres. Eles procurarão o sopro de vida que paira entre o

coração e a mente, como a andorinha que voa entre o campo e seu ninho. Mas meu sopro de vida já lhes terá escapado, e eles não me vencerão. As muralhas que meu Pai construiu ao meu redor não cairão, e a terra que ele santificou não será profanada. Quando chegar a aurora, o sol coroará minha cabeça, e eu estarei convosco para enfrentar o dia. Esse dia será longo, e o mundo não verá seu entardecer. Os escribas e os fariseus dizem que a terra tem sede de meu sangue. Eu matarei a sede da terra com meu sangue, mas das gotas florescerão carvalhos e aceráceas, e o vento leste levará seus frutos para outras terras.

E depois ele disse:

– A Judeia terá um rei e marchará contra as legiões de Roma. Eu não serei seu rei. Os diademas de Sião foram feitos para fronteiras menores. E o anel de Salomão é pequeno para este dedo. Olhai minha mão. Não vedes que ela é forte demais para segurar um cetro e demasiado poderosa para empunhar uma espada comum? Não, eu não colocarei os sírios contra os romanos. Mas vós, com minhas palavras, despertareis aquela cidade, e meu espírito falará ao seu segundo alvorecer. Minhas palavras serão um exército invisível, com cavalos e carros, e, sem machado ou lança, conquistarei os sacerdotes de Jerusalém e os césores. Não me sentarei num trono em que se sentaram escravos para governar outros escravos. Nem me rebelarei contra os filhos da Itália. Mas serei uma tempestade em seu céu e uma canção em sua alma. E serei lembrado. Eles me chamarão de Jesus, o Ungido.

Essas coisas ele disse fora dos muros de Jerusalém, antes de entrar na cidade. E suas palavras ficaram esculpidas, como se talhadas com cinzel.

Natanael

Jesus não era dócil

Dizem que Jesus de Nazaré era humilde e dócil. Dizem que, embora fosse um homem justo e reto, era um fraco, e muitas vezes foi confundido pelos fortes e poderosos. Quando estava diante de autoridades, não passava de um cordeiro entre os leões.

Mas eu afirmo que Jesus tinha poder sobre as pessoas, sabia desse seu poder e o proclamava entre as colinas da Galileia e nas cidades da Judeia e da Fenícia.

Que homem submisso e frágil diria: “Eu sou a vida e eu sou o caminho para a verdade”?

Que homem dócil e humilde diria: “Eu estou em Deus, nosso Pai, e nosso Deus, o Pai, está em mim”?

Que homem alheio de sua própria força diria: “Quem não crê em mim não crê nesta vida nem na vida eterna”?

Que homem inseguro do amanhã proclamaria: “Vosso mundo passará e nada restará além de cinzas dispersas antes que terminem minhas palavras”?

Teria duvidado de si mesmo quando disse àqueles que desejaram tentá-lo com uma prostituta: “Quem não tiver pecado que atire a primeira pedra”?

Temia as autoridades quando expulsou os cambistas do pátio do templo, embora eles tivessem permissão dos sacerdotes para ficar ali?

Suas asas foram cortadas quando ele clamou em voz alta: “Meu reino

está acima de vossos reinos terrestres”?

Por acaso procurava refúgio nas palavras ao repetir tantas vezes: “Derrubai este templo, que eu o reconstruirei em três dias”?

Como um covarde apertaria a mão das autoridades, chamando-as de “mentirosas, vis, corruptas e degeneradas”?

Será que um homem ousado o suficiente para dizer essas coisas àqueles que governavam a Judeia pode ser considerado dócil e humilde?

Não. A águia não constrói seu ninho no salgueiro-chorão, e o leão não procura sua toca entre as samambaias.

Fico revoltado e injuriado quando ouço os fracos chamando Jesus de humilde e dócil para justificar sua própria fraqueza e quando os oprimidos, por conforto e consolo para si mesmos, falam de Jesus como um verme reluzente a seu lado.

Sim, meu coração está farto dessa gente. A respeito do poderoso caçador é que eu prego, o espírito gigantesco, como uma montanha: inconquistável.

Saba de Antióquia

Sobre Saulo de Tarso

Nesse dia ouvi Saulo de Tarso pregando sobre Cristo aos judeus desta cidade. Ele se chama Paulo agora, o apóstolo dos gentios.

Conheci-o na minha juventude, e naqueles dias ele perseguia os amigos do Nazareno. Lembro-me bem de sua satisfação quando seus companheiros apedrejaram o radiante jovem chamado Estêvão.

Este Paulo é realmente um homem estranho. Sua alma não é a alma de um homem livre. Às vezes, ele parece um animal na floresta, caçado e ferido, procurando uma caverna onde esconder sua dor do mundo.

Ele não fala de Jesus, nem repete suas palavras. Prega o Messias cuja vinda os antigos profetas predisseram.

Embora seja um judeu culto, dirige-se a seus companheiros judeus em grego, e fala sem fluência, escolhendo mal suas palavras.

Mas ele é um homem de poderes ocultos, e sua presença se afirma graças àqueles que se reúnem em torno dele. De vez em quando, ele lhes assegura algo de que ele mesmo não tem certeza.

Nós, que conhecemos Jesus e ouvimos seus discursos, dizemos que ele ensinou o homem a romper as cadeias de sua escravidão para poder se libertar de seu passado. Paulo, ao contrário, forja grilhões para o homem do futuro. Bate com o próprio martelo na bigorna em nome de alguém que nem conhece.

O Nazareno queria que vivêssemos o momento, em paixão e

arrebatamento. O homem de Tarso exige que observemos as leis conforme registradas nos antigos livros. Jesus soprou a vida em corpos destituídos de vida. E nas minhas noites solitárias, eu acredito e entendo.

Quando ele se sentava à mesa, contava histórias que alegravam os convivas, temperando de alegria a carne e o vinho. Paulo, contudo, limita nosso pão e nossa taça.

Se me permitis, voltarei os olhos para o outro lado.

Salomé, a uma amiga

Um desejo não realizado

Ele era como álamos cintilando ao sol
e como um lago entre as colinas solitárias,
reluzindo ao sol.

Como neve nas montanhas altas,
branca, branca ao sol.

Sim, ele era como tudo isso,
e eu o amava,
embora temesse sua presença
e meus pés não suportassem o peso desse meu fardo amoroso
para que eu pudesse cingir seus pés com meus braços.

Eu teria dito a ele:
“Matei teu amigo num momento de paixão.
Perdoarás meu pecado?
Em tua misericórdia, não libertarás minha juventude
desse ato cego
para que possa andar em tua luz?”

Sei que ele teria perdoado minha dança
para a santa cabeça de seu amigo.
Sei que ele teria visto em mim
um objeto de seu próprio ensinamento.

Pois não havia vale de fome que ele não transpusesse,
nem deserto de sede que ele não fosse capaz de atravessar.

Sim, ele era feito os álamos,
e como os lagos entre as colinas,
e como a neve nas montanhas do Líbano.
E eu teria refrescado meus lábios nas dobras de suas vestes.

Mas ele estava longe de mim,
e eu sentia vergonha.
Minha mãe me segurava
quando o desejo de procurá-lo me dominava.
Sempre que ele passava, meu coração ansiava por sua beleza, mas minha
mãe fechava-lhe o rosto, em desprezo,
e me tirava da janela
para o quarto.
E ela exclamava:

“Não passa de mais um comedor de gafanhotos do deserto!

Nada mais é do que um zombador e renegado,
um baderneiro subversivo capaz de nos roubar o cetro e a coroa.
Instiga as raposas e os chacais de sua maldita terra
a uivar em nossos pátios e a sentar-se em nossos tronos.
Vai e esconde teu rosto a partir de hoje.
Espera o dia em que sua cabeça cairá,
mas não em tua bandeja”.

Assim dizia minha mãe,
mas meu coração guardava suas palavras.

Eu o amava em segredo,
e meu sono era rodeado de chamas.

Agora ele se foi.
E algo que havia em mim também se foi.
Talvez tenha sido minha juventude
que não quis permanecer aqui
desde que o Deus da juventude foi morto.

Raquel, uma discípula

Sobre Jesus, a visão e o homem

Muitas vezes, pergunto-me se Jesus era um homem de carne e osso como nós, ou um pensamento incorpóreo, na mente, uma ideia que visita a imaginação do homem.

Muitas vezes, parece-me que ele foi apenas um sonho sonhado por inúmeros homens e mulheres ao mesmo tempo, num sono mais profundo do que qualquer sono e uma alvorada mais serena do que todas as alvoradas.

E parece que, ao contar esse sonho um para o outro, começamos a considerá-lo realidade, e dando-lhe corpo, de nossa fantasia, e voz, de nosso desejo, tornamo-lo substância de nossa própria substância.

Mas, na verdade, ele não foi um sonho. Nós o conhecemos por três anos e o vimos, com nossos próprios olhos, em plena luz do dia! Tocamos suas mãos e o seguimos de um lugar para o outro. Ouvimos seus discursos e testemunhamos seus atos. Julgais que éramos um pensamento em busca de mais pensamento, um sonho na região dos sonhos?

Grandes acontecimentos sempre causam estranheza em nossa vida diária, mesmo que sua natureza esteja enraizada na nossa. Ainda assim, por mais repentinas que pareçam sua chegada e sua partida, seu verdadeiro alcance se estende por anos e gerações.

Jesus de Nazaré foi, em si, o grande acontecimento. Esse homem, cujo pai, mãe e irmãos conhecemos, foi um milagre realizado na Judeia. Sim, todos os seus milagres, se colocados a seus pés, não chegariam a seus

tornozelos. E todos os rios, de todos os anos, não levarão a lembrança que temos dele.

Ele era uma montanha queimando na noite, mas também era o brilho discreto além das colinas. Era a tempestade do céu, mas também o murmúrio na bruma do amanhecer. Era a torrente que jorrava das alturas em direção às planícies, destruindo tudo em seu caminho, mas também o riso de uma criança.

Todos os anos eu esperava a primavera para visitar esse vale. Esperava pelos lírios e pelas prímulas, e todo ano minha alma se entristecia dentro de mim, pois sempre esperava me alegrar com a primavera, mas não me alegrava.

Mas quando Jesus chegou às minhas estações, ele foi de fato a primavera, e nele havia a promessa de todos os anos vindouros. Ele encheu meu coração de alegria, e eu, uma coisinha tímida, cresci como as violetas à luz de sua chegada. E as estações cambiantes de mundos que ainda não temos não apagarão sua beleza deste nosso mundo.

Não, Jesus não foi um fantasma, nem uma criação dos poetas. Ele foi um ser humano como tu e eu. Mas somente no que se refere a visão, tato, audição. Em todos os outros aspectos, ele foi bem diferente de nós.

Era um homem alegre. Foi no caminho da alegria que viu os sofrimentos de todos os homens. E foi do alto de seus sofrimentos que viu a alegria de todos os homens.

Ele tinha visões que não tínhamos e ouvia vozes que não ouvíamos. Falava como se falasse para multidões invisíveis, e muitas vezes falou através de nós para raças ainda não nascidas.

Com frequência, Jesus ficava sozinho. Ele estava entre nós, mas não era um de nós. Ele estava na terra, mas era do céu. E somente em nossa solidão

podemos visitar a terra de sua solidude.

Ele nos amou com amor terno. Seu coração era um lagar. Tu e eu poderíamos nos aproximar com uma taça e beber dali.

Uma coisa eu não entendia em Jesus: ele se alegrava com seus ouvintes; contava piadas, brincava com as palavras e ria com toda a plenitude do coração, mesmo quando havia distâncias em seus olhos e tristeza em sua voz. Mas agora entendo.

Muitas vezes penso na terra como uma mulher grávida de seu primeiro filho. Quando Jesus nasceu, ele foi o primeiro filho. E quando morreu, foi o primeiro homem a morrer. Pois não vos pareceu que a terra silenciou naquela sexta-feira tenebrosa e que os céus estavam em guerra entre si? Não sentistes quando seu rosto desapareceu de nossa vista como se fôssemos somente memórias na névoa?

Cléopas de Batrum

Sobre a lei e os profetas

Quando Jesus falava, o mundo inteiro silenciava para ouvi-lo. Suas palavras não eram para os nossos ouvidos, mas para os elementos com que Deus fez esta terra.

Ele falava ao mar, nossa imensa mãe, que nos deu à luz. Falava às montanhas, nossos irmãos mais velhos, cujo cume é uma promessa. E falava aos anjos além do mar e das montanhas, a quem confiávamos nossos sonhos antes que o barro em nós fosse endurecido pelo sol.

E suas palavras ainda dormitam em nosso peito, como uma canção de amor meio esquecida, flamejando, vez ou outra, em nossa memória. Suas palavras eram simples e alegres, e o som de sua voz era como água fresca em terra seca.

Certa vez, ele ergueu a mão ao céu, e seus dedos eram como galhos de sicômoro, e disse, com voz imponente:

– Os antigos profetas falaram convosco, e vossos ouvidos estão cheios de suas palavras. Mas eu vos digo: esvaziai os ouvidos do que ouvistes.

E estas palavras de Jesus, “mas eu vos digo”, não foram proferidas por um homem de nossa raça, nem de nosso mundo, mas por um exército de serafins marchando pelo céu da Judeia. Uma e outra vez ele citava a lei e os profetas, e então dizia: “Mas eu vos digo...”. Que palavras ardorosas, que ondas de mares desconhecidos nas praias de nossa mente! “Mas eu vos digo”. Que estrelas buscando a escuridão da alma, que almas insones

aguardando a alvorada!

Para falar das palavras de Jesus, é necessário ter suas palavras, ou seu eco, ao menos. Eu não tenho nem as palavras nem o eco.

Peço-vos que me perdoem por começar uma história que não posso terminar. Mas o fim ainda não está em meus lábios. Ainda é uma canção de amor ao vento.

Naamá dos Gadarenos

Sobre a morte de Estêvão

Seus discípulos estão dispersos. Ele lhes deixou o legado do sofrimento antes que ele mesmo fosse morto. Eles são caçados como cervos e raposas no campo, e a aljava do caçador ainda está cheia de flechas. Mas quando são pegos e levados à morte, seus rostos brilham como o rosto do noivo na festa de casamento. Pois ele também lhes deixou o legado da alegria.

Eu tinha um amigo do norte, seu nome era Estêvão. Por ter proclamado Jesus como o Filho de Deus, ele foi conduzido à praça pública e apedrejado. Quando caiu na terra, estendeu os braços como se quisesse morrer como seu Mestre morreu. Seus braços se abriram como asas prontas para o voo. E quando o último lampejo de vida reluziu em seu olhar, com meus próprios olhos vi um sorriso em seus lábios. Era um sorriso feito a brisa que sopra antes do fim do final: uma garantia e a promessa da primavera.

Como devo descrever isso?

Era como se Estêvão dissesse: “Se eu fosse para outro mundo, e outros homens me levassem a outra praça para me apedrejar, mesmo assim eu o proclamaria pela verdade que havia nele e por essa mesma verdade que há em mim agora”.

Notei que havia um homem perto, olhando com prazer o apedrejamento de Estêvão. Seu nome era Saulo de Tarso. Foi ele que entregara Estêvão aos sacerdotes, aos romanos e à multidão para ser apedrejado. Saulo era calvo e baixo. Seus ombros eram curvados e suas feições, desarmoniosas. Não

gostei dele.

Ouvi dizer que ele agora está pregando sobre Jesus de cima das casas. Difícil de acreditar. Mas o túmulo não impede que Jesus caminhe ao acampamento inimigo para domar e prender aqueles que se opuseram a ele.

Ainda assim, não gosto daquele homem de Tarso, embora me tenham dito que, após a morte de Estêvão, ele foi domado e conquistado na estrada para Damasco. Mas sua cabeça é grande demais para que seu coração seja o de um verdadeiro discípulo. E, no entanto, talvez eu esteja enganado. Muitas vezes me engano.

Tomé

Sobre os antepassados de suas dúvidas

Meu avô, que era advogado, disse uma vez: “Observemos a verdade, mas somente quando a verdade nos for manifestada”.

Quando Jesus me chamou, eu o segui, pois seu chamado era mais forte do que minha vontade. Ainda assim, guardava minhas próprias opiniões para mim mesmo.

Quando ele falava e os outros se dobravam como galhos ao vento, eu escutava imóvel. Mas eu o amava.

Há três anos, ele nos deixou, uma comunidade dispersa para louvar seu nome e ser suas testemunhas para as nações.

Naquela época, eu era chamado de Tomé, o Cético. A sombra do meu avô ainda estava sobre mim, e eu queria sempre que a verdade me fosse manifestada. Chegava a colocar minha mão em minha própria ferida para sentir o sangue antes de acreditar em minha dor.

Agora, um homem que ama com o coração, mas duvida com a razão, é como um escravo numa galé, que adormece ao remo e sonha com sua liberdade, até ser despertado pelo açoite de seu mestre. Eu mesmo era esse escravo que sonhava com a liberdade, mas o sono do meu avô pesava sobre mim. Minha carne precisava da chicotada de meus próprios dias.

Mesmo na presença do Nazareno, fechava os olhos e via minhas mãos acorrentadas ao remo. A dúvida é uma dor solitária demais para acreditar que a fé é sua irmã gêmea.

A dúvida é uma criança abandonada, infeliz e perdida. Mesmo que sua própria mãe, que lhe deu a vida, a encontrasse e quisesse envolvê-la nos braços, ela recuaria, por cautela e medo. Pois a dúvida não conhecerá a verdade até que suas feridas sejam tratadas e curadas.

Duvidei de Jesus até que ele se manifestou para mim, pondo minha mão em suas próprias feridas. Então, realmente acreditei, e, depois, liberei-me de meu passado e do passado de meus ancestrais. Os mortos em mim enterraram seus mortos, e os vivos viverão para o Rei Ungido, sim, para o que era o Filho do Homem.

Ontem me disseram que devo ir e pronunciar seu nome entre os persas e os hindus. Pois irei. E deste dia até meu último dia, ao amanhecer e ao anoitecer, verei meu Senhor se levantar em majestade e o ouvirei falar.

Elmadã, o lógico

Jesus, o marginalizado

Vós me pedis para falar de Jesus, o Nazareno, e muito tenho a contar, mas ainda não chegou a hora. Todavia, tudo o que direi sobre ele agora é a verdade, pois toda fala é inútil, exceto quando revela a verdade.

Imaginaí um homem desordeiro, contrário a toda ordem, um mendigo que se opunha a todas as posses, um bêbado que só se divertia com patifes e enjeitados.

Ele não era o orgulhoso filho do Estado, nem era o cidadão protegido do Império, e, portanto, desprezava tanto o Estado quanto o Império.

Vivia livre e despreocupado, como as aves do céu, e por isso os caçadores o trouxeram de volta à terra com suas flechas.

Ninguém demolirá as torres do passado sem ser atingido por suas pedras. Ninguém abrirá as represas de seus ancestrais sem se afogar. Esta é a lei. E como o Nazareno quebrou a lei, ele e seus insensatos seguidores foram aniquilados.

E houve muitos outros como ele, homens que desejavam mudar o curso de nosso destino, e acabaram sendo mudados, saindo perdedores.

Há uma videira sem uvas que cresce nas muralhas da cidade. Ela trepa muro acima e se agarra às pedras. Se essa videira dissesse em seu coração: “Com meu poder e meu peso, destruirei estas paredes”, o que as outras plantas diriam? Certamente ririam de sua tolice.

Pois bem, senhor, não tenho como não rir desse homem e de seus

discípulos desavisados.

Uma das Marias

Sobre sua tristeza e seu sorriso

Sua cabeça estava sempre erguida, e a chama de Deus cintilava em seus olhos.

Muitas vezes ficava triste, mas sua tristeza era ternura àqueles que sofriam e uma companhia aos solitários.

Quando sorria, seu sorriso era como a fome daqueles que anseiam pelo desconhecido. Era como a poeira das estrelas caindo sobre as pálpebras das crianças. E como um pedaço de pão na garganta.

Ele era triste, mas era uma tristeza que lhe vinha aos lábios e virava um sorriso.

Era como um véu dourado na floresta quando o outono cobre o mundo. E às vezes parecia o luar nas margens do lago.

Ele sorria como se seus lábios cantassem numa festa de casamento.

Porém, ele era triste, e sua tristeza era como a do pássaro que não voará mais alto do que seu companheiro.

Romanus, um poeta grego

Jesus, o poeta

Ele era um poeta. Via com nossos olhos e ouvia com nossos ouvidos. Tinha nos lábios as palavras que não dissemos, e era capaz de tocar com os dedos aquilo que não podíamos sentir.

Do seu coração, voavam incontáveis pássaros gorjeantes para o norte e para o sul, e as pequenas flores nas encostas das colinas acompanhavam seus passos em direção aos céus.

Muitas vezes o vi curvando-se para tocar as folhas da relva. E em meu coração o ouvia dizer: “graminha verde, estareis comigo em meu reino, como os carvalhos de Bessan e os cedros do Líbano”.

Ele amava tudo o que era belo, o rosto tímido das crianças, a mirra e o incenso do sul. Amava uma romã ou uma taça de vinho oferecida gentilmente, tanto por um estranho na hospedaria quanto por um rico anfitrião.

E ele amava as flores da amendoeira. Eu o vi recolhendo-as nas mãos e cobrindo o rosto com as pétalas, como se, com seu amor, abraçasse todas as árvores do mundo.

Ele conhecia o mar e os céus. Falava de pérolas que iluminavam com uma luz diferente desta e de estrelas que estão além de nossa noite. Conhecia as montanhas como as águias as conhecem, e os vales, como os rios e riachos. Havia um deserto em seu silêncio e um jardim em suas palavras.

Sim, ele era um poeta cujo coração habitava um lugar acima de todas as alturas, e suas canções, embora cantadas para nossos ouvidos, eram entoadas também para outros ouvidos e homens em outro mundo, onde a vida é para sempre jovem e o tempo é sempre aurora.

Houve um tempo em que também me considerei poeta, mas quando estive diante dele em Betânia, soube o que é segurar um instrumento com apenas uma corda na presença de alguém que comanda todos os instrumentos. Pois em sua voz havia o riso do trovão e as lágrimas da chuva, e a dança alegre das árvores ao vento.

E desde que sei que minha lira tem somente uma corda, e que minha voz não tece as lembranças de ontem nem as esperanças de amanhã, pus de lado minha lira e silencieei. Mas, no crepúsculo, estarei sempre atento, para ouvir o Poeta, soberano de todos os poetas.

Levi, um discípulo

Sobre aqueles que queriam desconcertar Jesus

Certa noite, ele passou em minha casa, e minha alma se agitou dentro de mim. Ele falou comigo, dizendo:

– Vem, Levi, segue-me.

E eu o segui naquele dia.

No dia seguinte, ao anoitecer, roguei-lhe que entrasse em minha casa e fosse meu convidado. Ele e seus amigos atravessaram a soleira de minha porta e abençoaram a mim, a minha esposa e a meus filhos.

Eu tinha outros convidados. Eram publicanos e eruditos, mas se opunham a ele no íntimo.

Estávamos sentados à mesa, quando um dos publicanos questionou Jesus, perguntando:

– É verdade que tu e teus discípulos infringis a lei e fazeis fogo no sábado?

Jesus respondeu-lhe, dizendo:

– Realmente fazemos fogo no sábado. Queremos incendiar o sábado e queimar, com nosso facho, a palha seca de todos os dias.

Outro publicano comentou:

– Ficamos sabendo que tomas vinho com os impuros na estalagem.

E Jesus respondeu:

– Sim, esses também havemos de consolar. Não viemos aqui senão para compartilhar o pão e a taça com os descoroados e os descalços entre vós.

Poucos, bem poucos são os pássaros implumes que se arriscam ao vento, e muitos são os alados e desenvolvidos que permanecem no ninho. E queremos alimentar a todos com nosso bico, tanto os mais lentos quanto os mais ágeis.

Outro publicano disse:

– Não é que me contaram que proteges as prostitutas de Jerusalém?

Então, vi no rosto de Jesus os cumes rochosos do Líbano, por assim dizer.

– É verdade – disse ele. – No dia do juízo final, essas mulheres se elevarão diante do trono de meu Pai, e serão purificadas por suas próprias lágrimas. Vós, contudo, ficareis presos pelos grilhões de vosso próprio julgamento. A Babilônia não foi destruída por causa de suas prostitutas; a Babilônia foi transformada em cinzas para que os olhos de seus hipócritas não pudessem mais ver a luz do dia.

E outros publicanos queriam questioná-lo também, mas eu lhes fiz um sinal e pedi que se calassem, pois sabia que ele os desconcertaria; eles também eram meus convidados, e eu não queria que eles passassem vergonha.

Quando deu meia-noite, os publicanos foram embora, com a alma claudicante.

Então, fechei os olhos e vi, como numa visão, sete mulheres de vestes brancas em volta de Jesus. Tinham os braços cruzados sobre o peito e a cabeça baixa. Fiz força para enxergar em meio à névoa de meu sonho e vi o rosto de uma das sete mulheres, que iluminava minha escuridão: era o rosto de uma prostituta que morava em Jerusalém.

Abri os olhos e olhei para Jesus. Ele sorria para mim e para os outros que não haviam saído da mesa. Fechei os olhos outra vez, e vi, na luz, sete

homens de vestes brancas ao redor dele. Consegui distinguir o rosto de um deles: era o rosto do ladrão que foi crucificado depois, à sua direita.

Mais tarde, Jesus e seus companheiros deixaram minha casa e seguiram seu caminho.

Uma viúva da Galileia

Jesus, o cruel

Meu filho foi o primeiro e o único que tive. Ele trabalhava em nosso campo e estava feliz até ouvir esse homem chamado Jesus falando à multidão. De repente, meu filho ficou diferente, como se um novo espírito, estranho e enfermo, tivesse se apossado do seu. Ele abandonou o campo e o jardim, e também a mim. Tornou-se inútil, uma criatura das estradas.

Aquele homem, Jesus de Nazaré, era mau, pois que homem bom separaria um filho de sua mãe?

A última coisa que meu filho me disse foi:

– Vou com um de seus discípulos para o norte. Minha vida se baseia no Nazareno. Tu me trouxeste ao mundo, e te agradeço por isso. Mas preciso ir embora. Não estou deixando contigo nossa rica terra e toda nossa prata e nosso ouro? Não levarei nada além da roupa do corpo e deste cajado.

Assim falou meu filho e partiu.

Agora os romanos e os sacerdotes apoderaram-se de Jesus e o crucificaram; e eles fizeram bem. Um homem que separa mãe e filho não podia ser divino. O homem que envia nossos filhos para as cidades dos gentios não pode ser nosso amigo.

Sei que meu filho não voltará para mim. Vi em seus olhos. E por isso odeio Jesus de Nazaré, que me fez ficar sozinha neste campo não cultivado e neste jardim ressequido.

E eu odeio todos aqueles que o louvam.

Há poucos dias, contaram-me que Jesus dissera certa vez: “Meu pai, minha mãe e meus irmãos são aqueles que ouvem minha palavra e me seguem”. Mas por que os filhos deveriam deixar as mães para seguir seus passos? E por que o leite do meu peito deveria ser esquecido por uma fonte ainda não provada? Por que o calor dos meus braços deveria ser abandonado pelas terras do norte, frias e hostis?

Sim, eu odeio o Nazareno, e vou odiá-lo até o fim dos meus dias, pois ele me roubou meu primogênito, meu único filho.

Judas, o primo de Jesus

Sobre a morte de João Batista

Certa noite, no mês de agosto, estávamos com o Mestre numa charneca não muito longe do lago. A charneca era chamada pelos antigos de “Prado dos Crânios”.

Jesus estava deitado na grama, contemplando as estrelas. De repente, dois homens vieram correndo em nossa direção. Ofegantes e afoitos, prostraram-se aos pés de Jesus. Ele se levantou e perguntou:

– De onde viestes?

Um dos homens respondeu:

– De Maquero.

Jesus olhou para ele, preocupado.

– E João? – perguntou.

– Foi morto hoje – respondeu o homem. – Foi decapitado na cela da prisão.

Jesus ergueu a cabeça e afastou-se um pouco de nós. Depois de um tempo, aproximou-se novamente e disse:

– O rei poderia ter matado o profeta antes deste dia. Em verdade, o rei provou o prazer de seus súditos. Os reis de outrora não eram tão lentos em entregar a cabeça de um profeta aos caçadores de cabeças. Não sinto por João, mas por Herodes, que fez uso da espada. Pobre rei, preso como um animal conduzido pela coleira. Pobres tetrarcas! Perdidos em suas próprias trevas, tropeçam e caem. O que esperar, entretanto, de um mar estanque a

não ser peixes mortos? Não odeio os reis. Que eles governem os homens, mas somente se forem mais sábios do que eles.

O Mestre encarou o rosto triste dos dois, e, então, olhou para nós e disse:

– João nasceu ferido, e o sangue de suas feridas jorrava com suas palavras. Ele era a liberdade ainda não liberta de si mesma, e era paciente apenas com os retos e justos. Na verdade, era uma voz gritando na terra dos surdos. E eu o amava em sua dor e sua solidão. Amava-o em seu orgulho, preferindo submeter a cabeça à espada a entregá-la ao pó. Em verdade, digo-vos que João, o filho de Zacarias, foi o último de sua estirpe e, como seus antepassados, foi morto entre o limiar do templo e o altar.

Outra vez Jesus se afastou de nós. Depois, voltou e disse:

– Sempre foi assim. Aqueles que governam por uma hora matam os governantes de anos; julgam e condenam um homem que ainda nem nasceu; decretam sua morte antes de ele cometer o crime. O filho de Zacarias viverá comigo em meu reino e seu dia será longo.

Então, voltou-se para os discípulos de João e disse:

– Todo ato terá seu dia seguinte. Eu mesmo posso ser o dia seguinte desse ato. Voltai aos amigos de meu amigo e dizei-lhes que estarei com eles.

Os dois homens se afastaram de nós, e pareciam menos aflitos.

Então, Jesus deitou-se novamente sobre a grama, estendeu os braços e voltou a mirar as estrelas.

Já era tarde. Deitei-me não longe dele, e bem que gostaria de ter descansado, mas uma mão batia na porta de meu sono, e fiquei acordado até que Jesus e a aurora me chamaram para retomar a estrada.

O homem do deserto

Sobre os cambistas

Eu era estrangeiro em Jerusalém. Tinha ido à Cidade Santa para ver o grande templo e oferecer um sacrifício sobre o altar, pois minha esposa dera filhos gêmeos à minha tribo.

Depois de fazer minha oferenda, fiquei no pátio do templo observando os cambistas e os vendedores de pombas para sacrifício, em meio à balbúrdia. Eu estava ali, quando de repente vejo surgir um homem entre os cambistas e os vendedores de pombas. Era um sujeito majestoso, que se aproximara rapidamente. Trazia na mão uma chibata feita de pele de cabra, com a qual começou a chicotear os vendedores de aves, virando as mesas dos cambistas.

– Devolvi estas aves ao céu, que é seu ninho – ouvi-o exclamar.

Homens e mulheres fugiram de sua frente, enquanto ele avançava por eles como um rodadoiro por entre as dunas. Tudo isso aconteceu muito rápido. Em questão de segundos, o pátio do templo ficou vazio, sem nenhum cambista. Apenas aquele homem permanecia ali, com seus seguidores à certa distância.

Nesse momento, virei o rosto e vi outro homem no pátio do templo. Andei em direção a ele e perguntei:

– Senhor, quem é esse homem que está ali sozinho, como se fosse outro templo?

Ele me respondeu:

– Esse é Jesus de Nazaré, um profeta que apareceu recentemente na Galileia. Aqui em Jerusalém todos o odeiam.

E eu disse:

– Meu coração foi forte o suficiente para acompanhar seu chicote e humilde o suficiente para curvar-se a seus pés.

Jesus foi em direção a seus seguidores, que o esperavam, mas antes de chegar até eles, três pombas do templo voaram de volta. Uma delas pousou em seu ombro esquerdo e as outras duas, a seus pés. Ele tocou cada uma com ternura e, então, seguiu em frente. Cada um de seus passos media léguas.

Agora, digei-me: como ele tinha o poder de atacar e dispersar centenas de homens e mulheres sem que ninguém reagisse? Disseram-me que todos o odiavam, mas ninguém fez frente a ele naquele dia. Será que ele arrancou as presas do ódio a caminho do pátio do templo?

Pedro

Sobre o futuro de seus seguidores

Certa vez, ao pôr do sol, Jesus nos levou à aldeia de Betsaida. Estávamos todos cansados e íamos cobertos pela poeira da estrada.

Chegamos a uma mansão no meio de um jardim. O dono se encontrava junto ao portão. Jesus lhe disse:

– Estes homens estão fatigados e doem-lhe os pés. Permite que durmam em tua casa. A noite está fria, e eles precisam de calor e descanso.

– Eles não podem dormir em minha casa – retrucou o homem rico.

Jesus disse:

– Permite, então, que durmam em teu jardim.

E o homem respondeu:

– Eles não dormirão em meu jardim.

Então, Jesus se virou para nós e disse:

– Assim será vosso amanhã, e este presente é como vosso futuro. Todas as portas vos serão fechadas na cara, e nem mesmo os jardins sob as estrelas vos servirão de leito. Se vossos pés forem pacientes com a estrada e me seguirem, pode ser que encontreis uma bacia e uma cama, e talvez também pão e vinho. Mas se não encontrardes nenhuma dessas coisas, não vos esqueceis de que atravessastes um de meus desertos. Vinde, sigamos em frente.

O homem rico parecia incomodado e seu rosto mudou. Murmurou para si mesmo algumas palavras que não ouvi e se afastou, desaparecendo no

jardim.

Quanto a nós, seguimos Jesus na estrada.

Malaquias da Babilônia, um astrônomo

Os milagres de Jesus

Vós me perguntais sobre os milagres de Jesus. A cada mil milhares de anos o sol, a lua, a terra e todos os seus planetas irmãos alinham-se e conversam por um momento juntos. Depois, dispersam-se lentamente e aguardam a passagem de mais mil milhares de anos.

Não há milagres além das estações, embora vós e eu não conheçamos todas as estações. E se uma estação se manifestar na forma de um homem?

Em Jesus, os elementos de nosso corpo e nossos sonhos se uniram de acordo com a lei. Tudo o que era atemporal antes dele tornou-se temporal nele.

Dizem que ele devolvia a visão aos cegos, fazia andar o paralisado e expulsava o demônio dos dementes. Talvez a cegueira seja apenas um pensamento sombrio que pode ser superado por um pensamento luminoso. Talvez um membro inválido seja apenas ociosidade que pode ser revertida com energia. E talvez os demônios, esses elementos perturbadores de nossa vida, possam ser exorcizados pelos anjos da paz e da serenidade.

Dizem que ele ressuscitava os mortos. Se me disserdes o que é a morte, então eu vos direi o que é a vida.

Num campo, eu observei a noz do carvalho, algo inerte e aparentemente inútil. Na primavera, vi que a noz cria raízes e cresce, o prenúncio de um carvalho, em direção ao sol. Certamente, consideraríeis isso um milagre, mas esse milagre é realizado milhares de vezes no torpor de cada outono e

na paixão de cada primavera. Por que não se realizaria também no coração do homem? Não se encontrarão as estações nas mãos ou nos lábios de um Homem Ungido?

Se nosso Deus deu à terra a arte de aninhar a semente que está aparentemente morta, por que não haveria de dar ao coração do homem a arte de soprar a vida em outro coração, mesmo um coração aparentemente morto?

Eu falei destes milagres que considero pequenos ao lado do maior milagre, que é o próprio homem, o Viajante, o homem que transformou minha escória em ouro, que me ensinou a amar aqueles que me odeiam e, assim, trouxe-me consolo e povoou de sonhos bons o meu sono.

Este é o milagre de minha vida. Minha alma estava cega e inválida. Eu estava possuído por espíritos perturbadores e estava morto. Mas agora vejo com clareza e ando ereto. Estou em paz e vivo para testemunhar e proclamar meu próprio ser a cada hora do dia.

Não sou um de seus seguidores. Sou apenas um velho astrônomo que visita os campos do espaço uma vez a cada estação, atento à lei e aos milagres dela. Estou no ocaso de meus dias, mas sempre que busco o alvorecer, vou atrás da juventude de Jesus. A velhice sempre buscará a juventude. Em mim, agora, é o conhecimento que busca a visão.

Um filósofo

Sobre admiração e beleza

Quando ele estava conosco, olhava para nós e para o nosso mundo com olhos de admiração, pois seus olhos não estavam velados pelo véu dos anos, e tudo o que ele via era claro à luz de sua juventude.

Embora conhecesse a profundidade da beleza, sempre se surpreendia com sua paz e majestade, e, diante da terra, deteve-se como o primeiro homem antes do primeiro dia.

Nós, cujos sentidos foram embotados, olhamos em plena luz do dia e, mesmo assim, não enxergamos. Colocamo-nos a ouvir, mas não escutamos, e estendemos as mãos, mas não tocamos. E mesmo que todo o incenso da Arábia seja queimado, seguimos nosso caminho e não sentimos o perfume.

Não vemos o lavrador voltando do campo ao anoitecer nem ouvimos a flauta do pastor ao conduzir o rebanho para o redil; não esticamos os braços para tocar o pôr do sol, e nossas narinas não anseiam mais pelas rosas de Sharon.

Não, nós não honramos reis sem reinos, nem ouvimos o som das harpas, exceto quando as cordas são tangidas por mãos; não vemos uma criança brincando em nosso olival como se ela mesma fosse uma oliveira jovem. E todas as palavras precisam surgir de lábios de carne, senão nos consideramos surdos e mudos. Na verdade, olhamos, mas não vemos, ouvimos, mas não escutamos, comemos e bebemos, mas não sentimos o gosto.

E aí reside a diferença entre Jesus de Nazaré e nós. Seus sentidos eram renovados o tempo todo, e o mundo para ele era sempre um mundo novo. Para ele, o balbuciar de um bebê equivalia, em altura, ao o grito de toda a humanidade, enquanto, para nós, não passa de um balbuciar. Para ele, a raiz de um ranúnculo amarelo era um anseio em direção a Deus, enquanto, para nós, não passa de uma raiz.

Urias, um senhor de Nazaré

Ele era um estrangeiro entre nós

Ele era um estrangeiro entre nós e sua vida se ocultava por trás de véus escuros. Ele não trilhava o caminho de nosso Deus, seguindo o curso dos abjetos e infames.

Na infância, rebelou-se e rejeitou o doce leite de nossa natureza. Na juventude, inflamou-se como grama seca a queimar na noite. E quando se tornou homem, empunhou armas contra todos nós.

Homens assim são concebidos na vazante da bondade humana e nascem em tempestades impuras. E em tempestades vivem um dia e perecem para sempre.

Não vos lembrais dele, um menino arrogante, que discutia com nossos sábios anciãos e ria de sua dignidade? Não vos lembrais de sua juventude, quando vivia da serra e do formão? Ele não acompanhava nossos filhos e filhas nos feriados. Ele andava sozinho.

Ele não respondia à saudação daqueles que o cumprimentavam, como se estivesse acima de nós. Eu mesmo o encontrei uma vez no campo e o cumprimentei. Ele apenas sorriu, e em seu sorriso vi arrogância e ultraje.

Não muito tempo depois, minha filha foi com as amigas aos vinhedos para colher uvas. Ela falou com ele, mas ele não respondeu. Limitou-se a falar para o grupo de vindimadores que ali trabalhavam, como se minha filha não estivesse entre eles.

Quando abandonou seu povo e se tornou vagabundo, não passava de um

falastrão. Sua voz era como uma garra em nossa carne, e o som dela ainda dói em nossa memória.

Ele falava sempre mal de nós e de nossos pais e antepassados. Sua língua buscava nosso peito como uma flecha envenenada.

Assim era Jesus.

Se tivesse sido meu filho, eu o teria entregado com as legiões romanas à Arábia, e teria implorado ao capitão que o colocasse na linha de frente da batalha, para que o arqueiro do inimigo pudesse acertá-lo, livrando-me de sua insolência.

Mas não tenho filhos. E talvez eu deva ser grato por isso. Pois e se meu filho se tornasse inimigo de seu próprio povo, e meus cabelos grisalhos, de vergonha, estivessem agora buscando o pó, e minha barba branca desonrada?

Nicodemos, o poeta

Sobre tolos e parlapatões

Muitos são os tolos que dizem que Jesus atravancou seu próprio caminho e opôs-se a si mesmo, que ele não conhecia sua própria mente e que, na ausência desse conhecimento, se perdeu. Muitas são, de fato, as corujas que não conhecem melodia diferente de seu próprio crocitar.

Vós e eu conhecemos os parlapatões que só honrariam um parlapatão maior, homens que carregam suas cabeças em cestas até o mercado e as vendem ao primeiro que fizer uma oferta. Conhecemos os pigmeus que abusam dos gigantes. E sabemos o que a erva daninha diria do carvalho e do cedro.

Tenho pena deles, que não podem subir às alturas. Tenho pena do espinheiro adusto, que inveja o olmo a desafiar as estações. Mas minha piedade, embora envolvida pelo pesar de todos os anjos, não lhes traz nenhuma luz.

Conheço o espantalho, cujos andrajos tremulam ao vento do milharal, embora ele mesmo esteja morto para o milho que cresce ali e para o vento que canta.

Conheço a aranha sem asas que tece uma teia para tudo o que voa.

Conheço os astutos, os sopradores de chifre e os tocadores de tambor, que na profusão de seu próprio barulho, não conseguem ouvir a cotovia nem o vento oriental na floresta.

Conheço aquele que rema contra todas as correntes, mas nunca encontra

o manancial, que percorre todos os rios, mas nunca se aventura ao mar.

Conheço aquele que oferece as mãos inábeis ao construtor do templo e, quando elas são rejeitadas, diz nas trevas de seu coração: “Destruirei tudo o que for construído”.

Conheço todos eles. São homens que criticam Jesus por dizer um dia “trago-vos a paz”, e, no outro, “trago-vos a espada”. Eles não conseguem entender que, na verdade, ele disse: “Trago paz aos homens de boa vontade e ponho uma espada entre aquele que quer a paz e aquele que quer a espada”.

Eles se admiram que aquele que disse: “Meu reino não é deste mundo”, disse também: “Dai a César o que é de César”. Não sabem que, se quiserem de fato ser livres para entrar no reino de sua paixão, não devem discutir com a sentinela de suas necessidades. Que paguem com alegria a taxa para entrar nessa cidade.

Esses são os homens que dizem: “Ele pregava a ternura, a bondade e o amor filial, mas não dava ouvidos à mãe e aos irmãos quando o procuravam nas ruas de Jerusalém”. Eles não sabem que sua mãe e seus irmãos, em seu amor e receio, preferiam que ele voltasse à carpintaria, enquanto ele abria nossos olhos para o alvorecer de um novo dia. Sua mãe e seus irmãos o teriam feito viver na sombra da morte, quando ele mesmo desafiou a morte naquela colina, para que pudesse viver em nossa memória, que não dorme.

Conheço essas toupeiras que cavam caminhos para lugar nenhum. Não são eles que acusam Jesus de glorificar a si mesmo, ao dizer à multidão: “Eu sou o caminho e a porta da salvação”, e até mesmo de ter se considerado a vida e a ressurreição? Mas Jesus não reivindicou mais do que reivindica o mês de maio em seu apogeu.

E deveria ele não contar a reluzente verdade por ela ser tão reluzente?

Ele de fato disse que era o caminho, a vida e a ressurreição do coração; e eu mesmo sou testemunha de sua verdade.

Não vos lembrais de mim, Nicodemos, um indivíduo que não acreditava em nada a não ser nas leis e nos decretos, vivendo sujeito às observâncias?

Olhai-me agora, um homem que anda com vida e ri com o sol desde o primeiro momento em que ele sorri sobre as montanhas até se retirar atrás das colinas.

Por que paralisais diante da palavra salvação? Eu mesmo atingi minha salvação por meio dele.

Não me preocupo com o que me sucederá amanhã, pois sei que Jesus avivou meu sono e fez de meus sonhos distantes meus companheiros de estrada. Sou menos homem porque acredito num homem maior?

As barreiras de carne e osso caíram quando o Poeta da Galileia falou comigo. Um espírito se apossou de mim, e fui elevado às alturas. No ar, minhas asas se juntaram à melodia da paixão.

E quando desci do vento no Sinédrio e minhas asas foram cortadas, ainda assim minhas costelas e minhas asas depenadas guardaram a canção. E nenhuma pobreza dos vales pode roubar meu tesouro.

Eu já disse o suficiente. Que os surdos enterrem o sussurro da vida em seus ouvidos mortos. Eu me contento com o som de sua lira, que ele segurava e fazia soar enquanto as mãos de seu corpo eram pregadas e sangravam.

José de Arimateia, dez anos depois

Os dois córregos do coração de Jesus

Havia dois córregos no coração do Nazareno: o córrego do parentesco com Deus, a Quem ele chamava de Pai, e o córrego do arrebatamento, que ele chamou de reino do Mundo Superior.

Na minha solidão, eu pensava nele e seguia esses dois córregos de seu coração. Nas margens de um, encontrei minha própria alma; às vezes minha alma era um mendigo e um andarilho, às vezes, uma princesa em seu jardim.

Então segui o outro córrego de seu coração, e no meu caminho encontrei um indivíduo que havia sido espancado e teve seu ouro roubado, e ele estava sorrindo. Mais adiante vi o ladrão que o havia roubado, com lágrimas no rosto jamais derramadas por ninguém.

Ouvi o murmúrio desses dois córregos em meu próprio peito e me enchi de alegria.

Visitei Jesus um dia antes de Pôncio Pilatos e os anciãos colocarem as mãos nele. Conversamos longamente, e lhe fiz muitas perguntas, às quais ele respondeu com grande benevolência. Quando o deixei, sabia que ele era o Senhor e Mestre deste nosso mundo.

Faz tempo que o cedro caiu, mas a sua fragrância perdura e sempre buscará os quatro cantos da terra.

Georgus de Beirute

Sobre estrangeiros

Ele e seus amigos estavam no bosque de pinheiros além da minha cerca, conversando. Fiquei perto da cerca e escutei.

Eu sabia quem ele era, pois sua fama chegara a estas praias antes que ele próprio as visitasse. Quando ele parou de falar, aproximei-me dele e disse:

– Senhor, vem com esses homens e honra-me a mim e a meu teto.

Ele sorriu para mim e disse:

– Hoje não, meu amigo. Hoje não.

Havia uma bênção em suas palavras, e sua voz me envolveu como um manto numa noite fria. Então, ele se voltou para os amigos e disse:

– Eis um homem que não nos considera estrangeiros e que, embora não nos tenha visto até o dia de hoje, nos convida a entrar. Na verdade, em meu reino não há estrangeiros. Nossa vida é apenas a vida de todos os outros homens, concedida a nós para que possamos conhecer todos os homens e, nesse conhecimento, amá-los. As ações de todos os homens são apenas nossas ações, tanto as ocultas quanto as reveladas. Rogo-vos que não sejais um só ser, mas muitos seres, o chefe de família e os sem-teto, o lavrador e o pardal que bica o grão antes que ele adormeça na terra, o doador que dá em gratidão e o recebedor que recebe com orgulho e reconhecimento. A beleza do dia não está somente no que vedes, mas no que os outros homens veem. Por isso escolhi a vós dentre os muitos que me escolheram.

Nesse momento, ele se virou para mim novamente, sorriu e disse:

– Digo estas coisas também para ti, e tu também te lembrarás delas.

Então, implorei:

– Mestre, não queres visitar minha casa?

E ele respondeu:

– Conheço teu coração e visitei tua casa maior.

Enquanto ele se afastava com seus discípulos, disse-me:

– Boa noite, e que tua casa seja grande o suficiente para abrigar todos os peregrinos da terra.

Maria Madalena

Sua boca era como o coração de uma romã

Sua boca era como o coração de uma romã, e as sombras em seus olhos eram profundas. Ele era gentil, como um homem consciente de sua própria força. Em meus sonhos, via os reis da terra admirados em sua presença.

Eu falaria de seu rosto, mas de que maneira? Era como a noite sem escuridão e como o dia sem o barulho do dia. Era um rosto triste e alegre ao mesmo tempo.

Lembro-me bem como uma vez ele ergueu as mãos para o céu, e seus dedos separados eram como os ramos de um olmo. E lembro-me dele andando pela noite. Ele não andava. Ele mesmo era uma estrada sobre a estrada, como uma nuvem sobre a terra que desce para refrescá-la.

Mas quando fiquei diante dele e falei com ele, ele era um homem, e seu rosto era poderoso. Ele me perguntou:

– O que queres, Maria?

Eu não respondi, mas minhas asas envolveram meu segredo, esquentando-me.

Como não aguentava mais sua luz, eu me virei e me afastei, mas não com vergonha. Eu era apenas tímida e queria ficar sozinha, com seus dedos sobre as cordas de meu coração.

Jotão de Nazaré, a um romano

Sobre a vida e a existência

Meu amigo, tu, como todos os outros romanos, preferes imaginar a vida a vivê-la. Preferes governar terras a ser governado pelo espírito.

Preferes conquistar raças e ser amaldiçoado por elas a ficar em Roma, abençoado e feliz. Pensas somente em exércitos marchando e navios lançados ao mar.

Como, então, poderás entender Jesus de Nazaré, um homem simples e solitário, que veio sem exércitos ou navios para estabelecer um reino no coração e um império nos espaços vazios da alma? Como poderás entender esse homem que não era um guerreiro, mas tinha o poder do éter?

Ele não era um deus. Era um homem como nós. Mas nele a mirra da terra se elevava para encontrar o incenso do céu; em suas palavras, o que balbuciávamos unia-se com o sussurro do invisível; e em sua voz ouvíamos uma canção impenetrável.

Sim, Jesus era um homem e não um deus, e aí residem nosso deslumbre e nossa surpresa. Mas vós, romanos, não vos deslumbrais senão com os deuses, e ninguém vos surpreenderá. Por isso, não entendeis o Nazareno.

Ele pertencia à juventude do espírito, enquanto vós pertenceis à sua velhice.

Vós nos governais hoje, mas esperemos mais um dia. Quem sabe se este homem, sem exércitos nem navios, governará amanhã?

Nós, que seguimos o espírito, suaremos sangue indo atrás dele. Roma,

por outro lado, jazará como um esqueleto branco ao sol. Sofreremos muito, mas persistiremos e viveremos. Roma, por outro lado, será reduzida a pó.

Contudo, se Roma, ao ser humilhada e rebaixada, pronunciar seu nome, ele atentarà à sua voz. E ele dará nova vida a seus ossos para que ela possa se reerguer, uma cidade entre as cidades da terra.

Mas isto ele fará sem legiões, sem escravos aos remos de suas galés. Ele estará sozinho.

Efraim de Jericó

A outra festa de bodas

Quando ele voltou a Jericó, eu o procurei e lhe disse:

– Mestre, amanhã meu filho se casará. Imploro-te que venhas à festa de casamento e nos honres, assim como honraste as bodas de Caná da Galileia.

Ele respondeu:

– É verdade que uma vez fui convidado a uma festa de casamento, mas não serei um convidado novamente. Agora eu mesmo sou o noivo.

– Suplico-te, Mestre, que venhas às bodas de meu filho – insisti.

Ele sorriu como se me repreendesse e perguntou:

– Por que me imploras? Não tens vinho suficiente?

E eu respondi:

– Meus jarros estão cheios, Mestre, mas eu te rogo: vem às bodas de meu filho.

Então ele disse:

– Quem sabe? Posso ir. De fato, posso ir, se teu coração for um altar em teu templo.

No dia seguinte, meu filho se casou, mas Jesus não veio para a festa de casamento. E embora tivéssemos muitos convidados, senti que ninguém tinha vindo. Na verdade, eu mesmo, que recebia os convidados, não estava lá. Talvez meu coração não fosse um altar quando o convidei. Talvez eu desejasse outro milagre.

Barca, um mercador de Tiro

Sobre compra e venda

Creio que nem os romanos nem os judeus entenderam Jesus de Nazaré, tampouco os seus discípulos que agora pregam seu nome.

Os romanos o mataram, e isso foi um erro grave. Os galileus fizeram dele um deus, e isso foi outro erro.

Jesus era o coração da humanidade.

Naveguei os sete mares em minhas embarcações, negocieei com reis e príncipes, trapaceiros e intrujões nos mercados de cidades distantes, mas nunca vi um homem que entendesse tanto os mercadores quanto ele.

Certa vez, ouvi-o contar esta parábola: “Um comerciante deixou seu país para ir a uma terra estrangeira. Ele tinha dois servos e deu a cada um deles um punhado de ouro, dizendo: ‘Enquanto eu estiver no exterior, vós também deveis sair e buscar o lucro. Fazei negócios justos e cuidai de servir aos outros ao dar e receber’. Depois de um ano, o comerciante voltou e perguntou a seus dois servos o que eles tinham feito com o ouro que ele lhes dera. O primeiro disse: ‘Eis que, mestre, comprei e vendi, e tive ganho’. O comerciante respondeu: ‘O ganho será teu, pois agiste bem e foste fiel a mim e a ti mesmo’. Em seguida, o outro servo se levantou e disse: ‘Senhor, tive medo de perder teu dinheiro e, por isso, não comprei, nem vendi. Todo o teu ouro está aqui nesta bolsa’. O comerciante pegou o ouro e disse: ‘Pequena é tua fé. Negociar e perder é melhor do que não tentar. Pois, como o vento espalha as sementes e espera o fruto, assim

devem proceder todos os mercadores. De agora em diante, seria melhor para ti servir aos outros””.

Quando Jesus falou isso, embora não fosse um comerciante, revelou o segredo do comércio. Ademais, suas parábolas muitas vezes me traziam à mente terras mais distantes do que as de minhas viagens e, no entanto, mais próximas do que minha casa e meus bens.

Mas o jovem Nazareno não era um deus, e é uma pena que seus seguidores procurem fazer um deus de um sábio tão grande.

Fumiá, a sumo-sacerdotisa de Sidon

Uma invocação

Tomai vossas harpas e deixai-me cantar.

Tangei vossas cordas, de prata e de ouro.

Pois quero cantar o destemido homem,

que matou o dragão do vale

e então olhou com pena

para a criatura que havia matado.

Tomai vossas harpas e cantai comigo.

O imponente carvalho na altura,

o homem de coração celestial e mãos oceânicas,

que beijou os pálidos lábios da morte,

mas estremece agora na boca da vida.

Tomai vossas harpas e cantemos

o caçador audaz na colina,

que marcou a besta e disparou sua flecha sem visão,

trazendo o chifre e a presa

à terra.

Tomai vossas harpas e cantai comigo

o jovem valente que conquistou as cidades da montanha

e as cidades da planície que se enroscam qual serpentes na areia.

Ele não lutou contra pigmeus, mas contra deuses,

que tinham fome de nossa carne e sede de nosso sangue.

E como o primeiro falcão dourado,

ele competia apenas com as águias.

Pois suas asas eram grandes e poderosas,

e ele não queria se sobrepor aos de asas menores.

Tomai vossas harpas e cantai comigo

a canção alegre do mar e do precipício.

Os deuses estão mortos

e ainda jazem, inertes,

na ilha esquecida de um mar esquecido.

E aquele que os matou está sentado em seu trono.

Ele era apenas um jovem.

A primavera ainda não lhe dera barba cheia,

e o verão principiava em seu campo.

Tomai vossas harpas e cantai comigo

a tempestade na floresta

que quebra o galho seco e o ramo sem folhas,

mas aprofunda a raiz viva no seio da terra.

Tomai vossas harpas e cantai comigo

a canção imortal de nosso amado.

Não, minhas donzelas, detende vossas mãos.

Deixai vossas harpas.

Não podemos cantá-lo agora.

O leve sussurro de nossa canção não alcança seu temporal,

e tampouco perfura a majestade de seu silêncio.

Deixai vossas harpas e aproximai-vos de mim.

Repetirei suas palavras para vós,

e vos contarei seus feitos,

pois o eco de sua voz é mais profundo do que nossa paixão.

Benjamin, o escriba

Que os mortos enterrem seus mortos

Foi dito que Jesus era o inimigo de Roma e da Judeia. Mas eu digo que Jesus não foi inimigo de nenhum homem e de nenhuma raça.

Ouvi-o dizer: “As aves do céu e os cumes das montanhas não se preocupam com as serpentes em seus buracos escuros. Que os mortos enterrem seus mortos. Estai entre os vivos e voai alto”.

Eu não era um dos seus discípulos. Era apenas um dos muitos que foram atrás dele para contemplar seu rosto.

Ele via Roma e a nós, que somos escravos de Roma, como um pai vê seus filhos, brincando e brigando entre si pelo brinquedo maior. E ele ria de sua altura.

Ele estava acima de Estado e raça, acima de qualquer revolução.

Era solteiro e solitário, e ele foi um despertar. Chorou todas as lágrimas que não derramamos e sorriu em todas as nossas revoltas. Sabíamos que tinha o poder de nascer com todos os que ainda não nasceram, e pedir que vissem, não com os olhos, mas com a visão dele.

Jesus foi o começo de um novo reino na terra, e esse reino permanecerá. Ele foi o filho e o neto de todos os reis que construíram o reino do espírito. E somente os reis do espírito governaram nosso mundo.

Zaqueu

Sobre o destino de Jesus

Acreditais no que ouvistes dizer. Deveríeis acreditar no que não foi dito, pois o silêncio dos homens está mais próximo da verdade do que suas palavras.

Perguntais se Jesus poderia ter escapado de sua morte vergonhosa e salvado seus seguidores da perseguição. Eu respondo que ele poderia ter escapado se assim o tivesse escolhido, mas ele não buscava segurança nem estava preocupado em proteger seu rebanho dos lobos da noite.

Ele conhecia seu destino e o amanhã daqueles que o amavam. Ele previu e profetizou o que aconteceria com cada um de nós. Ele não procurou a morte, mas a aceitou como um lavrador que, ao cobrir o grão com terra, aceita o inverno e aguarda a primavera e o tempo da colheita; como o construtor, que põe a maior pedra na fundação.

Nós éramos homens da Galileia e das encostas do Líbano. Nosso Mestre poderia ter nos levado de volta a nosso país, para que vivêssemos com sua juventude em nossos jardins até que chegasse a velhice e nos sussurrasse para retornar ao infinito.

Alguma coisa impedia seu caminho de volta aos templos de nossas aldeias, onde outros liam os profetas e abriam seus corações? Ele não poderia ter dito: “Agora vou para o leste com o vento do oeste”, e, ao dizer isso, despedir-se de nós com um sorriso nos lábios? Sim, ele poderia ter dito: “Voltai para vossas famílias. O mundo não está pronto para mim.

Voltarei daqui a mil anos. Ensinai vossos filhos a aguardar meu retorno”.

Ele poderia ter feito isso se assim o tivesse escolhido. Mas ele sabia que, para construir o templo invisível, ele precisava colocar a si mesmo como pedra angular, dispondo-nos em volta feito pequenos seixos cimentados junto dele.

Ele sabia que a seiva de sua árvore celestial nasceria de suas raízes, e, portanto, derramou ali seu sangue, que não foi um sacrifício para ele, mas um ganho.

A morte é reveladora. A morte de Jesus revelou sua vida. Se ele tivesse escapado de vós e de seus inimigos, teríeis sido os conquistadores do mundo. Por isso, ele não escapou.

Só aquele que deseja tudo é capaz de dar tudo.

Sim, Jesus poderia ter escapado de seus inimigos e vivido até a velhice. Mas ele sabia da passagem das estações e queria cantar sua canção.

Que homem, frente ao mundo armado, não seria conquistado no momento em que pudesse superar as eras?

E agora perguntais quem, de fato, matou Jesus, os romanos ou os sacerdotes de Jerusalém? Nem os romanos nem os sacerdotes. O mundo inteiro esteve naquele monte para honrá-lo.

Jônatas

Entre os nenúfares

Certo dia, minha amada e eu estávamos remando no lago de águas doces, cercados pelas colinas do Líbano. Passamos pelos chorões, que se refletiam na profundidade à nossa volta.

Enquanto eu dava a direção do barco com um remo, minha amada pegou seu alaúde e cantou assim:

Que flor, salvo o lótus, conhece as águas e o sol?

Que coração, salvo o coração do lótus, conhecerá a terra e o céu?

Observa, meu amor, a flor dourada que flutua entre as profundezas e as alturas,

como tu e eu flutuamos entre um amor que sempre foi e sempre será.

Mergulha teu remo, meu amor,

e deixa-me tanger as cordas de meu alaúde.

Sigamos os salgueiros, e não deixemos os nenúfares.

Em Nazaré vive um poeta cujo coração é como a flor de lótus.

Ele visitou a alma da mulher,

conhece sua sede que cresce das águas

e sua fome pelo sol, ainda que todos os seus lábios estejam saciados.

Dizem que ele anda na Galileia.

Eu digo que ele está remando conosco.

Não vês seu rosto, meu amor?

Não vês que, onde o galho do salgueiro e seu reflexo se encontram,
ele acompanha nosso movimento?

Amado, como é bom conhecer a juventude da vida!

Como é bom conhecer a alegria melodiosa!

Que possas sempre ter o remo,
e eu, meu alaúde afinado,
onde o lótus sorri ao sol
o salgueiro mergulha nas águas,
e sua voz ressoa em minhas cordas.

Mergulha teu remo, meu amado,
e deixa-me tanger as cordas de meu alaúde.

Há um poeta em Nazaré
que nos conhece e ama a nós dois.

Mergulha teu remo, meu amor,
e deixa-me tanger as cordas de meu alaúde.

Ana de Betsaida

Fala sobre a irmã de seu pai

A irmã de meu pai nos deixou na juventude para morar numa cabana ao lado do antigo vinhedo de seu pai.

Ela morava sozinha. As pessoas do campo a procuravam quando estavam doentes, e ela as curava com ervas frescas, raízes e flores secas ao sol. Alguns a consideravam uma vidente, mas também havia aqueles que a chamavam de bruxa e feiticeira.

Um dia, meu pai me disse:

– Leva estes pães de trigo para minha irmã e leva também este jarro de vinho e este cesto de uvas-passas.

Tudo isso foi colocado no lombo de um potro, e peguei a estrada até chegar ao vinhedo e à cabana da irmã de meu pai. Ela ficou feliz.

Estávamos sentadas juntas no frescor do dia, quando apareceu um homem na estrada e cumprimentou a irmã de meu pai, dizendo:

– Boa tarde! Que a bênção da noite esteja sobre ti.

Ela se levantou e, com admiração e reverência, disse:

– Boa tarde, senhor de todos os espíritos bons e conquistador de todos os espíritos maus.

O homem olhou para ela com ternura e seguiu seu caminho. Ri por dentro. Pensei que a irmã de meu pai estivesse louca. Mas agora sei que ela não tinha nada de louca. Fui eu que não entendi.

Ela percebeu meu riso escondido. E disse, sem raiva:

– Ouve, minha filha, presta atenção e guarda minhas palavras em tua memória: o homem que acabou de passar aqui, como a sombra de um pássaro voando entre o sol e a terra, prevalecerá sobre os Césares e o império dos Césares. Ele lutará com o touro coroadado da Caldeia, com o leão com cabeça de homem do Egito, e os vencerá, e governará o mundo. Mas esta terra em que ele caminha agora sucumbirá, e Jerusalém, erguida imponentemente sobre o monte, desvanecer-se-á em fumaça no vento da desolação.

Quando ela disse isso, meu riso se transformou em silêncio e me aquietei.

– Quem é esse homem e de que país e tribo ele vem? – perguntei. – Como ele conquistará os grandes reis e os impérios dos grandes reis?

Ela respondeu:

– Ele nasceu aqui nesta terra, mas nós o concebemos em nosso desejo desde o início dos tempos. Ele é de todas as tribos e, no entanto, de nenhuma. Ele vencerá pelas palavras de sua boca e pela chama de seu espírito.

Então, de repente, ela se levantou e ficou ereta como o pináculo de uma rocha. E disse:

– Que o anjo do Senhor me perdoe por pronunciar estas palavras também: ele será morto e sua juventude será amortalhada, e ele será colocado em silêncio ao lado do coração mudo da terra. E as donzelas da Judeia o prantearão.

Nesse momento, ela ergueu a mão para o céu e falou novamente:

– Mas ele morrerá somente no corpo. No espírito, ele ressuscitará e liderará seu exército, desta terra onde o sol nasce para a terra onde o sol morre no anoitecer. E seu nome será o primeiro entre os homens.

Ela era uma vidente idosa quando disse essas coisas, e eu era apenas uma menina, um campo não lavrado, uma pedra que ainda não fazia parte de um muro. Mas tudo o que ela viu no espelho de sua mente aconteceu nos meus dias.

Jesus de Nazaré ressuscitou dos mortos e levou homens e mulheres ao povo do ocaso. A cidade que o entregou a julgamento foi destruída, e no pretório, onde foi julgado e condenado, a coruja entoava um canto fúnebre, enquanto a noite chora orvalho de seu coração sobre o mármore caído.

Sou uma mulher velha, curvada pelos anos. Meu povo não existe mais e minha raça desapareceu. Eu o vi só mais uma vez depois daquele dia, e mais uma vez ouvi sua voz. Foi no alto de uma colina, quando ele estava conversando com seus amigos e seguidores.

Agora estou velha e sozinha, mas ele ainda visita meus sonhos. Ele vem como um anjo branco com asas, e, com sua graça, silencia meu medo das trevas, elevando-me a sonhos ainda mais longínquos.

Ainda sou um campo não lavrado, uma fruta madura que não quer cair. Tudo o que tenho é o calor do sol e a lembrança daquele homem.

Sei que, do meu povo, não surgirão mais reis, nem profetas, nem sacerdotes, como predisse a irmã de meu pai. Nós passaremos com a correnteza dos rios e não teremos um nome. Mas aqueles que cruzaram com ele no meio do rio serão lembrados por cruzar com ele no meio do rio.

Manassés, um advogado de Jerusalém

Sobre as palavras e os gestos de Jesus

Sim, eu costumava ouvi-lo falar. Sempre havia uma palavra pronta em seus lábios.

Mas eu o admirava mais como homem do que como líder. Algo em suas pregações não me agradava e talvez estivesse além da minha compreensão. E eu não gosto de que preguem para mim.

O que me cativou foram seus gestos e sua voz, não o conteúdo de seus discursos. Ele me fascinava, mas nunca me convenceu, porque era vago demais, distante e obscuro demais para conquistar minha mente.

Conheci outros homens como ele, instáveis e inconsistentes. É com eloquência, não com princípios, que eles cativam nossa atenção e nossos pensamentos fugazes, mas nunca o cerne de nosso coração.

É uma pena que seus inimigos o tenham confrontado e acelerado a questão. Não era necessário. Acredito que a hostilidade deles aumentará sua estatura e transformará sua brandura em poder. Pois não é estranho que, frente a oposição, um homem ganhe coragem, e que, com os pés presos, lhe cresçam asas?

Não conheço seus inimigos, mas tenho certeza de que, por medo de um homem inofensivo, eles lhe outorgaram força e o tornaram perigoso.

Jefté de Cesareia

Um homem cansado de Jesus

Esse homem que preenche vossos dias e assalta vossas noites é repulsivo para mim. No entanto, cansais meus ouvidos com suas palavras e minha mente com seus feitos.

Estou cansado de suas palavras e de tudo o que ele fez. A própria menção de seu nome ou do nome de sua terra me aborrece. Não quero saber de nada sobre ele.

Por que fazeis um profeta de um homem que era apenas uma sombra? Por que ver uma torre nessa duna de areia ou imaginar um lago nas gotas de chuva reunidas nessa pegada de casco?

Não desprezo o eco das cavernas nos vales, nem as longas sombras do poente, mas eu não quero ouvir os enganos que zunem em vossas cabeças, tampouco estudar os reflexos em vossos olhos.

Que palavra Jesus disse que Hilel já não tivesse dito? Que sabedoria ele revelou que não a de Gamaliel? O que são seus balbucios perante a voz de Filo? Que címbalos tocou que não tivessem sido tocados antes mesmo que ele nascesse?

Ouçó o eco das cavernas nos vales silenciosos e contemplo as longas sombras do poente, mas não quero que o coração deste homem repercuta o som de outro coração, nem aceito que uma sombra dos videntes se autodenomine profeta.

Que homem pode falar depois que Isaías falou? Quem ousa cantar depois

de Davi? E nascerá a sabedoria agora, depois que Salomão se juntou a seus pais?

E o que dizer de nossos profetas, cujas línguas eram como espadas e os lábios como chamas?

Deixaram alguma espiga para esse catador da Galileia? Ou um fruto esquecido para o mendigo do norte? Nada lhe restou a não ser partir o pão já assado pelos nossos antepassados e servir o vinho das uvas de outrora pisadas por seus pés sagrados.

É a mão do oleiro que eu prezo, não o homem que compra a mercadoria. Prezo aqueles que se sentam ao tear, não o ignorante que usa o pano.

Quem foi esse Jesus de Nazaré e o que ele é? Um homem que não ousou viver de acordo com seu espírito e, portanto, caiu no olvido, e esse é seu fim.

Rogo-vos: não enchais meus ouvidos com suas palavras ou seus feitos. Meu coração está repleto com os antigos profetas, e isso é suficiente.

João, o discípulo amado

Sobre Jesus, a Palavra

Quereis que eu fale de Jesus, mas como posso trazer a canção da paixão do mundo a um junco oco?

Em todos os aspectos do dia, Jesus estava ciente do Pai. Ele o via nas nuvens e nas sombras das nuvens que passam sobre a terra. Via o rosto do Pai refletido nas poças paradas e na pegada leve de seus pés na areia. Muitas vezes, ele fechava os olhos para fixar os olhos sagrados.

A noite lhe falava com a voz do Pai, e na solidão ele ouvia o anjo do Senhor chamando por ele. Quando se tranquilizava para dormir, ouvia o sussurro dos céus em seus sonhos.

Ele estava sempre feliz conosco e nos chamava de irmãos. Vede: aquele que foi a primeira Palavra nos chamava de irmãos, embora fôssemos apenas sílabas proferidas no passado.

Vós me perguntais por que eu o chamo de primeira Palavra. Ouvi, que responderei.

No princípio, Deus movia-se no espaço e, de sua agitação imensurável, nasceram a terra e as estações do ano.

Então, Deus moveu-se novamente, e surgiu a vida, e o anseio pela vida buscou as alturas e as profundezas para ter mais vida. Então Deus falou, e suas palavras formaram o homem: o homem era um espírito gerado pelo Espírito de Deus.

Quando Deus falou assim, o Cristo foi sua primeira Palavra, e essa

Palavra era perfeita. Quando Jesus de Nazaré veio ao mundo, a primeira Palavra foi proferida para nós, e o som se fez carne e sangue.

Jesus, o Ungido, foi a primeira Palavra de Deus pronunciada ao homem, como se uma macieira num pomar se abrisse e florescesse um dia antes das outras árvores. E no pomar de Deus esse dia foi uma eternidade.

Somos todos filhos e filhas do Altíssimo, mas o Ungido foi seu primogênito, que habitou no corpo de Jesus de Nazaré e andou entre nós, e nós o contemplamos.

Tudo isso eu digo para que entendais não apenas no intelecto, mas no espírito. O intelecto pesa e pondera, mas é o espírito que alcança o coração da vida e abarca o segredo; e a semente do espírito é imortal.

O vento pode soprar mais e depois parar, as marés podem subir e depois descer, mas o coração da vida é uma esfera quieta e serena, e a estrela que nela brilha estará para sempre fixa.

Manus, o pompeiano, a um grego

Sobre a divindade semítica

Os judeus, como seus vizinhos, os fenícios e os árabes, não permitirão que seus deuses descansem por um momento ao vento. Eles estão excessivamente atentos à sua divindade e observam demais as orações, os cultos e os sacrifícios uns dos outros.

Enquanto nós, romanos, construímos templos de mármore para nossos deuses, essa gente discute a natureza de Deus. Quando nós, em êxtase, cantamos e dançamos em volta dos altares de Júpiter e Juno, de Marte e Vênus, eles, em seu arrebatamento, vestem sacos de aniagem e cobrem a cabeça com cinzas, chegando a lamentar o dia em que nasceram.

Jesus, o homem que revelou Deus como um ser de alegria, foi torturado e morto por eles. Essa gente não ficaria feliz com um deus feliz. Eles só conhecem os deuses de seu sofrimento.

Até os amigos e discípulos de Jesus, que testemunharam seu júbilo e ouviram seu riso, fazem uma imagem de sua dor e adoram essa imagem. Em tal adoração eles não se elevam à sua divindade, apenas trazem sua divindade para seu nível.

Acredito, porém, que esse filósofo, Jesus, que não era diferente de Sócrates, terá poder sobre sua raça e talvez sobre outras raças.

Pois somos todos criaturas de tristeza e de pequenas dúvidas. E quando um homem nos diz: “Regozijemo-nos com os deuses”, não conseguimos deixar de ouvir sua voz. Estranho que a dor desse homem tenha sido

transformada em rito.

Essas pessoas querem descobrir outro Adônis, um deus morto na floresta, e celebrar seu assassinato. É uma pena que eles não prestem atenção a seu riso.

Mas confessemos, de romanos para gregos: será que nós mesmos ouvimos o riso de Sócrates nas ruas de Atenas? Conseguimos esquecer alguma vez a taça de cicuta, mesmo no teatro de Dionísio?

Nossos pais, até hoje, não param nas esquinas para conversar sobre problemas e para ter um momento feliz relembando o triste fim de todos os nossos grandes homens?

Pôncio Pilatos

Sobre ritos e cultos do Oriente

Minha esposa falou dele muitas vezes antes de ele ser trazido a mim, mas eu não estava preocupado. Minha esposa é uma sonhadora, e ela é dada, como muitas mulheres romanas de sua categoria, a cultos e rituais orientais. Esses cultos são perigosos para o império e quando encontram um caminho para o coração de nossas mulheres, tornam-se destrutivos.

O Egito chegou ao fim quando os hicsos da Arábia levaram para lá o Deus único de seu deserto. E a Grécia foi vencida e reduzida a pó quando Astarte e suas sete donzelas vieram da costa da Síria.

Quanto a Jesus, nunca tinha visto o homem até ele ser entregue a mim como malfeitor, inimigo de sua própria nação e também de Roma.

Ele foi levado ao pretório com os braços amarrados ao corpo com cordas. Eu estava sentado no estrado, e ele veio caminhando em minha direção com passos longos e firmes. Então, ficou ereto e ergueu a cabeça.

Não sei o que deu em mim naquele momento, mas tive o desejo súbito, embora hesitasse, de me levantar, descer do estrado e prostrar-me diante dele. Senti como se César tivesse entrado na sala, um homem maior do que a própria Roma.

Mas isso durou apenas um momento. E então eu vi simplesmente um homem acusado de traição por seu próprio povo. E eu era seu governador e seu juiz.

Eu o interroguei, mas ele não respondeu. Ficou olhando para mim, e em

seu olhar havia piedade, como se fosse ele meu governador e meu juiz.

Nesse momento, surgiram os gritos do povo do lado de fora, mas ele continuou em silêncio, ainda olhando para mim com pena no olhar.

Saí aos degraus do palácio e, quando as pessoas me viram, pararam de gritar. E perguntei:

– O que quereis com esse homem?

Eles gritaram a resposta em uníssono:

– Queremos crucificá-lo. Ele é nosso inimigo e inimigo de Roma.

Alguns gritaram ainda:

– Ele não disse que destruiria o templo? E não foi ele quem reivindicou o reino? Não teremos outro rei que não o César.

Então os deixei e voltei ao pretório. Vi-o ainda de pé, ali sozinho, e sua cabeça ainda estava erguida. Lembrei-me do que havia lido de um filósofo grego: “O homem solitário é o mais forte”. Naquele momento, o Nazareno era maior do que a sua raça.

Não senti clemência em relação a ele. Ele estava além da minha clemência. Perguntei-lhe, então:

– És o rei dos judeus?

Ele não disse uma palavra. E eu perguntei novamente:

– Não disseste que és o rei dos judeus?

Ele olhou para mim e respondeu com voz calma:

– Tu mesmo me proclamaste rei. Talvez para este fim eu tenha nascido, e por esta causa vim dar testemunho da verdade.

Um homem que fala em verdade num momento desses! Em minha impaciência, disse em voz alta, para mim mesmo e para ele:

– O que é a verdade? E o que é a verdade para o inocente quando as mãos do executor já estão sobre ele?

Então Jesus disse, com força nas palavras:

– Ninguém governará o mundo, senão com o Espírito e a verdade.

E eu lhe perguntei:

– Tu és do Espírito?

Ele respondeu:

– Como tu também és, embora não o saibas.

E o que era o Espírito e o que era a verdade, se eu tinha um dever para com o Estado, e eles, zelosos de seus antigos ritos, entregaram um homem inocente à morte? Nenhum homem, nenhuma raça, nenhum império se deteria diante de uma verdade prestes a se realizar. Perguntei novamente:

– És o rei dos judeus?

E ele respondeu:

– Tu mesmo o dizes. Eu conquistei o mundo antes disso.

E só isso, de tudo o que ele disse, era impróprio, visto que somente Roma conquistou o mundo.

Mas agora as vozes do povo ressurgiram e o barulho era maior do que antes.

Desci do meu lugar e disse a ele:

– Vem comigo.

Apareci mais uma vez nos degraus do palácio, e ele ficou do meu lado. Quando as pessoas o viram, rugiram como um trovão. E em seu clamor, não ouvi nada além de “crucifica-o, crucifica-o”.

Então, entreguei-o aos sacerdotes que o haviam levado a mim e lhes disse:

– Fazei o que quiser com este homem justo. E, se for vosso desejo, levai junto soldados de Roma para vigiá-lo.

Eles o levaram, e eu decretei que fosse escrito na cruz, acima de sua

cabeça: “Jesus de Nazaré, Rei dos Judeus”. Em vez disso, deveria ter dito: “Jesus de Nazaré, um Rei”.

O homem foi despido, açoitado e crucificado.

Talvez eu tivesse o poder de salvá-lo, mas salvá-lo causaria uma revolução; e é sempre prudente que o governador de uma província romana não seja intolerante com os escrúpulos religiosos de uma raça conquistada.

Acredito até agora que o homem era mais do que um agitador. O que decretei não foi por vontade própria, mas pelo bem de Roma.

Não muito tempo depois, deixamos a Síria e, desde esse dia, minha esposa tem sido uma mulher triste. Às vezes, mesmo aqui, neste jardim, diviso tragédia em seu rosto.

Disseram-me que ela fala muito de Jesus para outras mulheres de Roma. Eis que o homem cuja morte decretei volta do mundo das sombras para entrar em minha própria casa!

Dentro de mim, sempre me pergunto: o que é verdade e o que não é verdade? Será que os sírios estão nos conquistando na calada da noite? Isso não deve acontecer. Porque Roma precisa prevalecer sobre os pesadelos de nossas esposas.

Bartolomeu em Éfeso

Sobre escravos e indivíduos marginalizados

Os inimigos de Jesus dizem que ele dirigiu seu apelo aos escravos e indivíduos marginalizados, e os teria incitado contra seus senhores. Eles dizem que, como ele era de uma classe humilde, invocou os de sua própria espécie, embora tenha tentado esconder sua origem.

Mas consideremos os seguidores de Jesus e sua liderança.

No início, ele escolheu como companheiros alguns homens do norte, homens livres. Eles eram fortes de corpo e ousados de espírito e, nesses últimos quarenta anos, tiveram a coragem de enfrentar a morte com disposição e tenacidade. Achais que esses homens eram escravos ou párias? Achais que os orgulhosos príncipes do Líbano e da Armênia esqueceram sua posição ao aceitar Jesus como profeta de Deus? Achais que os homens e mulheres de Antióquia, Bizâncio, Atenas e Roma, pessoas de alta estirpe, poderiam ser aliciados pela voz de um líder de escravos?

Não, o Nazareno não estava com o servo contra seu mestre, nem estava com o mestre contra seu servo. Ele não estava com ninguém contra ninguém. Ele era um homem acima dos homens, e as torrentes que lhe percorriam o corpo cantavam com paixão e poder.

Se a nobreza reside em ser protetor, ele foi o mais nobre de todos os homens. Se a liberdade está no pensamento, nas palavras e na ação, ele foi o mais livre de todos os homens. Se a alta linhagem consiste no orgulho que produz apenas amor e na altivez que é sempre gentil e graciosa, então ele

foi, de todos os homens, o de mais alta linhagem.

Não vos esqueçais de que somente os fortes e os velozes ganharão a corrida e os louros, e que Jesus foi coroado por aqueles que o amavam e também por seus inimigos, embora eles não o soubessem.

Mesmo agora, ele é coroado todos os dias pelas sacerdotisas de Ártemis nos lugares secretos de seu templo.

Mateus

Sobre Jesus no muro de uma prisão

Uma tarde, Jesus passou por uma prisão que havia na Torre de Davi. E nós andávamos atrás dele.

De repente, ele parou e colocou a face nas pedras do muro da prisão. E assim ele falou:

– Irmãos de meu antigo dia, meu coração bate com vossos corações atrás das grades. Quisera pudésseis ser livres em minha liberdade e caminhar comigo e com meus companheiros. Estais confinados, mas não estais sozinhos. Muitos são os prisioneiros que andam pelas ruas abertas. Suas asas não estão cortadas, mas, qual um pavão, eles as agitam, sem levantar voo. Irmãos de meu segundo dia, em breve vos visitarei em vossas celas e entregarei meu ombro a vosso fardo. Porque os inocentes e os culpados não se separam e, como os dois ossos do antebraço, nunca serão divididos. Irmãos deste dia, que é o meu dia, nadastes contra a corrente da razão deles e fostes pegos. Eles dizem que eu também nado contra essa corrente. Talvez logo eu esteja convosco, um infrator entre os infratores da lei. Irmãos de um dia que ainda não chegou, estas paredes cairão, e das pedras outras formas serão moldadas por Aquele cujo malho é a luz e cujo cinzel é o vento, e sereis livres na liberdade de meu novo dia.

Assim falou Jesus e seguiu em frente, com a mão no muro da prisão até passar pela Torre de Davi.

André

Sobre prostitutas

A amargura da morte é menos amarga do que a vida sem ele. Os dias foram silenciados e aquietados quando ele foi calado. Apenas o eco em minha memória repete suas palavras. Mas não sua voz.

Certa vez, ouvi-o dizer: “Ide, em vosso anseio, aos campos e sentai-vos junto aos lírios, e os ouvireis cantarolando ao sol. Eles não tecem panos para vestes, nem erguem madeira ou pedra como abrigo; mesmo assim eles cantam. Aquele que trabalha à noite satisfaz suas necessidades, e o orvalho de Sua graça está em suas pétalas. E não sois também cuidado Dele, que nunca se cansa nem repousa?”.

E uma vez o ouvi dizer: “Os pássaros do céu são contados e registrados por Seu Pai, assim como são contados os cabelos de vossa cabeça. Nenhum pássaro se deitará aos pés do arqueiro, nem um fio de vossa cabeça ficará cinza ou cairá no vazio da idade sem que essa seja a Sua vontade”.

E mais uma vez ele disse: “Ouvi que murmurastes em vossos corações: ‘Nosso Deus será mais misericordioso conosco, filhos de Abraão, do que com aqueles que não o conheceram no início’. Mas eu vos digo que o dono do vinhedo que chama um trabalhador de manhã para colher e outro à tarde e, no entanto, paga ao segundo o mesmo que paga ao primeiro, é justificado. Ele não paga de seu próprio bolso e por vontade própria? Assim meu Pai abrirá a porta de sua mansão à batida dos gentios assim como à vossa. Pois Seu ouvido ouve a nova melodia com o mesmo amor que sente

pela canção já ouvida tantas vezes. E com uma acolhida especial, porque é a mais nova corda de Seu coração”.

E outra vez o ouvi dizer: “Lembra-vos disto: um ladrão é um homem em necessidade, um mentiroso é um homem com medo; o caçador que é caçado pelo vigia de vossa noite é também caçado pelo vigia de sua própria escuridão. Quero que tenhais piedade de todos eles. Se eles procurarem vossa casa, abri vossa porta e pedi que se sentem em vossa mesa. Se não os aceitardes, não sereis absolvidos de nada que eles fizerem”.

E certo dia, eu o segui até o mercado de Jerusalém, como os outros que o acompanhavam. E ele nos contou a parábola do filho pródigo e a parábola do mercador que vendeu todas as suas posses para comprar uma pérola.

Enquanto ele falava, os fariseus trouxeram para o meio da multidão uma mulher a quem chamavam de prostituta. E eles confrontaram Jesus, dizendo-lhe:

– Ela violou seu voto matrimonial e foi pega em flagrante.

Ele olhou para ela e colocou a mão sobre sua testa, mirando fundo em seus olhos. Então, virou-se para os homens que a haviam trazido e os encarou por um bom tempo. Em seguida, inclinou-se e, com o dedo, começou a escrever na terra. Escreveu o nome de cada homem e, ao lado do nome, escreveu o pecado que cada um tinha cometido. Enquanto ele escrevia, eles fugiram, correndo pelas ruas, envergonhados. E antes que terminasse de escrever, só aquela mulher e nós estávamos diante dele.

Mais uma vez, ele olhou nos olhos dela e disse:

– Amaste demais. Aqueles que te trouxeram aqui amaram pouco. Mas eles te trouxeram como uma armadilha para minha captura. Agora, vá em paz. Nenhum deles está aqui para te julgar. E se for teu desejo ser sensata como és amorosa, procura-me, porque o Filho do Homem não te julgará.

E me perguntei se ele dissera isso a ela porque ele mesmo não se isentava de pecado. Mas desde aquele dia tenho ponderado muito, e agora sei que somente os puros de coração perdoam a sede que leva às águas mortas. E só quem confia nos próprios pés pode estender a mão àquele que tropeça. E uma e outra vez eu digo: a amargura da morte é menos amarga do que a vida sem ele.

Um homem rico

Sobre posses

Ele falava mal de homens ricos. Certo dia, eu o questionei, dizendo:

– Senhor, o que devo fazer para alcançar paz de espírito?

Ele me disse para dar minhas posses aos pobres e segui-lo. Mas ele não possuía nada e, portanto, não conhecia a segurança e a liberdade das posses, nem a dignidade e o respeito próprio que elas nos conferem.

Em minha casa, há cento e quarenta escravos e mordomos. Alguns trabalham em meus bosques e vinhedos, e outros conduzem meus navios a ilhas distantes.

Agora, se eu o tivesse ouvido e dado meus bens aos pobres, o que teria acontecido com meus escravos, meus criados, suas esposas e filhos? Eles também teriam se tornado mendigos no portão da cidade ou no pórtico do templo.

Não, esse homem bom não compreendia o segredo das posses. Como ele e seus seguidores viviam da generosidade dos outros, ele achava que todos os homens deveriam viver da mesma forma.

Eis uma contradição e um enigma: os ricos devem conceder suas riquezas aos pobres e os pobres devem ter o cálice e o pão do homem rico antes de recebê-lo em sua mesa? E é necessário que o dono da torre seja anfitrião de seus inquilinos antes de poder ser chamado de senhor de sua terra?

A formiga que armazena comida para o inverno é mais sábia do que o

gafanhoto, que canta um dia e passa fome no outro.

No último sábado, um de seus seguidores disse no mercado: “No limiar do céu, onde Jesus pode deixar suas sandálias, nenhum outro homem é digno de reclinar a cabeça”. Mas eu pergunto: no limiar de que casa esse honesto vagabundo poderia ter deixado as sandálias dele, se ele mesmo nunca teve uma casa ou limiar, e muitas vezes andava descalço?

João em Patmos

Jesus, o gracioso

Quero falar dele mais uma vez. Deus me deu voz e fervor nos lábios, embora não o dom das palavras. Portanto, indigno da palavra mais plena, convoco o coração aos lábios.

Jesus me amava, e eu não sabia por quê.

Eu o amava porque ele alçava meu espírito a alturas além de minha estatura e a profundidades insondáveis. O amor é um mistério sagrado. Para aqueles que amam, será eternamente inefável. Para aqueles que não amam, porém, pode ser apenas uma brincadeira cruel.

Jesus chamou a mim e a meu irmão quando estávamos trabalhando no campo. Eu era jovem naquela época, e meus ouvidos conheciam somente a voz da aurora. Mas sua voz e o sopro dela marcaram o fim de minha labuta e o início de minha paixão. Não havia nada para mim, então, a não ser andar sob o sol e adorar a beleza do momento.

Conseguis conceber uma majestade gentil demais para ser majestosa ou uma beleza radiante demais para ser bela? Podeis ouvir em vossos sonhos uma voz acanhada em relação a seu próprio arrebatamento? Ele me chamou, e eu o segui.

Naquela noite, voltei para a casa de meu pai para pegar meu outro manto. E eu disse à minha mãe:

– Jesus de Nazaré me quer em sua companhia.

Ela disse:

– Segue seu caminho, meu filho, como o teu irmão.

E eu segui.

Sua fragrância me convidou e me direcionou, mas só para me libertar. O amor é um anfitrião gracioso para seus convidados, embora sua casa seja uma miragem e uma zombaria para os intrusos.

Agora quereis que eu explique os milagres de Jesus. Somos todos o gesto milagroso do momento; nosso Senhor e Mestre foi o centro desse momento. No entanto, ele não desejava que seus gestos se tornassem conhecidos. Eu o ouvi dizer ao coxo: “Levanta-te e vai para casa, mas não digas ao sacerdote que eu te curei”.

O espírito de Jesus não estava com os aleijados, mas com os fortes e os retos. Sua mente buscava e sustentava outras mentes e seu espírito completo visitava outros espíritos. Assim, seu espírito mudava essas mentes e esses espíritos. Parecia milagre, mas, com nosso Senhor e Mestre, era simplesmente como respirar o ar de todos os dias.

Agora, deixai-me falar de outras coisas.

Certo dia em que ele e eu estávamos sozinhos andando pelo campo, sentimos fome e chegamos a uma macieira silvestre. Havia apenas duas maçãs penduradas no galho. Ele segurou o tronco da árvore com o braço, sacudiu-o, e as duas maçãs caíram. Ele pegou as duas e me deu uma. A outra ficou na mão dele. Com a fome que eu estava, comi logo a maçã, e comi rápido. Então, olhei para ele e vi que ele ainda estava segurando a outra maçã. E ele a deu para mim, dizendo:

– Come esta também.

Peguei a maçã e, na minha fome descarada, a comi. Quando voltamos a caminhar, olhei para o seu rosto. Como descrever o que eu vi?

Uma noite em que as velas ardem no espaço,
um sonho além de nosso alcance.

Um meio-dia quando todos os pastores estão em paz e felizes com o
pastoreio de seu rebanho.

Um entardecer, uma quietude, a volta para casa.

Então, o sono e um sonho.

Tudo isso vi em seu rosto.

Ele me deu as duas maçãs. E eu sabia que ele estava com fome,
exatamente como eu. Mas agora sei que, ao entregá-las a mim, ele ficara
satisfeito. Ele comia outras frutas, de outra árvore.

Eu vos contaria mais sobre ele, mas de que maneira? Pois, quanto maior
o amor, mais indizível ele é. E quando a memória se sobrecarrega, ela busca
somente a profundidade silenciosa.

Pedro

Sobre o próximo

Uma vez em Cafarnaum, meu Senhor e Mestre falou assim:

– O próximo é vosso outro “eu” que mora atrás de uma parede. Com o entendimento, todas as paredes cairão. Quem sabe se o próximo não é o vosso melhor “eu” melhor vestindo outro corpo? Amai-o como amais a vós mesmos. Ele também é uma manifestação do Altíssimo, que não conheceis. O próximo é um campo onde as primaveras de vossa esperança andam com seus mantos verdes e onde os invernos de vosso desejo sonham com picos de neve. O próximo é um espelho em que vereis vosso rosto magnificado por uma alegria que vós mesmos não conhecias, e por uma tristeza que nunca sentistes. Quero que ameis ao próximo como eu vos amei.

Então, perguntei a ele:

– Como posso amar alguém que não me ama e que cobiça minha propriedade? Alguém que roubaria minhas posses?

E ele respondeu:

– Quando estás arando e teu criado está semeando atrás de ti, te deterás para olhar para trás e afugentar um pardal que se alimenta de algumas de suas sementes? Se o fizeres, não és digno das riquezas de tua colheita.

Quando Jesus disse isso, fiquei com vergonha e me calei. Mas não tive medo, porque ele sorria para mim.

Um sapateiro de Jerusalém

Em posição neutra

Eu não o amava, mas tampouco o odiava. Eu o ouvia não por suas palavras, mas pelo som da sua voz, pois sua voz me agradava. Tudo o que ele dizia era abstrato para minha mente, mas a música de suas palavras era pura em meu ouvido. Na verdade, não fosse pelo que os outros me disseram a respeito de seus ensinamentos, eu não saberia nem mesmo se ele estava com a Judeia ou contra ela.

Susana de Nazaré

Sobre a juventude e a idade adulta de Jesus

Conheci Maria, mãe de Jesus, antes de ela se tornar esposa de José, o carpinteiro, quando nós duas ainda éramos solteiras. Naqueles dias, Maria tinha visões e ouvia vozes, e falava de mensageiros celestiais que visitavam seus sonhos.

O povo de Nazaré preocupava-se com ela, observando suas idas e vindas. Olhavam-na com ternura, porque havia alturas em sua fronte e intervalos em seus passos. Alguns, porém, diziam que ela estava possuída. Isso porque cuidava somente de suas próprias tarefas.

Eu a considerava velha, embora ela fosse jovem, pois se via colheita em seu florescimento e fruta madura em sua primavera.

Ela nasceu e foi criada entre nós, mas era como uma estranha do norte. Em seus olhos, havia sempre o espanto de alguém ainda não familiarizado com nossos rostos. E ela era tão orgulhosa quanto a Maria de antigamente, que marchou com seus irmãos, do Nilo até o deserto.

Até que Maria foi prometida a José, o carpinteiro.

Quando Maria ficou grávida de Jesus, ela andava entre as colinas e voltava ao anoitecer com beleza e dor no olhar. E quando Jesus nasceu, disseram-me que Maria disse à mãe: “Sou apenas uma árvore não podada. Assegura tu este fruto”. Martha, a parteira, a ouviu.

Depois de três dias, eu a visitei. Havia admiração em seus olhos, seu peito arfava e seu braço envolvia seu primogênito como a concha que

guarda a pérola.

Todos nós amávamos o bebê de Maria e olhávamos por ele, pois havia ternura em seu ser e ele pulsava com o ritmo de sua vida.

As estações passaram, e ele se tornou um menino risonho e agitado. Nenhum de nós sabia o que ele faria, porque ele parecia sempre diferente de nossa raça. Mas ele nunca levou uma bronca, embora fosse aventureiro e excessivamente ousado.

Brincava com as outras crianças, em vez de elas com ele. Um dia, quando estava com doze anos de idade, conduziu um homem cego pelo riacho até a segurança da estrada. Em gratidão, o cego lhe perguntou:

– Menininho, quem és tu?

Ele respondeu:

– Eu não sou um menininho. Eu sou Jesus.

– Quem é teu pai? – quis saber o cego.

E ele respondeu:

– Meu Pai é Deus.

O cego riu e disse:

– Certo, meu menino. Mas quem é tua mãe?

E Jesus respondeu:

– Eu não sou teu menino. E minha mãe é a terra.

O cego disse:

– Então, eis que fui conduzido pelo Filho de Deus e da terra através do riacho.

E Jesus respondeu:

– Eu te conduzirei aonde quer que tu vás, e meus olhos acompanharão teus passos.

E ele cresceu como uma palmeira preciosa em nossos jardins.

Quando tinha dezenove anos, era gracioso como um cervo, e seus olhos eram como mel e cheios de surpresa do dia. Em sua boca havia a sede do rebanho do deserto pelo lago. Ele andava sozinho pelos campos, e nossos olhos, assim como os olhos de todas as donzelas de Nazaré, o seguiam. Mas ficávamos acanhadas em sua presença. O amor sempre se acanha diante da beleza, mas a beleza será sempre perseguida pelo amor.

Então, os anos o levaram a falar no templo e nos jardins da Galileia. Às vezes, Maria o seguia para ouvir suas palavras e ouvir o som de seu próprio coração. Mas quando ele e os que o amavam desceram para Jerusalém, ela não queria ir. Pois nós, do norte, muitas vezes somos ridicularizados nas ruas de Jerusalém, mesmo quando vamos levando nossas oferendas ao templo. E Maria era orgulhosa demais para ceder ao sul do país.

Jesus visitou outras terras no leste e no oeste. Não sabíamos que terras ele visitava, mas nosso coração o seguia. Maria, por sua vez, o esperava na porta e, a cada entardecer, seus olhos buscavam a estrada para vê-lo voltando para casa. Quando ele voltava, porém, ela nos dizia:

– Ele é grande demais para ser meu filho, eloquente demais para meu coração silencioso. Como poderia dizer que ele é meu?

Parecia-nos que Maria não conseguia acreditar que a planície dera origem à montanha; na alvura de seu coração, ela não via que a cordilheira é um caminho para o cume. Ela conhecia o homem, mas como ele era seu filho, não ousava reconhecê-lo.

No dia em que Jesus foi ao lago para encontrar os pescadores, ela me disse:

– O que é o homem, senão este ser inquieto que quer se levantar da terra, e o que é o homem senão um anseio que mira as estrelas? Meu filho é um

anseio. Ele representa todos nós ansiando pelas estrelas. Eu disse “meu filho”? Que Deus me perdoe. No entanto, em meu coração, eu seria sua mãe.

Agora, é difícil contar mais sobre Maria e seu filho, mas, embora haja cascas em minha garganta e minhas palavras cheguem a vós como aleijados de muletas, preciso relatar o que vi e ouvi.

Foi na juventude do ano, quando as anêmonas vermelhas estavam nas colinas, que Jesus chamou seus discípulos, dizendo-lhes:

– Vinde comigo a Jerusalém e testemunhai o abate do cordeiro de Páscoa.

Nesse mesmo dia, Maria veio à minha porta e disse:

– Ele está buscando a Cidade Santa. Virás e o seguirás comigo e com as outras mulheres?

Percorremos a longa estrada atrás de Maria e seu filho até chegarmos a Jerusalém. E ali um grupo de homens e mulheres nos saudou no portão, pois sua vinda havia sido anunciada àqueles que o amavam.

Naquela mesma noite, todavia, Jesus deixou a cidade com seus homens. Disseram-nos que ele tinha ido para Betânia. E Maria ficou conosco na hospedaria, aguardando seu retorno.

Na véspera da quinta-feira seguinte, ele foi pego fora dos muros e foi detido. Quando soubemos que ele tinha sido preso, Maria não proferiu nenhuma palavra, mas cumpriram-se em seus olhos aquela dor e aquela alegria prometidas que víamos quando ela era apenas uma noiva em Nazaré. Ela não chorou. Movia-se entre nós como o fantasma de uma mãe que não quer prantear o fantasma do filho. Nós estávamos sentadas no chão, e ela estava em pé, andando de um lado para o outro da sala. Parava ao lado

da janela e olhava para o leste, e então, com os dedos das duas mãos, alisava o cabelo para trás.

Ao amanhecer, ela ainda estava em pé entre nós, como um cartaz solitário no deserto, onde não há convidados. Nós choramos porque sabíamos do futuro de seu filho, mas ela não chorou porque também sabia o que aconteceria com ele.

Seus ossos eram de bronze, seus tendões, feitos de olmos antigos, e seus olhos eram como o céu, amplos e audazes. Já ouvistes um tordo cantar enquanto seu ninho queima ao vento? Já viste uma mulher cuja dor é grande demais para lágrimas, ou um coração ferido que se ergue acima da própria dor? Não viste essa mulher, porque nunca estivestes na presença de Maria e não fostes envolvidos pela Mãe Invisível.

Naquele momento imóvel, quando os cascos abafados do silêncio batem no peito dos insones, João, o jovem filho de Zebedeu, veio e disse:

– Mãe Maria, Jesus está indo. Vem, vamos segui-lo.

Maria colocou a mão no ombro de João, eles saíram, e nós fomos atrás.

Quando chegamos à Torre de Davi, vimos Jesus carregando sua cruz. E havia uma grande multidão em volta dele. Dois outros homens também carregavam cruzes.

A cabeça de Maria estava erguida. Ela andou conosco atrás de seu filho, e seu passo era firme.

Atrás dela caminhavam Sião e Roma, sim, o mundo todo, para se vingar de um homem livre.

Quando chegamos ao monte, ele foi erguido no alto da cruz. Olhei para Maria. Seu rosto não era o rosto de uma mulher enlutada. Era o semblante da terra fértil, sempre dando à luz, enterrando seus filhos indefinidamente. Então, a seus olhos, veio a lembrança de sua infância, e ela disse em voz

alta:

– Meu filho, que não é meu filho; homem que uma vez visitou meu ventre, eu me encho de glória em teu poder. Sei que cada gota de sangue que escorre de tuas mãos será a corrente de uma nação. Morres nesta tempestade, assim como meu coração morreu um dia ao ocaso, e não sofrerei.

Naquele momento, desejei cobrir meu rosto com meu manto e fugir para o norte. Mas, de repente, ouvi Maria dizer:

– Meu filho, que não é meu filho, o que disseste ao homem à tua direita que o alegrou em sua agonia? A sombra da morte é luz em teu rosto, e ele não pode desviar os olhos de ti. Agora sorris para mim, e, porque sorris, sei que venceste.

Jesus olhou para sua mãe e disse:

– Maria, a partir de agora, sê a mãe de João.

E a João ele disse:

– Sê um filho amoroso para esta mulher. Vai para a casa dela e deixa a tua sombra cruzar o limiar onde estive uma vez. Faz isso em minha memória.

Maria ergueu a mão direita em direção a ele, e ela era como uma árvore com um só galho. Mais uma vez exclamou:

– Meu filho que não é meu filho, se isto for de Deus, que Deus nos dê paciência e compreensão. E se for do homem, que Deus o perdoe para todo o sempre. Se for de Deus, a neve do Líbano será tua mortalha; e se for somente dos sacerdotes e soldados, tenho esta vestimenta para tua nudez. Meu filho que não é meu filho, o que Deus constrói aqui não perecerá; e aquilo que o homem quer destruir permanecerá edificado, mas não à vista dele.

Naquele momento, os céus o entregaram à terra, com um grito e um suspiro. E Maria entregou-o também ao homem, com uma ferida e um bálsamo. Maria disse:

– Eis que ele se foi. A batalha acabou. A estrela deu seu brilho. O navio chegou ao porto. Aquele que outrora se recostou em meu coração palpita agora no espaço.

Aproximamo-nos dela, e ela nos disse:

– Até na morte ele sorri. Ele venceu. Sou de fato a mãe de um vencedor.

Maria retornou a Jerusalém apoiada em João, o jovem discípulo. Era uma mulher realizada.

Quando chegamos ao portão da cidade, olhei para o rosto dela e me espantei, pois naquele dia a cabeça de Jesus era a mais elevada entre os homens, mas a cabeça de Maria não era menos alta.

Tudo isso aconteceu na primavera. Agora é outono. Maria, a mãe de Jesus, voltou para sua morada, e está sozinha.

Dois sábados atrás, meu coração era como uma pedra em meu peito, pois meu filho me deixara para embarcar num navio em Tiro. Ele queria ser marinheiro. E ele disse que não voltaria mais.

Certa tarde, procurei Maria. Quando entrei em sua casa, ela estava sentada no tear, mas não estava tecendo. Ela estava olhando para o céu, além de Nazaré. E eu lhe disse:

– Ave Maria.

Ela estendeu o braço para mim e disse:

– Vem. Senta ao meu lado. Vejamos o sol derramar seu sangue sobre as colinas.

Sentei-me a seu lado no banco e olhamos para o oeste pela janela. Depois de um tempo, Maria disse:

– Pergunto-me quem está crucificando o sol esta tarde.

Então eu disse:

– Vim te procurar em busca de consolo. Meu filho me deixou pelo mar, e eu estou sozinha na casa do outro lado.

Maria disse:

– Quero te consolar, mas de que maneira?

E eu disse:

– Basta que fales de teu filho. Isso me consolará.

Maria sorriu para mim, colocou a mão no meu ombro e disse:

– Falarei sobre ele. Aquilo que te consolará me trará consolo.

Então ela falou de Jesus, e falou muito de tudo o que aconteceu no começo. E pareceu-me que, em seu relato, ela não fazia nenhuma diferenciação entre seu filho e o meu. Pois ela me disse:

– Meu filho também é marinheiro. Por que não queres confiar teu filho às ondas como confiei o meu? A mulher será para sempre o ventre e o berço, mas nunca o túmulo. Nós morremos para que possamos dar vida à vida, assim como nossos dedos tecem o fio de vestes que nunca usaremos e lançamos a rede para o peixe que nunca provaremos. E por isso nossa tristeza, mas em tudo isso está nossa alegria.

Assim falou Maria para mim.

Deixei-a e fui para minha casa, e embora a luz do dia já tivesse desaparecido, sentei-me em meu tear para continuar a veste que tecia.

José, conhecido como o “o justo”

Jesus, o peregrino

Dizem que ele era vulgar, a prole comum de semente comum, um homem rude e violento. Dizem que só o vento penteava seus cabelos, e só a chuva juntava suas roupas e seu corpo.

Consideram-no louco e atribuem suas palavras aos demônios. Mas eis que o homem desprezado lançou um desafio, e esse som nunca cessará.

Ele cantou uma música, e essa melodia ninguém será capaz de abafar. Ela pairará de geração em geração e se elevará de esfera em esfera, lembrando-se dos lábios que a geraram e dos ouvidos que a embalaram.

Ele era um estrangeiro. Sim, era um estrangeiro, um peregrino a caminho de um santuário, um visitante que bateu à nossa porta, um convidado de um país distante.

E como não encontrou um anfitrião gentil, voltou para o lugar de onde veio.

Filipe

E quando ele morreu, toda a humanidade morreu

Quando nosso amado morreu, toda a humanidade morreu, e todas as coisas, por um tempo, ficaram imóveis e cinzentas. Então o leste escureceu, e uma tempestade irrompeu dali, varrendo a terra. Os olhos do céu abriram-se e fecharam-se, e a chuva, que caiu em torrentes, lavou o sangue que escorreu de suas mãos e de seus pés.

Eu também morri. Mas nas profundezas de meu olvido, ouvi-o dizer: “Pai, perdoa-os, porque eles não sabem o que fazem”.

Sua voz resgatou meu espírito afogado, e eu fui trazido de volta à praia. Abri os olhos e vi seu corpo branco pendurado em frente às nuvens, e as palavras que eu tinha ouvido tomaram forma dentro de mim e se tornaram um novo homem. Desde então, não sofro mais.

Quem sofreria diante de um mar que desvela seu rosto ou uma montanha que sorri ao sol? Que coração de homem, ao ser perfurado, seria capaz de dizer tais palavras? Que outro juiz, entre os juízes dos homens, absolveu seus juízes? E alguma vez o amor venceu o ódio com uma força mais segura de si mesma? Alguma vez uma trombeta dessas foi ouvida entre o céu e a terra? Há algum registro anterior de um assassinado pedindo compaixão para seu assassino? Ou de um meteoro que se deteve em sua rota pela toupeira?

As estações se esgotarão e os anos envelhecerão, e estas palavras ainda resistirão: “Pai, perdoa-os, porque eles não sabem o que fazem”. E tu e eu,

ainda que nasçamos diversas vezes, as guardaremos.

Agora, irei para minha casa e ficarei, qual um mendigo exaltado, à sua porta.

Birbará de Yamuni

Sobre Jesus, o impaciente

Jesus era paciente com os parvos e estúpidos, assim como o inverno aguarda a primavera. Ele era paciente como uma montanha ao vento. Respondia com carinho aos duros questionamentos de seus inimigos. Ele podia até ficar calado diante de cavilações e discussões, pois era forte, e o forte sabe ser tolerante.

Mas Jesus também era impaciente. Ele não poupava o hipócrita. Não cedia aos astutos ou parlapatões. E não se deixava governar.

Era impaciente com aqueles que não acreditavam na luz, porque eles mesmos viviam nas sombras, e com aqueles que buscavam sinais no céu e não em seu próprio coração.

Ele era impaciente com aqueles que pesavam e mediam o dia e a noite antes de confiar seus sonhos ao amanhecer ou ao anoitecer.

Jesus era paciente, mas era também o mais impaciente dos homens. Ele podia pedir para que tecesses uma veste, ainda que tivesses de passar anos entre o tear e o linho. Mas não permitia que ninguém rasgasse um centímetro sequer da malha tecida.

Esposa de Pilatos, uma moça romana

Eu estava andando com minhas donzelas nos bosques fora de Jerusalém quando o vi com alguns homens e mulheres sentados ao seu redor; e ele falava com eles numa língua que eu só entendia em parte.

Mas não é preciso linguagem para perceber um pilar de luz ou uma montanha de cristal. O coração sabe o que a língua pode nunca pronunciar e os ouvidos talvez nunca ouçam.

Ele estava falando com seus amigos de amor e força. Sei que ele falou de amor porque havia música em sua voz e sei que ele falou de força porque havia exércitos em seus gestos. E ele era terno, embora nem meu marido fosse capaz de falar com tamanha autoridade.

Quando ele me viu passando, parou de falar por um momento e olhou docemente para mim. Nesse momento, eu me rebaixei: sabia, na alma, que tinha passado por um deus.

Depois daquele dia, sua imagem visita minha privacidade quando não quero ser visitada por ninguém; e seus olhos buscam minha alma quando meus próprios olhos estão fechados. Sua voz governa a quietude de minhas noites.

Estou presa para sempre, e há paz em minha dor e liberdade em minhas lágrimas.

Querida amiga, nunca viste esse homem e nunca o verás. Ele se foi além de nossos sentidos, mas de todos os homens, ele é agora o mais próximo a mim.

Um homem de fora de Jerusalém

Sobre Judas

Judas veio à minha casa naquela sexta-feira, na véspera da Páscoa, e bateu à minha porta com força. Quando ele entrou, olhei para ele, e seu rosto estava lívido. Suas mãos tremiam como galhos secos ao vento, e suas roupas estavam molhadas como se ele tivesse saído de um rio. Porque naquela tarde houve grandes tempestades.

Ele olhou para mim. As órbitas de seus olhos eram como cavernas escuras e seus olhos estavam vermelhos de sangue. Ele disse:

– Entreguei Jesus de Nazaré a seus inimigos e a meus inimigos.

Com as mãos nervosas, continuou:

– Jesus declarou que venceria todos os seus inimigos e os inimigos de nosso povo. Eu acreditei e o segui. Quando ele nos chamou pela primeira vez, prometeu-nos um reino poderoso e amplo e, em nossa fé, buscamos seu favor para que pudéssemos ter postos honrados em sua corte. Víamo-nos como príncipes lidando com esses romanos como eles lidaram conosco. Jesus falou muito sobre seu reino, e eu pensei que ele tivesse me escolhido como capitão de seus carros e chefe de seus guerreiros. Segui seus passos diligentemente. Mas descobri que não era um reino que Jesus buscava, nem era dos romanos que ele queria nos libertar. Seu reino era apenas o reino do coração. Eu o ouvia falar de amor, caridade e perdão, e as mulheres à beira da estrada ouviam com prazer, mas meu coração se amargurou, e eu fui endurecendo. Meu prometido rei da Judeia parecia ter subitamente se

tornado flautista, para acalmar o espírito dos errantes e vagabundos. Eu o amara como os outros da minha tribo o amavam. Tinha visto nele uma esperança e uma libertação do jugo dos estrangeiros. Mas como não proferiu uma palavra, nem fez nada para nos libertar daquele jugo, dizendo ainda que fosse dado a César o que era de César, fui tomado de desespero e minhas esperanças morreram. E eu disse: “Aquele que mata minhas esperanças será morto, pois minhas esperanças e expectativas são mais preciosas do que a vida de qualquer homem”.

Judas rangeu os dentes e baixou a cabeça. Quando falou novamente, disse:

– Eu o entreguei. E ele foi crucificado hoje... No entanto, quando morreu na cruz, morreu como rei. Morreu na tempestade como morrem os salvadores: como grandes homens que sobrevivem à mortalha e à lápide. E durante todo o tempo até morrer, foi gentil e bondoso, e seu coração estava cheio de piedade. Ele sentiu piedade até de mim, que o entregara.

Então, eu disse:

– Judas, cometeste um grave erro.

Judas contestou:

– Mas se ele morreu como rei, por que não viveu como rei?

– Cometeste um grave crime – falei.

Ele ficou ali sentado, no banco, imóvel feito pedra. Mas eu andava de um lado para o outro da sala, e mais uma vez eu disse:

– Cometeste um grande pecado.

Judas não disse uma palavra. Ficou silencioso como a terra. Depois de um tempo, ele se levantou e me encarou, e ele parecia mais alto. Falou, então, com voz lamuriosa:

– O pecado não estava em meu coração. Esta noite mesmo buscarei seu

reino, permanecerei em sua presença e implorarei seu perdão. Ele morreu como rei e eu morrerei como um criminoso. Mas em meu coração, sei que ele me perdoará.

Depois de dizer essas palavras, enrolou o manto molhado em torno de si e continuou:

– Foi bom que eu tenha vindo a ti esta noite, mesmo tendo te trazido problemas. Também me perdoarás? Diz a teus filhos e aos filhos de teus filhos: “Judas Iscariotes entregou Jesus de Nazaré a seus inimigos porque ele acreditava que Jesus era um inimigo de sua própria raça”. E diz também que Judas, no mesmo dia de seu grande erro, seguiu o rei aos degraus de seu trono para entregar sua própria alma e ser julgado. A ele, direi que meu sangue também ansiava pela terra e que meu espírito inválido queria ser livre.

Nesse momento, Judas recostou a cabeça na parede e gritou:

– Ó, Deus, cujo nome temido nenhum homem é capaz de pronunciar sem que seus lábios sejam tocados pelos dedos da morte, por que me queimaste com um fogo que não tinha luz? Por que deste ao Galileu uma paixão por uma terra desconhecida e me afligiste com um desejo que não ultrapassa os limites da família e do lar? E quem é esse homem, Judas, cujas mãos estão mergulhadas em sangue? Ajuda-me a jogá-lo fora, como uma roupa velha ou arreios esfarrapados. Ajuda-me a fazer isso hoje à noite. E deixa-me ficar do lado de fora dessas paredes. Estou cansado desta liberdade sem asas. Quero uma masmorra maior. Quero chorar um rio de lágrimas que corre para o mar amargo. Quero ser um homem que tenha tua misericórdia, em vez de bater à porta do próprio coração.

Assim falou Judas. Abriu a porta e saiu novamente à tempestade.

Três dias depois, visitei Jerusalém e soube de tudo o que havia

acontecido. Ouvi dizer também que Judas havia se atirado do alto de um penhasco.

Pensei muito desde aquele dia e entendo Judas. Ele viveu sua mísera vida, que pairava como uma névoa sobre esta terra escravizada pelos romanos, enquanto o grande profeta subia às alturas.

Um homem ansiava por um reino no qual ele seria um príncipe. O outro desejou um reino em que todos os homens fossem príncipes.

Sarkis, um velho pastor grego conhecido como “o louco”

Jesus e Pã

Num sonho, vi Jesus e meu deus Pã sentados juntos no coração da floresta. Eles riam das palavras um do outro, com o riacho que corria perto deles, e a risada de Jesus era a mais alegre. Eles conversaram por bastante tempo.

Pã falou da terra e de seus segredos, de seus irmãos de casco, de suas irmãs com chifres e de sonhos. Falou de raízes e seus filhotes, e da seiva que desperta e ascende, cantando para o verão.

Jesus falou dos novos rebentos na floresta, das flores e frutos, e da semente que germinará numa estação que ainda não chegou. Falou de pássaros no ar e de seu canto no mundo superior. E falou de cervos brancos no deserto, onde Deus os apascenta.

Pã se agradou das palavras do novo Deus, e um frêmito lhe percorreu as narinas.

No mesmo sonho, vi Pã e Jesus em silêncio e imóveis na quietude das sombras verdes. E então Pã pegou seus juncos e tocou para Jesus. As árvores balançaram, as samambaias estremeceram, e tive medo. Jesus disse:

– Bom irmão, tens a clareira e as rochas altas em teus juncos.

Então, Pã deu os juncos a Jesus e disse:

– Tu tocas agora. É a tua vez.

Jesus disse:

– Esses juncos são muitos para minha boca. Tenho esta flauta.

Ele pegou sua flauta e tocou. Ouvi o som da chuva nas folhas, o canto dos córregos entre as colinas e a neve caindo no alto das montanhas. A pulsação de meu coração, que já batera com o vento, foi restaurada outra vez ao vento, e todas as ondas de meu passado vieram dar em meu litoral, e eu fui novamente Sarkis, o pastor. A flauta de Jesus se tornou a flauta de inúmeros pastores a chamar incontáveis rebanhos. Então Pã disse a Jesus:

– Tua juventude se presta mais ao junco do que meus anos. E muito tempo antes disso, em minha quietude, ouvi tua música e teu nome murmurado. Teu nome tem um som bom. Ele subirá com a seiva aos ramos e correrá com os cascos entre as colinas. E não é estranho para mim, embora meu pai não tenha me chamado por esse nome. Foi a tua flauta que o trouxe de volta à minha memória. Agora, toquemos juntos!

E eles tocaram juntos. Sua música feriu o céu e a terra, e um terror atingiu todas as coisas vivas. Ouvi o urro dos animais selvagens e a fome da floresta. Ouvi o grito dos homens solitários e o queixume daqueles que anseiam pelo que não sabem.

Ouvi o suspiro da donzela por seu amante, e a respiração ofegante do caçador sem sorte atrás de sua presa.

E então veio a paz em sua música, e os céus e a terra cantaram juntos.

Tudo isso vi no meu sonho, e tudo isso eu ouvi.

Anás, o sumo-sacerdote

Sobre Jesus do populacho

Ele era do populacho, um bandido, um saltimbanco e um fanfarrão. Andava apenas com os impuros e os deserdados, e por isso teve que seguir o caminho dos corrompidos e conspurcados.

Ele zombou de nós e de nossas leis, zombou de nossa honra e zombou de nossa dignidade. Disse até que destruiria o templo e profanaria os lugares santos. Era um sem-vergonha e, por isso, teve que ter uma morte vergonhosa.

Ele era um homem da Galileia dos gentios, um estrangeiro, do norte, onde Adônis e Astarte ainda reivindicam poder contra Israel e o Deus de Israel.

Aquele cuja língua hesitava ao falar as palavras de nossos profetas tinha um discurso ensurdecador quando falava a linguagem bastarda dos plebeus e dos homens vulgares.

Que outra opção eu tinha a não ser decretar sua morte? Eu não sou guardião do templo? Não sou guardião da lei? Poderia ter virado as costas para ele, dizendo com toda tranquilidade: “Ele é mais um louco entre os loucos. Que ele se esgote sozinho em seus delírios. Pois os loucos, os transtornados e os possuídos por demônios não serão nada no caminho de Israel”? Poderia ter feito ouvidos moucos para ele quando nos chamou de mentirosos, hipócritas, lobos, víboras e filhos de víboras? Não, eu não poderia ficar indiferente a ele, pois ele não era louco. Era dono de si

mesmo. E em sua altissonante sanidade ele denunciou e desafiou a todos nós.

Por isso eu o crucifiquei, e sua crucificação foi um sinal e um aviso para os outros que estão selados com o mesmo selo maldito.

Sei muito bem que fui culpado por isso, até mesmo por alguns dos anciãos do Sinédrio. Mas eu estava consciente naquele momento, como estou consciente agora, de que um homem deve morrer pelo povo, para que o povo não seja desencaminhado por um homem.

A Judeia foi conquistada por um inimigo de fora. Cuidarei para que a Judeia não seja conquistada novamente por um inimigo de dentro. Nenhum homem do maldito norte alcançará nosso Santo dos Santos, nem projetará sua sombra na Arca da Aliança.

Uma mulher da vizinhança de Maria

Uma lamentação

No quadragésimo dia após sua morte, todas as vizinhas foram à casa de Maria para consolá-la e cantar trenodias. Uma das mulheres cantou esta canção:

Para onde, minha primavera, para onde?

E a que outro espaço teu perfume ascende?

Em que outros campos andarás?

A que céu erguerás a cabeça para falar com o coração?

Estes vales serão estéreis,

e nada mais teremos do que os campos secos e áridos.

Tudo o que é verde ressecará ao sol,

nossos pomares produzirão maçãs azedas

e nossas vinhas, uvas amargas.

Teremos sede de teu vinho,

e nossas narinas ansiarão por sua fragrância.

Para onde, flor de nossa primeira primavera, para onde?

Não retornarás?

Teu jasmim não nos visitará novamente

e teu cíclame não estará na beira da estrada

para nos dizer que também temos raízes profundas na terra

e que nossa respiração incessante para sempre subirá ao céu?

Para onde, Jesus,
filho de minha vizinha Maria
e amigo de meu filho?

Para onde, nossa primeira primavera, e para que outros campos?
Voltarás para nós de novo?

Em tua maré de amor, visitará as praias estéreis de nossos sonhos?

Ahaz, o corpulento

O estalajadeiro

Lembro-me da última vez que vi Jesus, o Nazareno. Judas tinha vindo a mim ao meio-dia daquela quinta-feira e pediu que eu preparasse o jantar para Jesus e seus amigos. Ele me deu duas moedas de prata e disse:

– Compra tudo o que julgares necessário para a refeição.

Depois que ele partiu, minha esposa me disse:

– Isso é, de fato, uma honra.

Pois Jesus havia se tornado um profeta e fizera muitos milagres.

No crepúsculo, ele veio com seus seguidores e eles se sentaram no compartimento superior, em volta da mesa, mas ficaram quietos e em silêncio.

No ano passado e no ano anterior também, foi diferente, pois eles estavam alegres. Partiram o pão, tomaram o vinho e cantaram nossas antigas canções. Jesus ficou conversando com eles até meia-noite. Depois disso, eles o deixaram sozinho ali e foram dormir em outros aposentos; porque depois da meia-noite ele gostava de ficar só. E ele ficou acordado. Ouvi seus passos quando estava deitado na cama.

Mas desta última vez, ele e seus amigos não estavam felizes. Minha mulher preparara peixes do lago da Galileia e faisões de Houran, recheados com arroz e sementes de romã, e eu levei uma jarra de vinho de cipreste. Depois os deixei, porque senti que eles queriam ficar sozinhos.

Eles ficaram ali até escurecer totalmente, e então todos desceram juntos

do andar superior, mas ao pé da escada Jesus se deteve por um tempo. Olhou para mim e para minha esposa, colocou a mão sobre a cabeça de minha filha e disse:

– Boa noite a todos vós. Voltaremos ao compartimento de cima, mas não vos deixaremos tão cedo. Ficaremos até o sol despontar no horizonte. Daqui a pouco retornaremos e pediremos mais pão e mais vinho. Tu e tua esposa tendes sido bons anfitriões para nós, e nos lembraremos de vós quando chegarmos à nossa mansão e nos sentarmos à nossa própria mesa.

Eu disse:

– Senhor, foi uma honra vos servir. Os outros estalajadeiros me invejam por causa de vossa visita e, em meu orgulho, sorrio para eles no mercado. Às vezes, até faço uma careta.

E ele disse:

– Todos os estalajadeiros devem se orgulhar de servir. Pois aquele que dá o pão e o vinho é o irmão daquele que colhe e recolhe espigas e as leva para a eira e daquele que esmaga as uvas no lagar. E todos vós sois gentis. Ofereceis vossa generosidade mesmo àqueles que não vêm com nada além de fome e sede.

Então, ele se virou para Judas Iscariotes, que guardava o dinheiro do grupo, e disse:

– Dá-me dois siclos.

E Judas lhe deu dois siclos, dizendo:

– Estas são as últimas moedas de prata de minha bolsa.

Jesus olhou para ele e disse:

– Em breve, muito em breve, tua bolsa estará preenchida de prata.

Colocou as duas moedas em minha mão e disse:

– Com isto, compra um cinto de seda para tua filha e pede-lhe que o use

no dia da Páscoa, em minha memória.

E olhando novamente para o rosto de minha filha, ele se inclinou e beijou sua testa. Então, disse mais uma vez:

– Boa noite a todos vós.

E foi embora.

Disseram-me que o que ele disse para nós foi registrado num pergaminho por um de seus amigos, mas o repito para vós como ouvi de seus próprios lábios.

Jamais esquecerei o som de sua voz quando ele disse aquelas palavras: “Boa noite a todos vós”. Se quiserdes saber mais dele, perguntai à minha filha. Ela é uma mulher agora, mas traz viva dentro de si a lembrança de sua infância. E ela sabe falar melhor do que eu.

Barrabás

As últimas palavras de Jesus

Eles me libertaram e escolheram a ele. Então, ele se elevou e eu caí. Fizem dele uma vítima e um sacrifício para a Páscoa. Eu fui libertado de minhas correntes e caminhei com a multidão atrás dele, mas eu era um homem vivo indo para o meu próprio túmulo.

Eu deveria ter fugido para o deserto onde a vergonha é queimada pelo sol. No entanto, andei com aqueles que o haviam escolhido para carregar meu crime.

Quando eles o pregaram na cruz, eu estava lá. Vi e ouvi tudo o que aconteceu, mas parecia estar fora do meu corpo.

O ladrão que foi crucificado à sua direita lhe disse:

– Estás sangrando comigo, mesmo tu, Jesus de Nazaré?

Jesus respondeu:

– Se não fosse por este prego que prende minha mão, eu a estenderia e seguraria a tua. Nós fomos crucificados juntos. Antes tivessem colocado tua cruz mais perto da minha.

Então, olhou para baixo e viu sua mãe e um jovem que estava ao lado dela. E disse:

– Mãe, eis que o teu filho está ao teu lado. Mulher, eis o homem que levará estas gotas do meu sangue ao norte.

E quando ele ouviu o lamento das mulheres da Galileia, disse:

– Vede, elas choram e eu tenho sede. Estou preso alto demais para

alcançar suas lágrimas. Não tomarei vinagre e fel para saciar esta sede.

Nesse momento, ele abriu muito os olhos, olhou para o céu e disse:

– Pai, por que nos abandonaste?

E então ele disse, cheio de compaixão:

– Pai, perdoa-os, porque eles não sabem o que fazem.

Quando ele proferiu essas palavras, vi todos os homens prostrados diante de Deus suplicando perdão pela crucificação desse homem. Mais uma vez, ele disse com uma voz impressionante:

– Pai, em tuas mãos entrego de volta o meu espírito.

Por fim, ergueu a cabeça e disse:

– Agora está consumado, mas somente sobre este monte.

E fechou os olhos.

Um raio fendeu o céu escuro e ouviu-se um grande trovão.

Sei agora que aqueles que o mataram em meu lugar engendraram meu infinito tormento. Sua crucificação durou menos de uma hora, mas eu viverei crucificado até o fim dos meus dias.

Cláudio, um guarda romano

Jesus, o estoico

Depois que ele foi pego, eles o confiaram a mim. E Pôncio Pilatos me ordenou que o mantivesse sob custódia até a manhã seguinte.

Meus soldados o levaram, e ele os obedeceu. À meia-noite, deixei minha esposa e meus filhos e fui visitar o arsenal. Eu tinha o hábito de dar uma volta para assegurar que tudo estava bem com meus batalhões em Jerusalém. Naquela noite eu visitei o arsenal onde ele estava detido.

Meus soldados e alguns jovens judeus zombavam dele. Eles o haviam despido de suas vestes e colocaram uma coroa de espinhos do ano anterior sobre sua cabeça. Depois eles o sentaram contra um pilar, e dançavam e gritavam diante dele. E lhe deram um junco para segurar.

Quando entrei, alguém gritou:

– Eis aí, meu capitão, o rei dos judeus.

Parei diante dele, fitei-o e fiquei envergonhado, não sabia por quê. Eu havia lutado na Gália e na Espanha e com meus homens havia enfrentado a morte. No entanto, nunca tive medo, nem fui covarde. Contudo, quando fiquei diante daquele homem e ele olhou para mim, perdi a coragem. Parecia que meus lábios estavam selados e eu não conseguia pronunciar nenhuma palavra. Saí logo do arsenal.

Isso aconteceu há trinta anos. Meus filhos, que eram bebês na época, são adultos agora. E servem a César e a Roma. Mas muitas vezes, ao aconselhá-los, falo dele, um homem que enfrenta a morte com a seiva da vida nos

lábios e com compaixão por seus assassinos nos olhos.

Agora estou velho. Vivi plenamente. E acho, de fato, que nem Pompeu nem César foram comandantes tão grandes como aquele Homem da Galileia.

Desde a sua morte sem resistência, um exército se levantou da terra para lutar por ele... E ele, mesmo morto, é servido por eles melhor do que Pompeu e César já foram servidos, enquanto vivos.

Tiago, o irmão do Senhor

A última ceia

Mil vezes fui visitado pela lembrança daquela noite. E agora sei que serei visitado mais mil vezes. A terra esquecerá os sulcos lavrados em seu peito, e a mulher, a dor e a alegria do parto, e eu não me esquecerei daquela noite.

À tarde, estávamos fora dos muros de Jerusalém, e Jesus dissera:

– Vamos agora à cidade e jantemos na estalagem.

Já havia escurecido quando chegamos à estalagem e estávamos com fome. O estalajadeiro nos cumprimentou e nos levou a uma sala no andar de cima. Jesus nos ordenou que sentássemos em volta da mesa, mas ele permaneceu de pé, olhando para nós.

– Traz-me uma bacia, uma jarra cheia de água e uma toalha – pediu ao estalajadeiro. E, dirigindo-se a nós de novo, disse gentilmente: – Tirais as sandálias.

Não entendemos, mas fizemos o que ele disse. O estalajadeiro trouxe a bacia e a jarra.

– Agora lavarei vossos pés – disse Jesus. – Pois preciso limpar vossos pés do pó da antiga estrada e dar-lhes a liberdade do novo caminho.

Ficamos envergonhados e constrangidos. Então, Simão Pedro levantou-se e disse:

– Como permitirei que meu Mestre e Senhor lave meus pés?

Jesus respondeu:

– Lavarei vossos pés para que lembreis que aquele que serve aos homens

será o maior entre os homens.

Ele olhou para cada um de nós e disse:

– O Filho do Homem, que vos escolheu como seus irmãos, aquele cujos pés foram ungidos ontem com mirra da Arábia e enxugado com cabelos de mulher, deseja agora lavar vossos pés.

Ele pegou a bacia e a jarra, ajoelhou-se e lavou nossos pés, começando com Judas Iscariotes. Depois, sentou conosco à mesa. Seu rosto era como a aurora despontando no campo de batalha após uma noite de luta e derramamento de sangue.

O estalajadeiro apareceu com sua esposa, trazendo comida e vinho. Embora eu estivesse com fome antes de Jesus se ajoelhar aos meus pés, agora eu não tinha estômago para comer. E havia uma chama em minha garganta que vinho nenhum apagaria.

Jesus pegou um pedaço de pão e nos deu, dizendo:

– Talvez não partamos o pão juntos novamente. Comamos este pedaço em lembrança de nossos dias na Galileia.

Ele derramou vinho da jarra num copo, bebeu e o ofereceu para nós, dizendo:

– Bebei isto em lembrança de uma sede que conhecemos juntos. E bebei também na esperança da nova safra. Quando eu for cingido e não estiver mais entre vós, e vos encontrardes, aqui ou em outro lugar, parti o pão e derramai o vinho, comei e bebei como estais fazendo agora. Então, olhai em volta, e talvez me vejais sentado convosco à mesa.

Depois de dizer isso, ele começou a distribuir entre nós pedaços de peixe e faisão, como um pássaro alimentando seus filhotes.

Comemos pouco, mas ficamos satisfeitos. Tomamos somente um gole, pois sentimos que a taça era como um espaço entre esta terra e outra terra.

Então Jesus disse:

– Antes de deixarmos esta mesa, levantemo-nos e entoemos os alegres hinos da Galileia.

Levantamo-nos e cantamos juntos. Sua voz sobressaía em relação à nossa, e havia um tom especial em cada uma de suas palavras.

Ele olhou para o rosto de cada um de nós e disse:

– Agora me despeço de vós. Vamos além destas paredes. Vamos até Getsêmani.

João, o filho de Zebedeu, disse:

– Mestre, por que te despedes de nós esta noite?

E Jesus respondeu:

– Que não se perturbe teu coração. Deixo-vos somente para preparar um lugar para vós na casa de meu Pai. Mas se precisardes de mim, voltarei para vós. Onde quer que me chameis, lá eu vos ouvirei, e onde quer que vosso espírito me busque, lá estarei. Não vos esqueçais que a sede conduz ao lagar e a fome, à festa de casamento. É em vosso desejo que encontrareis o Filho do Homem. Pois o desejo é a fonte do arrebatamento e é o caminho para o Pai.

João falou novamente e disse:

– Se realmente nos deixarás, como continuar alegre? E por que falar de separação?

E Jesus disse:

– O cervo caçado conhece a flecha do caçador antes de senti-la em seu peito; e o rio está ciente do mar antes de chegar à costa. O Filho do Homem percorreu os caminhos dos homens. Antes que outra amendoeira apresente flores ao sol, minhas raízes alcançarão o coração de outro campo.

Então Simão Pedro disse:

– Mestre, não nos deixes agora e não nos negues a alegria de tua presença. Aonde fores nós também iremos, e aonde quer que habites, ali também habitaremos.

Jesus pôs a mão sobre o ombro de Simão Pedro, sorriu para ele e disse:

– Quem sabe se não me negarás tu antes que esta noite termine e não me deixarás antes que eu te deixe?

Então, de repente, ele disse:

– Agora, vamos!

Ele saiu da hospedaria e nós o seguimos. Quando chegamos ao portão da cidade, Judas Iscariotes não estava mais conosco. Atravessamos o vale de Jahannam. Jesus andava muito à nossa frente, e nós caminhávamos perto uns dos outros.

Quando ele chegou a um bosque de oliveiras, parou e virou-se para nós, dizendo:

– Descansai aqui por uma hora.

A noite estava fria, embora estivéssemos em plena primavera, com as amoras desabrochando e as macieiras em flor. Havia um cheiro doce no ar que vinha dos jardins.

Cada um de nós procurou um tronco de árvore e nos deitamos. Eu me enrolei em meu manto e me deitei debaixo de um pinheiro.

Jesus nos deixou e foi caminhar sozinho no olival. Eu o observava enquanto os outros dormiam. De repente, ele parava e logo voltava a andar de um lado para o outro. Ele fez isso muitas vezes. Então o vi levantar o rosto para o céu e estender os braços para leste e para oeste. Certa vez, ele dissera: “O céu e a terra, assim como o inferno, são do homem”. E agora eu me lembrava de suas palavras e sabia que aquele que andava de um lado para o outro no olival era o céu feito homem; e concluí que o ventre da terra

não é um começo nem um fim, mas uma carruagem, uma pausa, um momento de admiração e surpresa. E o inferno eu também vi, no vale chamado Jahannam, que ficava entre ele e a Cidade Santa.

Enquanto ele estava lá, e eu deitado, envolvido em meu manto, percebi que ele falava, mas ele não estava falando conosco. Três vezes o ouvi pronunciar a palavra Pai. E isso foi tudo o que ouvi.

Depois de um tempo, ele deixou os braços caírem e ficou imóvel, como um cipreste entre meu olhar e o céu. Por fim, ele se aproximou outra vez de nós e disse:

– Despertai e levantai-vos. É chegada a minha hora. O mundo já cai sobre nós, armado para a batalha.

E então ele disse:

– Um instante atrás, ouvi a voz de meu Pai. Se não nos virmos novamente, lembrai que o conquistador não terá paz até ser conquistado.

E quando nos levantamos e nos aproximamos dele, seu rosto era como um céu estrelado sobre o deserto. Então, ele beijou cada um de nós no rosto, e quando seus lábios tocaram minha face, eles estavam quentes como a mão de uma criança febril.

De repente, ouvimos um grande barulho à distância, como de uma multidão, e quando o som chegou perto, vimos um grupo de homens se aproximando com lanternas e pedaços de pau. E se aproximavam com velocidade.

Quando chegaram à cerca do bosque, Jesus nos deixou e foi a seu encontro. Judas Iscariotes liderava o bando. Havia soldados romanos com espadas e lanças e homens de Jerusalém com porretes e picaretas.

Judas aproximou-se de Jesus e o beijou. Em seguida, disse aos homens armados:

– Este é o homem.

E Jesus disse a Judas:

– Judas, foste paciente comigo. Isso poderia ter acontecido ontem.

Então, ele se virou para os homens armados e disse:

– Levai-me agora. Mas vossa gaiola deve ser grande o suficiente para estas asas.

Nesse momento, eles caíram sobre ele e o prenderam, todos aos berros. Nós, em nosso medo, fugimos e procuramos escapar. Eu corri sozinho pelas oliveiras, sem força para ter consciência e sem nenhuma voz dentro de mim além do medo.

Durante as duas ou três horas que restaram daquela noite, passei fugindo e me escondendo, e ao amanhecer, cheguei a uma aldeia perto de Jericó.

Por que eu o deixei? Não sei. Mas para minha tristeza eu o deixei. Eu era um covarde e fugi perante seus inimigos.

Com repulsa e vergonha no coração, voltei a Jerusalém, mas ele era um prisioneiro, e nenhum amigo podia falar com ele.

Ele foi crucificado, e seu sangue fez nova argila da terra.

E eu ainda estou vivendo. Estou vivendo sobre o favo de mel de sua doce vida.

Simão de Cirene

Aquele que carregou a cruz

Eu estava a caminho dos campos quando o vi carregando sua cruz, e multidões o seguiam. Resolvi, então, andar a seu lado também.

Seu fardo o fez parar muitas vezes, pois tinha o corpo exausto. Um soldado romano se aproximou de mim e disse:

– Vem, tu és forte e robusto. Carrega a cruz deste homem.

Quando ouvi essas palavras, meu coração cresceu dentro de mim e me senti grato. Eu carreguei sua cruz. Ela era pesada, pois era feita de álamo, encharcado pelas chuvas do inverno. Jesus olhou para mim. O suor de sua testa escorria sobre sua barba. Mais uma vez ele olhou para mim e disse:

– Também bebes dessa taça? Sorverás delas comigo até o fim dos tempos.

Ao dizer isso, ele colocou a mão em meu ombro livre. E caminhamos juntos ao Monte do Calvário. Mas agora eu já não sentia o peso da cruz. Sentia apenas sua mão. E era como a asa de um pássaro em meu ombro.

Chegamos ao topo do monte, e lá estavam eles para crucificá-lo. E então senti o peso da árvore.

Ele não proferiu nenhuma palavra quando eles cravaram os pregos em suas mãos e em seus pés, e não emitiu nenhum som. Seus membros não tremeram sob o martelo. Parecia que suas mãos e seus pés haviam morrido e só voltariam a viver quando banhados em sangue. No entanto, parecia também que ele buscava os pregos como o príncipe busca o cetro e que ele

ansiava por ser elevado às alturas.

Não consegui sentir pena dele, pois meu coração estava maravilhado demais para tal. Agora, o homem cuja cruz eu carreguei se tornou minha cruz.

Se eles me dissessem de novo: “Carrega a cruz deste homem”, eu a carregaria até que meu caminho terminasse no túmulo. Mas imploraria a ele que colocasse a mão em meu ombro.

Isso aconteceu muitos anos atrás, e, ainda assim, sempre que sigo o sulco do arado no campo, e também naquele momento de torpor antes de adormecer, penso sempre naquele Amado Homem. E sinto sua mão alada, aqui, em meu ombro esquerdo.

Ciborea

A mãe de Judas

Meu filho era um homem bom e direito. Ele era terno e gentil comigo, e amava seus parentes e seus compatriotas. Odiava nossos inimigos, os malditos romanos, que usavam roupas roxas, embora não tenham fios nem se sentem em nenhum tear, colhendo e recolhendo frutos onde não araram nem semearam.

Meu filho tinha apenas dezessete anos quando foi pego atirando flechas na legião romana que passava pela nossa vinha. Mesmo naquela idade, ele falava aos outros jovens sobre a glória de Israel e dizia muitas coisas estranhas que eu não entendia.

Ele era meu filho, meu único filho. Ele sugou a vida desses seios agora secos e deu seus primeiros passos neste jardim, agarrando estes dedos que agora são como juncos trêmulos. Com estas mesmas mãos, jovens e frescas na época, como as uvas do Líbano, guardei suas primeiras sandálias num lenço de linho que minha mãe me dera. Ainda as guardo naquele baú, ao lado da janela.

Ele era meu primogênito e, quando deu o primeiro passo, eu também dei o primeiro passo. Pois as mulheres não caminham senão quando conduzidas por seus filhos.

E agora elas me dizem que ele morreu pelas próprias mãos, que se atirou de um penhasco pelo remorso de ter traído seu amigo, Jesus de Nazaré.

Sei que meu filho está morto. Mas sei que ele não traiu ninguém, pois ele

amava sua família e não odiava ninguém além dos romanos.

Meu filho buscava a glória de Israel, e só havia glória em seus lábios e seus atos. Quando ele encontrou Jesus na estrada, ele me deixou para segui-lo. E no meu coração eu sabia que ele estava errado em seguir qualquer homem. Quando se despediu, eu lhe disse que ele estava errado, mas ele não me deu ouvidos.

Nossos filhos não nos dão atenção. Como a maré alta de hoje, eles não se aconselham com a maré alta de ontem.

Peço-vos que não me pergunteis mais sobre meu filho. Eu o amava e o amarei para sempre. Se o amor estivesse na carne, eu a queimaria com ferros quentes e ficaria em paz. Mas ele está na alma, inacessível.

E agora não falarei mais. Ide perguntar a outra mulher mais honrada do que a mãe de Judas. Ide à mãe de Jesus. A espada atravessa seu coração também. Ela vos falará de mim, e vós entendereis.

A mulher de Biblos

Uma lamentação

Chorai comigo, ó filhas de Astarte e amantes de Tamuz,
Que vosso coração derreta, suba e escorra, qual lágrimas de sangue,
pois Aquele que era feito de ouro e marfim não existe mais.

Na floresta escura, o javali o atacou,
e suas presas perfuraram sua carne.
Agora ele está manchado com as folhas do passado,
e seus passos já não acordarão as sementes que dormem no seio da
primavera.

Sua voz não virá com o amanhecer à minha janela
e eu ficarei para sempre só.

Chorai comigo, ó filhas de Astarte e amantes de Tamuz,
porque meu Amado me escapou.
Aquele que falava como os rios,
Aquele cuja voz era irmã gêmea do tempo,
Aquele cuja boca era uma dor vermelha adocicada,
Aquele em cujos lábios a bÍlis se transformava em mel.

Chorai comigo, ó filhas de Astarte e amantes de Tamuz.
Chorai comigo ao redor de seu esquife como choram as estrelas e como as
pétalas de lua caem sobre seu corpo ferido.
Molhai com vossas lágrimas as cobertas de seda de minha cama,

onde meu amado se deitava outrora, em meu sonho,
desvanecendo em meu despertar.

Eu vos clamo, ó filhas de Astarte e amantes de Tamuz,
abri vosso peito e chorai. Consolai-me,
pois Jesus de Nazaré está morto.

Maria Madalena, trina anos depois

Sobre a ressurreição do espírito

Mais uma vez digo que, com a morte, Jesus venceu a morte e ressuscitou da sepultura como espírito e poder. E ele andou em nossa solidão e visitou os jardins de nossa paixão.

Ele não está ali, na fenda daquela rocha atrás da pedra.

Nós, que o amamos, o vimos com estes nossos olhos que ele fez enxergar e o tocamos com estas nossas mãos que ele ensinou a estender.

Eu vos conheço e sei que não acreditais nele. Já fui uma de vós, e sois muitos, mas esse número diminuirá.

É necessário quebrar a harpa e a lira para encontrar a música dentro dela? Ou derrubar uma árvore para acreditar que ela dá frutos?

Odiais Jesus porque alguém do norte disse que ele era o Filho de Deus. Mas vós também odiais uns aos outros porque cada um se considera grande demais para ser irmão do próximo. Vós o odiais porque alguém disse que ele nasceu de uma virgem e não da semente de um homem. Mas não conheceis as mães que vão para o túmulo ainda virgens, nem os homens que descem à sepultura sufocados com a própria sede. Não sabeis que a terra foi entregue em casamento ao sol, e que a terra é quem nos envia para as montanhas e o deserto.

Há um abismo entre aqueles que o amam e aqueles que o odeiam, entre aqueles que acreditam e aqueles que não acreditam. Mas, quando os anos cobrirem esse abismo, sabereis que aquele que viveu em nós é imortal, que

ele era o Filho de Deus assim como somos filhos de Deus, que ele nasceu de uma virgem assim como nascemos da terra sem par.

É estranho que a terra não dê aos incrédulos as raízes que sugam seu seio, nem asas com as quais possam voar alto e beber o orvalho de seu espaço, preenchendo-se. Mas eu sei o que sei, e isso me basta.

Um homem do Líbano

Dezenove séculos depois

Mestre, Mestre cantor,
Mestre de palavras não ditas,
sete vezes nasci e sete vezes morri
desde tua rápida visita e nossa breve recepção.
E eis que vivo novamente,
recordando um dia e uma noite entre as colinas,
quando tua maré nos levantou.
Depois disso, muitas terras e muitos mares cruzei,
e aonde quer que eu fosse conduzido, por sela ou vela,
teu nome era reza ou discussão.
Os homens te abençoavam ou maldiziam.
A maldição, um protesto contra o fracasso,
a bênção, um hino do caçador
que volta das colinas com provisão para a companheira.

*

Teus amigos ainda estão conosco, para nosso consolo e apoio,
e teus inimigos também, para nossa força e segurança.
Tua mãe está conosco.
Vejo o brilho de seu rosto no rosto de todas as mães.
Sua mão balança o berço com delicadeza
e dobra a mortalha com ternura.

Maria Madalena ainda está entre nós,
aquela que bebeu o vinagre da vida e depois seu vinho.
Judas, o homem da dor e das pequenas ambições,
ele também anda na terra.
Mesmo agora, ele ataca a si mesmo quando sua fome não encontra mais
nada,
e busca seu eu maior na autodestruição.

João, aquele cuja juventude amava a beleza, está aqui,
e ele canta, mesmo ignorado.
Simão Pedro, o impetuoso, que te negou para poder viver mais por ti,
ele também se senta perto de nossa fogueira.
Talvez tenha que te negar mais uma vez antes do alvorecer de outro dia,
mas ele seria crucificado em teu nome, e se julgaria indigno de tal honra.
Caifás e Anás ainda vivem,
e julgam os culpados e os inocentes.
Dormem em cama de penas,
enquanto aquele que eles julgaram é açoitado com varas.

*

A mulher que foi apanhada em adultério,
ela também anda pelas ruas de nossas cidades
e tem fome de pão ainda não cozido.
Está sozinha numa casa vazia.
Pôncio Pilatos está aqui também.
Impressionado diante de ti, ele ainda te questiona,
mas não ousa arriscar sua posição ou desafiar uma raça estrangeira.
E ele ainda está lavando as mãos.

Até agora Jerusalém segura a bacia e Roma, o jarro.
E entre as duas, milhares e milhares de mãos serão lavadas até a brancura.

*

Mestre, Mestre poeta,
Mestre das palavras cantadas e faladas,
eles construíram templos para abrigar teu nome,
e em todo monte ergueram tua cruz,
um sinal e um símbolo para guiar seus pés caprichosos,
mas não à tua alegria.

Tua alegria é um monte além de sua visão
e não os consola.

Eles preferem honrar o homem desconhecido para eles.

E que consolo há num homem como eles,
um homem cuja bondade é como sua própria bondade,
um deus cujo amor é como seu próprio amor
e cuja misericórdia está em sua própria misericórdia?

Eles não honram o homem, o homem vivo,
o primeiro homem que abriu os olhos e olhou para o sol
sem cerrar as pálpebras.

Não, eles não o conhecem, e eles não desejam ser como ele.

Eles preferem ser desconhecidos, caminhando na procissão dos
desconhecidos.

Suportam a tristeza, sua tristeza,
e não encontram consolo em tua alegria.

Seu coração dolorido não busca consolo em tuas palavras e na música delas.
E sua dor, silenciosa e sem forma, faz deles criaturas solitárias e

abandonadas.

Mesmo cercados por parentes e afins,

eles vivem com medo, desirmados.

Mas eles não querem estar sozinhos.

Eles se curvam para o leste quando sopra o vento oeste.

Chamam-te de rei,

e querem fazer parte de tua corte.

Declaram-te o Messias,

para que sejam, eles mesmos, ungidos com o óleo sagrado.

Sim, eles desejam viver de tua vida.

*

Mestre, Mestre cantor,

tuas lágrimas eram como as chuvas de maio,

e teu riso, como as ondas do mar branco.

Quando falavas, tuas palavras eram o sussurro distante de seus lábios

quando esses mesmos lábios deveriam arder em fogo.

Riste pelo tutano em seus ossos que ainda não estava pronto para o riso

e choraste por seus olhos que ainda estavam secos.

Tua voz criou seus pensamentos e sua compreensão,

dando à luz suas palavras e alento de vida.

*

Sete vezes nasci e sete vezes morri,

e agora vivo novamente, e te contemplo,

o lutador dos lutadores,

o poeta dos poetas,

rei acima de todos os reis,
um homem seminu com teus companheiros de estrada.
Todo dia o bispo abaixa a cabeça
quando pronuncia teu nome.
E todo dia os mendigos dizem:
“Pelo amor de Jesus,
dá-nos um centavo para comprar pão”.
Pedimos uns aos outros,
mas, na verdade, clamamos a ti,
feito maré alta na primavera de nossos desejos e necessidades,
e, quando chega o outono, feito vazante.
Qual maré alta ou baixa, teu nome está em nossos lábios,
ó, Mestre da infinita compaixão.

*

Mestre, Mestre de nossas horas solitárias,
aqui e ali, entre o berço e o féretro, encontro teus irmãos silenciosos,
os homens livres, libertados,
filhos de tua mãe Terra e do espaço.
São como os pássaros do céu
e como os lírios do campo.
Vivem a tua vida e têm os teus pensamentos,
que ecoam tua música.
Mas eles estão de mãos vazias
e não são crucificados com a grande crucificação.
E aí reside sua dor.
O mundo os crucifica todos os dias,

mas apenas de pequenas maneiras.

O céu não é sacudido,

e a terra não sente dor ao tragar seus mortos.

Eles são crucificados e não há ninguém para testemunhar sua agonia.

Viram o rosto para a direita e para a esquerda

e não encontram ninguém que lhes prometa um lugar em seu reino.

No entanto, eles desejam ser crucificados uma e outra vez,

para que teu Deus seja o Deus deles

e teu Pai, o Pai deles.

*

Mestre, Mestre amante,

a princesa aguarda tua vinda em sua alcova perfumada.

e a mulher casada e não casada, em sua jaula.

A prostituta que procura pão nas ruas de sua vergonha

e a freira que, em seu claustro, não tem marido,

assim como a mulher sem filhos, em sua janela,

onde a geada desenha a floresta na vidraça,

ela te encontra nessa simetria e,

sonhando ser tua mãe, se sente confortada.

*

Mestre, Mestre poeta,

Mestre de nossos desejos silenciosos,

o coração do mundo estremece com o pulsar de teu coração,

mas não se inflama com tua canção.

O mundo se põe a ouvir tua voz em tranquilo deleite,

mas não se dá o trabalho de se levantar de seu assento

para escalar os cumes de tuas colinas.

O homem deseja sonhar teu sonho, mas não pensa em despertar para teu amanhecer.

Qual seu maior sonho?

Enxergar com teus olhos, mas ele não arrastará os pés pesados até o teu trono.

Ainda assim, muitos foram entronizados em teu nome
e mitrados com teu poder,
transformando tua visita dourada
em coroas para sua própria cabeça e cetros para suas mãos.

*

Mestre, Mestre da luz,
cujos olhos moram nos dedos tateantes dos cegos,
ainda és desprezado e escarnecido,
um homem fraco e instável demais para ser Deus,
um Deus humano demais para merecer adoração.
Sua missa e seu hino,
seu sacramento e seu rosário são para seu eu aprisionado.
Tu és seu eu ainda distante, seu clamor longínquo e sua paixão.

*

Mas Mestre, coração celestial, cavaleiro de nosso sonho mais belo,
até hoje caminhas aqui.
Nem arcos nem lanças deterão teus passos.
Andas por entre todas as nossas flechas.
Sorris para nós,
e, embora sejas o mais novo de todos nós,

és pai de todos nós.

Poeta, cantor, grande coração,
que nosso Deus abençoe teu nome
e o ventre que te guardou,
e os seios que te deram leite.
E que Deus nos perdoe a todos.

Khalil Gibran

(1883-1931)

Gibran Khalil Gibran nasceu em 6 de dezembro de 1883, na cidade de Bisharri, no sopé da Montanha do Cedro, no norte do Líbano. O pai, um coletor de impostos, bebia e jogava, mas vinha de uma linhagem de intelectuais e de religiosos maronitas pelo lado da mãe. Khalil não teve uma educação formal, mas aprendeu inglês, francês e árabe ao mesmo tempo, além de revelar-se uma promessa precoce como artista, desenvolvendo uma paixão por Leonardo da Vinci aos seis anos de idade. Aos onze anos, toda a família, com exceção do pai, partiu para a América e estabeleceu-se em uma comunidade de imigrantes libaneses no bairro chinês de Boston. A mãe trabalhava como costureira, e o irmão mais velho, Boutros, abriu um armazém. Gibran frequentou a escola, onde seu nome começou a ser escrito como Khalil. Foi mandado para aulas de desenho e em seguida foi apresentado ao fotógrafo Fred Holland Day, que o usou como modelo e lhe encomendava desenhos.

Em 1898, Gibran foi mandado para casa para frequentar a escola Al Hikma, em Beirute. Estudou literatura francesa romântica e árabe. Em 1902, voltou para a família via Paris. Uma das irmãs, Sultana, morreu de tuberculose antes da sua chegada, e foi logo seguida pelo irmão, Boutros. Dentro de apenas algumas semanas, a mãe morreu de câncer, deixando-o com a irmã caçula, Mariana.

Gibran vendeu o armazém e passou a ganhar a vida como pintor.

Mais tarde, teve um romance com a jornalista Josephine Peabody, que o apresentou a Mary Haskell, uma professora que viria a ser sua patrocinadora e colaboradora. Sua carreira como escritor estabeleceu-se quando começou a escrever para o jornal árabe *Al-Mohajer*. Em 1905, o primeiro livro, *Al-Musiqah*, foi publicado. Seguiram-se mais artigos e livros, a maioria criticando o Estado e a Igreja e, em 1908, seu livro de poemas em prosa, *Al-Arwah al-Mutamarridah*, foi proibido pelo governo sírio e ele foi excomungado pela Igreja Síria. Mary Haskell patrocinou-lhe então uma estada de dois anos em Paris, onde Gibran estudou pintura na École des Beaux-Arts e na Académie Julian, onde fez uma exposição em 1910.

De volta aos Estados Unidos, depois de Mary Haskell ter recusado seu pedido de casamento, mudou-se para Nova York e trabalhou como pintor de retratos. Fazia exposições regularmente, e um livro com seus desenhos foi publicado. Em 1912, a publicação de sua novela *Asas partidas* rendeu-lhe uma correspondência permanente com May Ziadah, uma jovem libanesa que vivia no Cairo. Mary Haskell encorajou-o a escrever em inglês e, em 1915, apareceu um poema, “*The Perfect World*”, seguido do primeiro livro em inglês, *The Madman*, em 1918. Durante este tempo, continuou a escrever em árabe e a trabalhar como artista. Em 1920, Gibran tornou-se um dos fundadores de uma sociedade literária

chamada *Arrabitah* ou *O laço da pena*. Sua carreira como pintor e escritor florescia, mas estava com problemas cardíacos e começou a beber muito para mitigar as dores no coração. Era convidado com frequência a discursar para congregações de igrejas liberais. Em 1922, foi inaugurada uma exposição de seus desenhos a bico de pena e aquarelas e, em 1923, foi publicada sua obra-prima, *O profeta*. Foi um sucesso imediato e as vendas nunca caíram. Publicou vários outros trabalhos em inglês e em árabe, sendo o mais notável *Jesus, o Filho do Homem* (1928), antes de morrer de insuficiência hepática e tuberculose incipiente em 10 de abril de 1931. Gibran nunca perdeu a paixão pelo Líbano, sua terra natal, onde foi enterrado e onde é considerado uma lenda.

Texto de acordo com a nova ortografia.

Título original: *Jesus the Son of Man*

Tradução: Bruno Alexander

Capa: Ivan Pinheiro Machado

Preparação: Mariana Donner da Costa

Revisão: Patrícia Yurgel

CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

G382j

Gibran, Khalil, 1883-1931

Jesus, o filho do homem / Khalil Gibran; tradução Bruno Alexander. –
Porto Alegre [RS]: L&PM, 2019.

(Coleção L&PM Pocket, v. 1320)

Tradução de: *Jesus the Son of Man*

ISBN 978-65-5666-000-4

1. Ficção libanesa. 2. Filosofia. I. Alexander, Bruno. II. Título. III. Série.

19-58162 CDD: 892.73

CDU: 82-3(569.3)

© da tradução, L&PM Editores, 2018

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores
Rua Comendador Coruja 314, loja 9 – Floresta – 90220-180
Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777
Pedidos & Depto. Comercial: vendas@lpm.com.br
Fale conosco: info@lpm.com.br
www.lpm.com.br

Contents

1. [Jesus o Filho do Homem](#)
2. [Tiago, o filho de Zabedeu](#)
3. [Ana, a mãe de Maria](#)
4. [Assaf, o orador de Tiro](#)
5. [Maria Madalena](#)
6. [Filemon, o farmacêutico grego](#)
7. [Simão, que foi chamado de Pedro](#)
8. [Caifás](#)
9. [Joana, a esposa do mordomo de Herodes](#)
10. [Rebeca](#)
11. [Um filósofo persa em Damasco](#)
12. [Davi, um de seus seguidores](#)
13. [Lucas](#)
14. [Mateus](#)
15. [João, o filho de Zebedeu](#)
16. [Um jovem sacerdote de Cafarnaum](#)
17. [Um levita rico dos arredores de Nazaré](#)
18. [Um pastor do sul do Líbano](#)
19. [João Batista](#)
20. [José de Arimateia](#)
21. [Natanael](#)
22. [Saba de Antióquia](#)
23. [Salomé, a uma amiga](#)
24. [Raquel, uma discípula](#)
25. [Cléopas de Batrum](#)
26. [Naamá dis Gadarenos](#)
27. [Tomé](#)
28. [Elmadã, o lógico](#)

29. [Uma das Marias](#)
30. [Romanus, um poeta grego](#)
31. [Levi, um discípulo](#)
32. [Uma viúva da Galileia](#)
33. [Judas, o primo de Jesus](#)
34. [O homem do deserto](#)
35. [Pedro](#)
36. [Malaquias da Babilônia, um astrônomo](#)
37. [Um filósofo](#)
38. [Urias, um senhor de Nazaré](#)
39. [Nicodemos, o poeta](#)
40. [José de Arimateia, dez anos depois](#)
41. [Georgus de Beirute](#)
42. [Maria Madalena](#)
43. [Jotão de Nazaré, a um romano](#)
44. [Efraim de Jericó](#)
45. [Barca, um mercador de Tiro](#)
46. [Fumiá, a sumo-sacerdotisa de Sidon](#)
47. [Benjamin, o escriba](#)
48. [Zaqueu](#)
49. [Jônatas](#)
50. [Ana de Betsaida](#)
51. [Manassés, um advogado de Jerusalém](#)
52. [Jefté de Cesareia](#)
53. [João, o discípulo amado](#)
54. [Manus, o pompeiano, a um grego](#)
55. [Pôncio Pilatos](#)
56. [Bartolomeu em Éfeso](#)
57. [Mateus](#)
58. [André](#)
59. [Um homem rico](#)
60. [João em Patmos](#)

61. [Pedro](#)
62. [Um sapateiro de Jerusalém](#)
63. [Susana de Nazaré](#)
64. [José, conhecido como o “o justo”](#)
65. [Filipe](#)
66. [Birbará de Yamuni](#)
67. [Esposa de Pilatos, uma moça romana](#)
68. [Um homem de fora de Jerusalém](#)
69. [Sarkis, um velho pastor grego conhecido como “o louco”](#)
70. [Anás, o sumo-sacerdote](#)
71. [Uma mulher da vizinhança de Maria](#)
72. [Ahaz, o corpulento](#)
73. [Barrabás](#)
74. [Cláudio, um guarda romano](#)
75. [Tiago, o irmão do Senhor](#)
76. [Simão de Cirene](#)
77. [Ciborea](#)
78. [A mulher de Biblos](#)
79. [Maria Madalena, trina anos depois](#)
80. [Um homem do Líbano](#)